



Universidade de Brasília – UnB

Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução – Postrad

Mestrado Acadêmico em Tradução

Débora Otília Rodrigues

CAROLINE SCHLEGEL-SCHELLING:

Presença em cartas do pré-romantismo alemão à luz da prática tradutória experimental

Brasília

2025

DÉBORA OTÍLIA RODRIGUES

CAROLINE SCHLEGEL-SCHELLING:

Presença em cartas do pré-romantismo alemão à luz da prática tradutória experimental

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (Postrad) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Estudos da Tradução.

Área de Concentração: Tradução em Contexto.

Linha de Pesquisa: Teoria, Crítica e História da Tradução.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Alba Elena Escalante Alvarez.

Brasília
Fevereiro 2025

Ficha catalográfica elaborada automaticamente,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Rc

Rodrigues, Débora Otília
Caroline Schlegel-Schelling: Presença em cartas do
pré-romantismo alemão à luz da prática tradutória
experimental / Débora Otília Rodrigues; orientador Alba
Elena Escalante Alvarez. -- Brasília, 2025.
131 p.

Dissertação (Mestrado em Estudos de Tradução) --
Universidade de Brasília, 2025.

1. Estudos da Tradução.. 2. Tradução Literária
Experimental. 3. Pré-romantismo Alemão. 4. Cartas. 5.
Alteridade. I. Escalante Alvarez, Alba Elena, orient. II.
Título.

**Caroline Schlegel-Schelling: Presença em cartas do pré-romantismo alemão à luz da
prática tradutória experimental**

Débora Otília Rodrigues

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (Postrad) da Universidade de Brasília (UnB) como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Estudos da Tradução.

Defendida e aprovada em:

Banca examinadora:

Prof.^a Dr.^a Alba Elena Escalante Alvarez
Professora Orientadora (Postrad/UnB)

Prof. Dr. Tito Lívio Cruz Romão (PPGLetras/UFC)

Prof.^a Dr.^a Alessandra Ramos de Oliveira Harden (Postrad/UnB)

Prof.^a Dr.^a Eclair Antônio Almeida Filho – Suplente (Postrad/UnB)

Brasília, fevereiro de 2025.

Dedico este trabalho aos meus pais e filhos pelo tempo incondicional.

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Professora Doutora Alba Helena Alvarez Escalante, por acreditar em mim e neste trabalho. À Professora Doutora Helena Santhiago, pelo incentivo e sugestões precisas. Ao Postrad, por apoiar todo o processo. À professora Doutora Alessandra Harden pela confiança e à Jackeline Caixeta Santana pela inspiração.

RESUMO

Inserida no âmbito dos Estudos da Tradução, esta dissertação investiga a produção de Caroline Schlegel-Schelling (1763-1809), uma autora e tradutora pouco conhecida do Círculo de Jena e do pré-romantismo alemão. O foco principal incide sobre a análise e tradução de duas cartas escritas por Caroline Schlegel-Schelling durante o período do Frühromantik, ou pré-romantismo alemão, mais especificamente durante as invasões napoleônicas. A pesquisa, fundamentada nas teorias de autores como Walter Benjamin, Barbara Cassin e Antoine Berman, estabelece uma ligação entre a tradução, a história e a alteridade na ótica do pré-romantismo alemão. Com base no trabalho de autores como Andrea Wulf e Sigrid Damm, argumenta-se que a instabilidade sociopolítica e a constante ameaça estrangeira, características marcantes do período, são elementos cruciais para a compreensão da escrita epistolar de Caroline Schlegel-Schelling. As cartas, impregnadas de uma urgência de vida, incertezas e reflexões sobre o outro, são analisadas sob o ponto de vista da prática tradutória. Esta é entendida como uma rede de trocas dinâmicas entre o alemão do século XVIII e o português contemporâneo, explorando as possibilidades da tradução literária experimental. Neste contexto específico, a tradução não só revela aspectos de uma escrita epistolar singular, como também evidencia a presença de uma mulher revolucionária para a sua época, que se servia da escrita como forma de expressão e de intervenção no mundo.

Palavras-chave: Estudos da Tradução; Tradução Literária Experimental; Pré-romantismo Alemão; Cartas; Alteridade.

ABSTRACT

Within the framework of translation studies, this dissertation examines the production of Caroline Schlegel-Schelling (1763-1809), a little-known author and translator of the Jena Circle and German pre-Romanticism. Drawing on the theories of authors such as Walter Benjamin, Barbara Cassin, and Antoine Berman, the research establishes a link between translation, history, and otherness from the perspective of German pre-Romanticism. Drawing on the work of authors such as Andrea Wulf and Sigrid Damm, it argues that the socio-political instability and constant foreign threat that characterized the period are crucial elements in understanding Caroline Schlegel-Schelling's epistolary writing. The letters, imbued with the urgency of life, uncertainties and reflections on the other, are analyzed from the point of view of the practice of translation. This is understood as a network of dynamic exchange between 18th century German and contemporary Portuguese, exploring the possibilities of experimental literary translation. In this specific context, translation not only reveals aspects of unique epistolary writing, but also highlights the presence of a revolutionary woman for her time, who used writing as a form of expression and intervention in the world.

Keywords: Translation Studies; Experimental Literary Translation; Early Romanticism; Letters; Otherness.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Espaço e tempo em que o Círculo de Jena se formatou e realizou suas reuniões	34
Figura 2 – Conceito de <i>Bildung</i>	47
Figura 3 – Leitura do movimento entre o “próprio“ e o “estrangeiro“ a partir do Conceito de <i>Bildung</i>	47
Figura 4 – Mapa da Europa invadida por Napoleão com destaque para Prússia	53
Figura 5 – Unter der Herrschaft Napoleons ou sob a invasão de Napoleão	71
Figura 6 – Fotografia de Caroline Böhmer Michaelis Schlegel-Schelling	79
Figura 7 – Encontro cartográfico com Caroline Schlegel-Schelling	110

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
OBJETIVOS E METODOLOGIA	14
CAPÍTULO 1 – O CONTEXTO HISTÓRICO DO <i>FRÜHROMANTIK</i> OU PRÉ-ROMANTISMO ALEMÃO	24
1.1 <i>Frühromantik</i> e o Círculo de Jena	24
1.2 O significado de <i>Weltkultur</i> e a importância da tradução para os pré-românticos	39
CAPÍTULO 2 – A CHEGADA DO ESTRANGEIRO	53
2.1 O estrangeiro ambivalente durante a ocupação napoleônica	53
2.2 <i>Andersartigkeit</i> ou o estrangeiro, alguns conceitos possíveis	74
CAPÍTULO 3 – A DANÇA DAS PERSONAS E A CENA DAS CARTAS	76
3.1 <i>Dramatis personae</i> e bibliografias necessárias	76
3.2 Tradução de cartas entre amigos: correspondência entre Caroline Schlegel-Schelling e Novalis	84
3.3 Tradução à luz da prática experimental	86
3.4 Características particulares da Carta 1	96
3.5 Características e comentários da Carta 2	102
3.6 Aspectos intertextuais das cartas de Caroline Schlegel a Novalis	104
CONSIDERAÇÕES FINAIS	107
Contribuição de Caroline Schlegel-Schelling para o romantismo alemão e algumas palavras sobre a trajetória pessoal	108
REFERÊNCIAS	113
ANEXO 1 – CARTAS CAROLINE E NOVALIS	118
ANEXO 2 – PÔSTER	129

INTRODUÇÃO

“Gravei tua figura em uma gota de água, lancei a gota de água num pequenino arroio, o arroio foi rolando e perdeu-se num pequenino rio, o rio entrou no mar...depois te fui buscar e te achei dividida”.

(Homero Icaza Sánchez)

A presente pesquisa, situada no campo dos Estudos da Tradução, busca “redescobrir” Caroline Schlegel-Schelling enquanto escritora, tradutora e colaboradora do Círculo de Jena, lançando luz sobre seu legado, ainda que pouco reconhecido. A ausência de informações significativas nos registros oficiais no âmbito dos Estudos da Tradução no Brasil sobre essa mulher tradutora e seu apagamento do contexto histórico motivam esta investigação, situada na interseção entre a história da tradução, os estudos de gênero e o *Frühromantik*.

Caroline Schlegel-Schelling (1763-1809) foi uma figura singular do pré-romantismo alemão, mantendo intensa troca intelectual com Novalis e os irmãos Schlegel, participando ativamente dos debates sobre literatura, filosofia e, crucialmente, tradução, que fervilhavam no Círculo de Jena. Trazer sua voz à tona, por meio da tradução de suas cartas para o português, contribui para iluminar uma perspectiva feminina frequentemente ofuscada nas narrativas sobre o *Frühromantik*. Suas cartas, escritas em um período de grande instabilidade social e política, revelam não apenas a riqueza de sua escrita epistolar, mas também a força de uma mulher que, em um contexto adverso, desafiou as convenções e deixou sua marca na história do movimento pré-romântico.

A presente dissertação tem como *corpus* central as cartas de Caroline Schlegel-Schelling, um vasto acervo epistolar que oferece um panorama singular do cenário intelectual do início do Romantismo Alemão. A seleção e a análise desse material foram realizadas em duas etapas distintas.

Num primeiro momento, a pesquisa concentrou-se na leitura e na análise do conjunto de cartas reunidas nas obras de Sigrid Damm, em *Caroline Schlegel-Schelling: Ein Lebensbild*, e de Gisele Dischner, em *Briefe von und an Caroline*. Essas coletâneas representam um ponto de partida essencial para a compreensão da vida e do pensamento de Caroline, oferecendo um contexto rico para a análise de sua contribuição para a teoria da tradução.

A segunda etapa consistiu na tradução e análise aprofundada de duas cartas específicas, selecionadas com base em sua relevância para o tema da dissertação. A escolha dessas cartas foi guiada por referências que destacam o papel de Caroline no cenário intelectual da época,

com foco especial naquelas que evidenciam seu diálogo e a elaboração da teoria da tradução no contexto inicial do Romantismo Alemão.

A análise das cartas será complementada pela contextualização histórica da vida e obra de Caroline, bem como por uma breve exposição de sua trajetória pessoal e de sua luta por reconhecimento em uma sociedade marcada pela hegemonia masculina.

Caroline Schlegel-Schelling (1763-1809) irrompe no alvorecer do Romantismo alemão como figura de intelectualidade aguda, nutrindo intenso diálogo com nomes como Novalis e os irmãos Schlegel. A participação ativa nos debates literários e filosóficos que fervilhavam no Círculo de Jena assinala seu lugar na história intelectual. Contudo, persiste um silenciamento seletivo: sua voz, potente e provocativa, permanece um sussurro, especialmente em terras brasileiras. Resgatar sua produção, em especial a tradução de suas cartas para o português, não é apenas um ato de salvamento histórico, mas um grito de resistência contra o ostracismo imposto às mulheres no campo intelectual.

As cartas, forjadas em um tempo de convulsões sociais, excedem o papel de registros íntimos. São testemunhos da fibra de uma mulher que ousou desafiar as convenções e inscrever seu nome na história do Romantismo. Mas, a despeito de sua contribuição, a figura de Caroline foi relegada a segundo plano, inclusive no Círculo de Jena. Como observa Lilian R. Furst (1979, p. 72),

As mulheres no Romantismo alemão, mesmo aquelas que exerciam uma influência considerável em seus círculos, frequentemente enfrentavam o apagamento de suas contribuições, seja por meio da minimização de seu trabalho ou da atribuição de suas ideias a seus amigos de intelectuais.

Essa dinâmica de exclusão, alicerçada em preconceitos de gênero, silenciou vozes femininas no campo intelectual. O resgate da obra de Caroline Schlegel-Schelling, portanto, transcende o mero exercício acadêmico; é um imperativo ético e político. A tradução de suas cartas para o português é um passo crucial para ampliar o acesso à produção intelectual de uma mulher que, a despeito dos obstáculos, deixou sua marca na história do pensamento alemão. Caroline, ao traduzir Shakespeare, também se coloca como intelectual produtiva, não somente reproduutora de ideias, atitude que contribui para o debate dentro dos estudos da tradução.

Assim como Caroline, outras vozes femininas abriram suas escritas e falas naquela época, transitando entre os papéis da vida pública e pessoal e buscando serem ouvidas em suas sociedades. Esta dissertação, ao destacar a contribuição de Caroline para a tradução e o *Frühromantik*, busca também estabelecer um paralelo entre a tradução de ontem e de hoje,

refletindo sobre os desafios e as conquistas das mulheres no campo da tradução ao longo da história.

OBJETIVOS E METODOLOGIA

“Esse deslocamento é necessário para se apreender o outro. Sair e voltar a si muitas vezes não é confortável, contudo, e pode causar certo incômodo para a tradutora”.

(Lima; Filice; Harden, 2022, p. 131).

A presente pesquisa concentra-se na tradução de duas cartas de Caroline Schlegel Schelling, buscando compreender sua trajetória intelectual e social, frequentemente ofuscada pela proeminência de autores como Goethe, Schiller e Novalis. A análise de sua correspondência, especialmente a trocada com Novalis, permite traçar um panorama da vida intelectual e social da época e compreender como as guerras napoleônicas impactaram a produção e a circulação de ideias no período pré-romântico alemão.

O período pré-romântico alemão, marcado por intensas transformações sociais e políticas, foi palco das Guerras Napoleônicas, que impactaram significativamente a Europa no início do século XIX. Nessa situação conturbada, destaca-se a figura de Caroline Schlegel-Schelling, cuja obra e correspondência refletem as inquietações e os dilemas de uma época em transição. As guerras e invasões napoleônicas causaram profundas rupturas nas sociedades europeias, impactando as relações de poder, as fronteiras geográficas e o cotidiano das pessoas. Caroline Schlegel-Schelling, como mulher e intelectual inserida nesse contexto, testemunhou e experimentou os efeitos desses conflitos, refletidos em suas cartas e escritos.

Sua participação no Círculo de Jena e suas cartas desafiam a imagem passiva e submissa frequentemente atribuída às mulheres intelectuais da época. Ela não apenas inspirava os colegas do círculo, mas também participava ativamente dos debates intelectuais, expressando ideias e perspectivas próprias. Sua correspondência e produção intelectual revelam uma mulher que exerce seu intelecto e sua autonomia no panorama social e de gênero restritivo. As cartas de Caroline constituem, portanto, um valioso instrumento para a reconstrução da história intelectual do pré-romantismo alemão, pois permitem acessar vozes e perspectivas marginalizadas pelo discurso hegemônico da época.

A escolha da tradução das cartas de Caroline Schlegel-Schelling como objeto de estudo epistêmico transcende a mera curiosidade biográfica, firmando-se como uma via de acesso privilegiada a um complexo panorama sociocultural e intelectual do pré-romantismo alemão. As cartas, enquanto gênero epistolar, revelam camadas profundas da vida cotidiana, das relações interpessoais e dos debates intelectuais que moldaram o período. Ao traduzi-las, não

se busca apenas transpor palavras de um idioma para outro, mas sim decifrar um código cultural, desenterrar as nuances de um pensamento feminino em um contexto dominado por vozes masculinas.

Caroline Schlegel-Schelling não era apenas uma observadora perspicaz de seu tempo, mas uma protagonista ativa, imersa nas discussões sobre literatura, filosofia e, crucialmente, tradução. Sua própria prática tradutória, notadamente sua imersão na obra de Shakespeare¹, confere-lhe um lugar de destaque no debate sobre a tradução como ato criativo e interpretativo. Ao traduzir suas cartas, ecoa-se, em certa medida, seu próprio gesto tradutório, numa espécie de diálogo intertemporal que busca iluminar sua trajetória como intelectual e mulher.

A tradução experimental das cartas, portanto, não se limita a um exercício linguístico, mas se configura como um ato de resgate histórico e epistemológico. Busca-se dar voz a uma mulher que viveu apaixonadamente seu tempo, que desafiou as convenções e que deixou um legado intelectual rico e complexo. A tradução, nesse sentido, torna-se um instrumento de empoderamento, permitindo que a voz de Caroline ecoe através dos séculos, iluminando as relações entre gênero, tradução e poder no contexto do pré-romantismo alemão.

Ao analisar a correspondência de Caroline Schlegel-Schelling no cenário das invasões napoleônicas, a presente pesquisa busca aprofundar a compreensão do período pré-romântico alemão, revelando as complexas interações entre guerra, cultura e gênero. Nesse sentido, a tradução de cartas da autora citada torna-se uma ferramenta essencial para desvendar as vozes e as experiências de uma época marcada por transformações profundas.

Este trabalho está incluído no campo dos Estudos da Tradução, mais especificamente na área da tradução de cartas escritas pela autora pesquisada. Nesse pensamento sobre a tradução no período inicial do Romantismo Alemão é fomentada e elaborada dialogicamente, encontrando seu espaço no círculo íntimo da correspondência entre amigos (Schlegel, 1971).

Uma das fontes textuais para pesquisa será a tradução das cartas que o poeta Novalis, também colaborador da revista *Athenäum*, manteve com Caroline Schlegel. Friedrich von Hardenberg (Novalis) foi um dos maiores nomes do pré-romantismo alemão, ao lado dos irmãos Schlegel. Graças ao trabalho de escrita e revisão de Caroline, o trio filosófico se tornaria famoso

¹ Caroline Schlegel-Schelling auxiliou seu esposo August Wilhelm Schlegel nas traduções de Shakespeare. Segundo informações do Brooklyn Museum: “She married August Wilhelm Schlegel in 1796 and assisted him on his translation of Shakespeare”. Isso comprova que Caroline participou ativamente das traduções das obras do dramaturgo inglês. Cf: https://www.brooklynmuseum.org/eascfa/dinner_party/heritage_floor/caroline_schlegel. Acesso em: 1 mar. 2025.

ao popularizar o estilo reflexivo característico do movimento filosófico e estético chamado de *Frühromantik*.

Os pré-românticos, contudo, sempre estiveram associados à conexão entre a compreensão sensível do mundo inspirada na arte da poesia e a reflexão pura da razão. Em sua fase inicial, eles assumiram uma posição pendular entre o método hermético racional e a rebeldia curiosa por tudo que não se pode mensurar metodologicamente, como o sentir sem finitude a existência e a arte. Assim, eles se propõem a “conectar o infinitamente (exatamente)”, como deduzia Friedrich Hölderlin (*apud* Pigenot, 1943, p. 309), poeta alemão do pré-romantismo, na busca por formas livres de sentir o pensar.

A ideia de que o processo reflexivo é infinito e que sua conexão em si mesma ocorre em um universo espiritual infinitamente configurável, ou seja, que é o germe de uma organização que abarca o todo pela linguagem, também está presente no conceito da teoria romântica do conhecimento e no paradoxo da consciência (Benjamin, 1993).

A teoria pré-romântica do conhecimento, baseada na reflexão, está assentada no paradoxo da consciência, que oscila entre a hierarquia da natureza das reflexões e sua eventual fonte de origem e imensa faculdade da intuição observadora. No processo artístico, estamos livres dessa finitude, mas conscientes do momento imediato dessa criação.

As cartas escolhidas terão como critério seletivo as referências ao lugar, ao momento e ao objeto, considerando quem era e o que expressava a voz da autora no período pré-romântico alemão. Primeiramente, será feita a tradução e, depois, o comentário sobre as cartas, explicitando o conteúdo de suas mensagens quando foram escritas. Além das cartas, foram utilizados alguns fragmentos de estudiosos que publicaram versões sobre a vida e a obra de Caroline Schlegel-Schelling como apoio teórico.

A investigação tem como interlocutor principal das cartas de Caroline o poeta Novalis, também colaborador da revista *Athenäum*. Junto aos irmãos Schlegel, Friedrich von Hardenberg (Novalis) foi um dos maiores nomes do pré-romantismo alemão e um dos amigos mais atentos às ideias de Caroline. Juntos, os irmãos August e Friedrich Schlegel e Novalis se tornaram conhecidos ao popularizar o estilo reflexivo do movimento filosófico e estético chamado de *Frühromantik*, graças ao trabalho de escrita e revisão de Caroline Schlegel-Schelling.

O ponto de partida deste trabalho é a correspondência singular que a autora manteve com o poeta e filósofo alemão do pré-romantismo, mais conhecido pelo pseudônimo Novalis. A correspondência trocada entre esses amigos unidos pelo Círculo de Jena revela posturas, metáforas e fontes históricas importantes sobre como era fazer parte de um grupo que se tornou

tão importante para os estudos da tradução. Nas cartas, tornam-se mais visíveis as pistas sobre o papel da mulher na tradução desse período, além de esboçar a alteridade daquelas que não constam dos manuais e resistem, mesmo quando silenciadas pelas condições e circunstâncias sociais.

A partir disso, os objetivos desta dissertação são:

Objetivo 1: Traduzir e analisar as cartas de Caroline Schlegel-Schelling, com foco na correspondência com Novalis, visando a compreender seu papel e participação no movimento pré-romântico alemão.

Objetivo 2: Investigar, através da tradução e análise das cartas, o posicionamento de Caroline Schlegel-Schelling frente aos desafios e dilemas de sua época, revelando suas reflexões críticas sobre os eventos históricos, as relações de gênero e a produção intelectual do período.

Objetivo 3: Reconstruir a trajetória intelectual e social de Caroline Schlegel-Schelling no contexto do pré-romantismo alemão, demonstrando sua contribuição para o movimento e sua atuação como mulher e intelectual em uma época de profundas transformações.

Assim, a divisão do trabalho ficará em três capítulos dispostos da seguinte maneira:

No primeiro capítulo, são apresentados o contexto histórico e cultural da fase inicial do Romantismo Alemão (*Frühromantik*) e do Círculo de Jena, além do significado do conceito de *Weltkultur* para os pré-românticos.

No segundo capítulo, discutem-se o conceito de alteridade e a relação ambivalente dos pré-românticos com o estrangeiro durante a ocupação napoleônica.

No terceiro capítulo, são traduzidas as duas cartas de Caroline Schlegel-Schilling para Novalis. Os comentários sobre as características das cartas são apresentados após a tradução espelhada.

Ao traduzir cartas de Caroline Schlegel, pretende-se revelar um pouco mais da situação socioeconômica que retrata o esquecimento oficial, não somente dos grandes nomes da teoria da tradução, mas também das redes sistêmicas que apagam as personas femininas da memória coletiva. Um hiato que todas nós, como mulheres, pesquisadoras, tradutoras e autoras, carregamos.

Nesta dissertação, propõe-se um mergulho em cartas contendo relatos pessoais e diálogos transcritos sobre acontecimentos cotidianos. Esses materiais foram produzidos por uma mulher que acreditava na rede infinita de conexões entre amizade, política, filosofia e vida pessoal, a partir de leituras e pesquisas de ensaios críticos e obras literárias pouco conhecidas.

Portanto, os exemplares bibliográficos utilizados nesta pesquisa correspondem, majoritariamente, ao período em que a autora viveu em Jena e participou ativamente do círculo pré-romântico da cidade. Esse período foi delimitado entre 1799 e 1801. Sobre essa perspectiva, Antoine Berman (2002, p. 95) comenta:

O horizonte da literatura e tradução alemãs acontece no final do séc. XVIII, assim como o lugar, em todo caso central, que lhe é reservado no campo cultural, concebido pelo conflito entre o movimento Clássico e Romântico, a tensão que agitará essa cultura por todo século XIX e para além dele acontece em meio às invasões napoleônicas por toda Europa.

Minhas fontes de apoio são a autora Barbara Cassin e os autores Walter Benjamin, Antoine Berman, além de Márcio Seligmann-Silva, cujas obras possibilitam este estudo. O presente estudo se beneficia das contribuições de autores como Barbara Cassin, Walter Benjamin, Antoine Berman e Márcio Seligmann-Silva, cujas obras, em traduções para o português, oferecem referenciais teóricos essenciais. Destacam-se especificamente: a reflexão de Benjamin (2012) sobre a “tarefa do tradutor” lança luz sobre a natureza da tradução como um processo que transcende a mera transposição de palavras, buscando a essência da linguagem original. Berman (2002), por sua vez, explora a dinâmica cultural e tradutória no contexto do Romantismo Alemão, oferecendo um panorama crucial para a compreensão do papel de Caroline Schlegel-Schelling nesse cenário.

A obra de Cassin (2016a), com seu Vocabulário europeu de filosofias, desvela a complexidade dos conceitos filosóficos e seus “intraduzíveis”, fornecendo um instrumental valioso para a análise das nuances da linguagem na tradução. Seligmann-Silva (2005), em seus ensaios, investiga a relação entre memória, arte, literatura e tradução, contribuindo para a reflexão sobre o “local da diferença” e a importância da tradução como um ato de interpretação e mediação cultural.

Essas traduções possibilitam o acesso a conceitos e discussões cruciais para a análise da teoria da tradução no contexto do Romantismo Alemão, permitindo um estudo aprofundado das ideias de Caroline Schlegel-Schelling e sua relação com o pensamento de seus contemporâneos e de teóricos posteriores.

Outro referencial teórico são os livros consultados na Universidade de Letras e Tradução na cidade alemã de Jena, no ano passado, de algumas autoras alemãs, tais como: Sigrid Damm, Gisela Dischner, Annabelle Senff, Elke Pilz e Andrea Wulf.²

O presente estudo tem por objetivo traduzir duas cartas de Caroline Schlegel-Schelling sob a perspectiva da filosofia de Gilles Deleuze e Félix Guattari (2002). Aplicando os conceitos de “linha”, “reprodução”, “seguimento” e “fluxo”, busca-se investigar a complexa rede de relações presente no processo tradutório, compreendendo a alteridade como um elemento dinâmico e em constante transformação.

A metodologia adotada é a pesquisa bibliográfica qualitativa (Gil, 2023) a partir das obras de autoras e autores já citados, quando são discutidos o contexto histórico e o ato da tradução enquanto conexão entre outros saberes, como a História, a Filosofia e a Literatura. Os textos teóricos serão citados e comentados ao longo das páginas nesta dissertação.

Inicialmente, serão buscados indícios que revelem qual era a voz da escrita de uma mulher “quase autorizada” como Caroline Schlegel-Schelling e como isso reverberou na sua correspondência. Afinal, como comenta Elke Pilz no prefácio de *Bedeutende Frauen des 18. Jahrhunderts*:

Algumas das representantes femininas deste movimento cultural e as suas realizações literárias merecem conhecimento e reconhecimento por razões acadêmicas e humanísticas. As contribuições são sobre Anna Amalia, Angelica Kauffmann, Caroline Schlegel-Schelling, Dorothea Schlegel, Henriette Herz, Johanna Schopenhauer, Rachel Varnhagen, entre outras. As biografias destas mulheres demonstram que o movimento de emancipação social e intelectual, fortemente observado na Europa no século XX, tem as suas raízes no século XVIII. Traçar esta tradição de emancipação feminina parece fazer sentido, porque os primeiros modelos de autorrealização feminina já podem ser utilizados para estudar os aspectos que são altamente relevantes para reconhecer a emancipação das mulheres do século XXI (Kaminski, 2007, p. 49, tradução nossa).

Na etapa seguinte, de cruzamento de informações referentes ao pré-romantismo nos respectivos textos selecionados, mapeiam-se os dados coletados analisando sob o ponto de vista do método da “teoria das linhas”, criado pelos pesquisadores (Deleuze; Guattari, 2002), e refletindo sobre o que e como escreveram estes autores a respeito do conceito de alteridade. A partir desse quadro mapeado, formulam-se hipóteses considerando a dialogia entre as falas escritas e traduzidas. No entrecruzamento das informações averiguadas, investigam-se alguns

² Todas as traduções dos textos citados em alemão, inglês e espanhol nesta dissertação, bem como a dos títulos dos livros que foram utilizados, são traduções de autoria própria.

traços do movimento pré-romântico nas cartas de Caroline Schlegel-Schelling e sua participação no curso da história desse movimento.

Assim, a tradução do epistolário de Caroline Schlegel-Schelling se apresenta como um caso exemplar para a aplicação da referida metodologia. A correspondência da autora, marcada por sua inserção no círculo intelectual do Romantismo Alemão e por suas relações com figuras como Goethe e os irmãos Schlegel, apresenta um desafio singular para o tradutor, que precisa navegar por diferentes camadas de sentido e recriar, em outra língua, a teia de relações que envolve o texto original. A alteridade será estudada como um “ traço” ou “ linha” em constante movimento. A alteridade indicada pelo fio discursivo das cartas se reproduz em padrões e estruturas e se desdobra em fluxos e devires, apresentando-se como um desafio constante para o tradutor, que precisa manter-se atento à sua presença multifacetada.

O recorte temporal do pré-romantismo europeu, marcado pelas guerras napoleônicas e pela ascensão do nacionalismo, adiciona uma nova camada de complexidade à análise. As linhas que compõem o mapa também se tornam linhas de “fuga”, representando as rupturas e transformações que caracterizaram esse período. A tradução de duas cartas de Caroline Schlegel-Schelling se insere nesse contexto como uma forma de resistência e recriação, um espaço de afirmação da diferença e da singularidade.

Portanto, a análise da tradução do epistolário de Caroline Schlegel-Schelling será feita a partir da identificação e do mapeamento das linhas que se entrelaçam no processo tradutório. Linhas linguísticas, históricas, culturais, pessoais e afetivas se cruzam e se tensionam, criando um mapa complexo que revela a dinâmica da tradução como um espaço de encontro e confronto entre diferentes “territórios”.

A título de exemplificação metodológica, será apresentado ao final da dissertação um mapa que materializa as linhas identificadas na análise da tradução. Construído a partir da leitura atenta do epistolário e da tradução, esse mapa busca tornar visíveis as relações entre os diferentes elementos que compõem o processo tradutório, revelando as tensões, os fluxos e as transformações que o caracterizam. Assim a presente pesquisa procura realizar a tradução de um fragmento do extenso arquivo de cartas que escreveu Caroline Schlegel-Schelling, para mapear as linhas que se entrelaçam no processo de estudar a alteridade como um elemento dinâmico e em constante transformação.

De acordo com esses posicionamentos, é possível também exercitar os próprios conceitos da linguagem traduzida como sua língua fonte e língua-alvo, concebida em vetores de deslocamento dentro desse ou qualquer outro ramo do conhecimento. Essa maneira de ver o

outro como um tipo de traço, sempre em movimento entre territórios-acontecimentos, possibilita a visualização e a comparação dos resultados encontrados.

Este trabalho é, antes de tudo, uma tentativa de trazer à tona, no âmbito da pesquisa acadêmica, uma das autoras desconhecidas de uma fase tão importante para o campo dos Estudos da Tradução quanto o Romantismo Alemão em seu momento mais revolucionário e ambivalente. É dentro deste período – 1765 a 1790 – que, segundo Romão (2013), em sua tese de doutorado, surgiu o movimento literário *Sturm und Drang* na Alemanha, liderado por jovens que se opunham à razão iluminista e defendiam a paixão e a recusa da autoridade (Romão, 2013).

Esse movimento, cujos expoentes foram Goethe e Schiller, contribuiu para o declínio da estética barroca e classicista, processo que se consolidaria no Romantismo do século XIX. Em suas diferentes fases, o Romantismo Alemão contou com eruditos que se dedicaram à teorização sobre a tradução, ainda que indiretamente, como Novalis, Schlegel e o próprio Goethe. Novalis, em carta a Schlegel, expressa suas impressões sobre a tradução literária no final do século XVIII e defende a necessidade de se discutir o papel do tradutor. Também dentro desse período se formou o Círculo de Jena.

Afinal, nomes como Goethe, Schlegel, Novalis, Schleiermacher são conhecidos da cultura e tradição ocidental da tradução. Em contrapartida, há referências mínimas sobre as mulheres tradutoras desse período. Refletir sobre o apagamento das autoras e tradutoras é necessário e elucidativo. Assim como é o caso de Caroline Schlegel-Schilling, existem outras cujo trabalho ainda estamos por estudar e reconhecer.

O apagamento das mulheres e de suas identidades no pré-romantismo alemão, assim como na história dos Estudos da Tradução, coincide com tantas outras vozes femininas “esquecidas” ao longo da história. Esse fato convida a pesquisas mais cuidadosas e à referência em academias e outros centros de formação.

A vida de Caroline Schlegel-Schelling, marcada por constantes deslocamentos geográficos e transformações pessoais, assemelha-se a um “itinerário” no sentido proposto por Deleuze e Guattari (2002). Assim como a tradução, que exige movimentação entre línguas e culturas, a trajetória da autora foi atravessada por mudanças, adaptações e negociações. Ela se casou três vezes, viveu em diversas cidades, transitou por diferentes círculos intelectuais e experimentou variados papéis sociais.

Essa “itinerância” se reflete em sua produção intelectual, em particular em suas traduções. Caroline Schlegel-Schelling traduziu obras do francês, do inglês e do italiano para o

alemão, atuando como mediadora entre diferentes culturas e contribuindo para a circulação de ideias em sua época. Seus próprios textos, incluindo cartas, ensaios e traduções, revelam uma escritora que transita entre diferentes gêneros e estilos, experimentando e inovando em sua escrita.

Caroline Schlegel-Schelling demonstrou notável versatilidade linguística e cultural em suas traduções, transitando entre obras de diversos idiomas. Embora seu trabalho de tradução com August Wilhelm Schlegel das obras de Shakespeare seja o mais famoso, ela também traduziu outras obras. É importante, contudo, notar que as obras por ela traduzidas muitas vezes não tinham seus nomes creditados, pois ela trabalhava em colaboração com outros intelectuais, principalmente com seu marido August Wilhelm Schlegel. Essa falta de atribuição dificulta a especificação de todas as suas traduções individuais. No entanto, fica claro que ela desempenhou um papel significativo na mediação entre diferentes culturas por meio de seu trabalho de tradução³.

Além do resgate da figura histórica de Caroline Schlegel-Schelling, há um importante legado contemporâneo que perpetua sua memória e influência no mundo literário: o Prêmio Caroline-Schlegel-Preis der Stadt Jena. A premiação, concedida pela cidade de Jena, na Alemanha, homenageia a intelectual e incentiva jovens escritores no início de suas carreiras. A importância desse prêmio reside não apenas em seu reconhecimento da excelência literária, mas também em seu papel crucial no apoio a novos talentos, oferecendo-lhes uma plataforma para visibilidade e desenvolvimento.

Ao fornecer um incentivo financeiro significativo, o prêmio possibilita que jovens escritores dediquem mais tempo e recursos à sua arte, impulsionando suas trajetórias literárias. Além disso, o reconhecimento público proporcionado pelo prêmio valida seus esforços e os conecta a uma rica tradição literária, na qual Caroline Schlegel-Schelling desempenhou um papel fundamental.

O prêmio celebra o gênero do ensaio, assim como os trabalhos de Caroline Schlegel-Schelling, mantendo sua memória viva e forte na atualidade. Além disso, oferece oportunidades para que os jovens escritores iniciem suas carreiras⁴.

A escolha das cartas de Caroline Schlegel-Schelling como objeto de análise nos Estudos da Tradução não se limita a um interesse biográfico, mas se revela como uma via crucial para

³ Essa informação pode ser encontrada em diversas fontes, incluindo sites de museus e encyclopédias on-line, como o Brooklyn Museum. Cf. https://www.brooklynmuseum.org/eascfa/dinner_party/heritage_floor/caroline_schlegel. Acesso em: 1 mar. 2025.

⁴ Cf. <https://blog.jena.de/jenakultur/2023/06/16/caroline-schlegel-preis-der-stadt-jena-2023/>.

a compreensão das nuances da atividade tradutória em um contexto histórico e cultural específico. Ao se debruçar sobre a obra de Caroline Schlegel-Schelling, a pesquisa se beneficia da perspectiva de “itinerância”, conceito que abarca tanto os deslocamentos físicos quanto intelectuais que marcaram sua trajetória. Essa abordagem permite identificar os movimentos e transformações que moldaram sua prática como tradutora, revelando como as experiências de vida e os intercâmbios intelectuais influenciaram suas reflexões e questionamentos sobre a tradução.

As cartas, em particular, emergem como um material de pesquisa de valor inestimável. Através delas, é possível acompanhar o desenvolvimento do pensamento de Caroline sobre a tradução, suas interações com outros intelectuais do círculo pré-romântico de Jena e suas vivências cotidianas. Esses documentos revelam a tradução como um processo dinâmico e multifacetado, intrinsecamente ligado à vida e às experiências da tradutora. Essa perspectiva se alinha com a visão de Barbara Cassin (2016a), que, ao discutir a tradução de textos experimentais, argumenta que a tradução é um processo de “itinerância” entre línguas e culturas, no qual o tradutor se torna um “viajante” que busca criar um espaço de diálogo e compreensão mútua.

A “itinerância” existencial de Caroline Schlegel-Schelling, marcada por exílio político e desterritorialização, ecoa na experiência pessoal da pesquisadora, criando um ponto de conexão que aprofunda a compreensão dos desafios enfrentados pela autora. Essa identificação não se limita a uma mera semelhança biográfica, mas se estende à dimensão da “impossibilidade da tradução”, tema central tanto na vida de Caroline quanto na pesquisa em andamento. Ao reconhecer as complexidades e os limites da tradução, a pesquisa busca ir além da busca por equivalências perfeitas, explorando as tensões e os conflitos que permeiam o ato de traduzir.

Essa ideia da “impossibilidade da tradução” pode ser relacionada com as discussões presentes em Barbara Cassin (2016a), especificamente no contexto do *Vocabulário europeu de filosofias*. Nesta obra, a autora e sua equipe exploram o conceito de “intraduzíveis”, termos e expressões que não possuem equivalentes diretos em outras línguas, evidenciando a complexidade e os limites da tradução como um processo que busca transpor significados entre diferentes sistemas linguísticos e culturais.

A apresentação de um mapa ao final da dissertação, como ferramenta metodológica, visa a tornar visíveis as intrincadas relações entre os diferentes elementos da tradução, revelando sua complexidade e recusando uma visão reducionista. Essa abordagem cartográfica, inspirada na ideia de itinerância de Caroline Schlegel-Schelling e na concepção de tradução

como um processo de deslocamento e transformação, busca construir um novo paradigma para os Estudos da Tradução, que valorize a experiência individual da tradutora e a dimensão cultural e histórica da tradução.

CAPÍTULO 1 – O CONTEXTO HISTÓRICO DO *FRÜHROMANTIK* OU PRÉ-ROMANTISMO ALEMÃO

“Para entender melhor o que está em jogo, é bom lembrar que se vive na Alemanha romântica e clássica um axioma do absoluto, em que traduzir é considerado como um dos momentos fundamentais de constituição da cultura”.

(Berman, 2007, p. 78)

1.1 *Frühromantik* e o Círculo de Jena

O Círculo de Jena nasce com o que costuma ser chamado, na história da filosofia e literatura, de Romantismo inicial ou, em alemão, *Frühromantik*. Essa reunião de pessoas ligadas pela amizade e uma imensa curiosidade cultural, cujo vínculo se manifestou principalmente na publicação da revista literária e filosófica *Athenäum*, aconteceu na cidade de Jena entre os anos de 1798 e 1800 e teve um lugar de encontros demarcado pela sintonia artística, filosófica e cultural – mais precisamente a casa de Caroline Schlegel-Schelling e seu então esposo, August Wilhelm Schlegel.

Esse espaço, onde se reunia o grupo composto de professores, estudantes e artistas, foi palco de um debate filosófico que questionava o sistema do racionalismo kantiano, os modelos imortais do classicismo da arte em Schiller e a intransigência dos esquemas culturais em Herder.

Segundo Romão (2013), Herder, com seus estudos sofisticados sobre a origem da linguagem, influenciou uma geração de pensadores que se dedicaram à teorização da tradução. O autor destaca a dicotomia presente na compreensão do ato de traduzir, evidenciada pelo jogo de palavras com os verbos alemães “*übersetzen*” e “*übertragen*”, que expressam a dualidade entre “traduzir” e “transportar” (Romão, 2013, p. 147). Uma polarização resultante ainda do pensamento iluminista e que, discutida pelo Círculo de Jena, avançava em vias mais abrangentes para prática tradutória.

Os pré-românticos acreditavam na mobilidade e nas possibilidades de troca entre uma visão cultural e outra, por isso, sua maior resposta era a tradução de outras culturas para a formação de novas e móveis opiniões. Ao reler textos antigos ou novos em qualquer língua que poderiam traduzir, eles encontravam novos e únicos sentidos para o que era o momento experienciado.

Naquela ocasião, o pensamento romântico alemão foi influenciado por figuras proeminentes da filosofia, como Kant, Schiller e Herder. Esses autores compartilhavam a concepção de que a realidade não se resume a uma visão objetiva e matemática da observação

da natureza, da qual o homem seria parte integrante. Ao contrário dessa perspectiva, Kant (2008) propôs que o “gosto” – a faculdade de julgar um objeto ou uma representação – se baseia em uma satisfação ou insatisfação desprovida de interesse, definindo o “belo” como o objeto dessa satisfação. Assim, a intuição e o valor do “Eu” subjetivo, na visão desses filósofos, seriam estados consequentes do desenvolvimento histórico e cultural do homem, distintos daquilo que é considerado certo, original ou belo. Essa visão contemplativa seria expandida, no Romantismo, para abranger múltiplas perspectivas do “Eu” na natureza e no outro.

Outro professor e pensador do grupo de amigos foi Fichte,⁵ um dos filósofos particularmente importantes para o círculo de Caroline Schlegel-Schelling e dos irmãos Schlegel. Em sua visão da subjetividade, Fichte acreditava que o “Eu”, por meio da atividade prática e intelectual, dá sentido ao mundo. A relação dos pré-românticos com a filosofia de Fichte revela muito sobre seu próprio pensamento. Como postulava o filósofo do livre-arbítrio alemão: “O Eu põe a si mesmo, e põe-se por si mesmo, e põe-se a si mesmo por meio de sua própria atividade. É ao mesmo tempo o agente e o produto da ação; o ativo e o passivo; o que põe e o que é posto. É um sujeito-objeto, em que o sujeito e o objeto são absolutamente idênticos.” (Fichte, 1992, p. 97).

Embora os pré-românticos não fossem completamente adeptos da filosofia do “Eu” ou “Ich”, reconheciam a vontade, a emoção e o livre-arbítrio do “ouço-o parte da visão da realidade”, pois ela é estabelecida junto a um sujeito, não sendo meramente lembrada como se fosse o resultado de um experimento. Assim delegamos à relação entre o dentro e o fora uma mobilidade constante, nesse dinamismo criativo em que o fio condutor das rupturas é justamente a possibilidade de: “unidade entre o antigo e o moderno, entre a poesia e a filosofia, entre a arte e a vida, entre as mais diversas e multifacetadas formas de manifestação do espírito humano. Unidade entre o espírito e a natureza, unidade entre o condicionado e o absoluto” (Medeiros, 2020, p. 9).

A maneira pela qual fazemos uma imagem do mundo ou o descrevemos como tal é precisamente o resultado dos atos de espontaneidade dos seres humanos. Em um sentido muito significativo, o círculo de Jena acreditava que o fruto de seus atos criativos e imaginativos estava em todos os movimentos artísticos e filosóficos. Para Novalis,

[...] traduzir é uma arte que exige não apenas o domínio das línguas, mas também a capacidade de penetrar no espírito de diferentes culturas e de recriar, em outra língua, a riqueza e a singularidade do texto original. A tradução, em

⁵ Johann Gottlieb Fichte (1762-1814) foi um filósofo alemão de grande importância na história do pensamento ocidental, um continuador da filosofia crítica de Kant e um precursor da filosofia do espírito de Schelling e Hegel.

sua essência, é um ato de criação, que abre novas possibilidades para a linguagem e para o pensamento (Novalis, 1978, p. 11).

Por essa razão, é possível argumentar que os primeiros românticos de alguma forma radicalizaram e generalizaram a concepção kantiana de julgamento estético. O julgamento estético, imagem de uma visão ativa da relação com o mundo, não se aplica mais apenas ao domínio restrito da arte. Envolve também a experiência que os seres humanos têm de si mesmos e do mundo em geral em contato com a natureza. Acredito que nesse aspecto esta visão dialoga com os autores modernos.

A hipótese de que os primeiros românticos levaram a extremos a concepção kantiana de juízo estético, estendendo-a do domínio da arte para a experiência humana em geral, reflete as transformações filosóficas do final do século XVIII. Immanuel Kant, em sua obra “Crítica da Faculdade de Julgar”, já havia estabelecido a autonomia do juízo estético em relação ao entendimento e à razão pura. No entanto, os românticos expandiram esse conceito, relacionando-o à experiência subjetiva e à interação do indivíduo com a natureza. Essa mudança, embora mantivesse o foco no sujeito, distanciou-se do formalismo kantiano, buscando uma experiência mais direta e intuitiva do mundo. De acordo com Kant (2016, p. 112), a noção de belo seria o que agrada a todos sem conceituação.

A busca romântica por uma experiência individualizada e visceral do mundo encontra ressonância na filosofia de Fichte, cuja “Doutrina da Ciência” postula o “Eu” como princípio ativo e criador da realidade. De fato, tanto os românticos quanto Fichte valorizam a subjetividade e a liberdade individual. Entretanto, os românticos se distinguem ao buscarem essa experiência não apenas na esfera da consciência, mas também na relação com a natureza e com o outro. Para eles, a natureza transcende a mera contemplação, servindo como um espelho do “Eu”, um microcosmo que reflete a vastidão do macrocosmo. Essa perspectiva ecoa a afirmação de Fichte (1989, p. 57), de que “O Eu absoluto é aquilo que determina a si mesmo”, sublinhando a centralidade do sujeito na construção da realidade.

A ideia de que o conhecimento não se restringe à aplicação de regras ou esquemas matemáticos, mas requer um encontro com a singularidade das coisas, evoca o pensamento de Herder, que prezava a individualidade e a diversidade cultural. Contudo, os românticos superam Herder ao defenderem a capacidade da imaginação de conectar o individual ao universal, o finito ao infinito. Essa busca, conduzida pela imaginação, configura-se como um processo criativo e contínuo, sem garantia de um resultado final, mas empenhado em desvendar o mistério do belo na natureza. A valorização da individualidade, como expressa por Herder

(2004, p. 43) em “Cada nação tem seu centro de felicidade em si mesma”, encontra nos românticos uma ampliação que integra a subjetividade à totalidade da experiência humana e natural.

A afirmação de Novalis, de que o conhecimento do belo na natureza é o objetivo final dessa busca, sintetiza a essência do romantismo alemão. Para Novalis, a natureza se configura como um livro aberto, pronto a revelar seus segredos àqueles que a contemplam com um olhar poético e imaginativo. Essa visão, que exalta a intuição, a emoção e a experiência individual, marca uma ruptura com o racionalismo iluminista, inaugurando uma nova era no pensamento ocidental. Novalis (2003, p. 88) expressa essa transição ao afirmar que “a poesia cura as feridas causadas pela razão”, ilustrando o papel da arte como contraposição à frieza do racionalismo.

Conhecer a si mesmo e conhecer o mundo não significa aplicar às coisas os movimentos de um conjunto de regras. Não significa usar os esquemas da matemática para entender a realidade; pelo contrário, conhecer significa encontrar-se diante de coisas particulares, como disse Herder. Significa encontrar indivíduos de valor absoluto que, em seu microcosmo, refletem toda a infinidade do macrocosmo. Somente quando tivermos encontrado esses indivíduos particulares, homens, natureza, obras, poderemos então buscar o conceito capaz de entendê-los.

Essa busca, que não garante o sucesso, corresponde ao esforço criativo guiado pela imaginação do *Frühromantik*. A lição a que chegam, então no final do século XVIII, é aquela que para Novalis corresponde ao conhecimento do belo da natureza.

Quando queremos entender o belo, não nos aproximamos de um conceito já existente e disponível. Não sabemos de antemão o que pode ser essa beleza, para a qual, no entanto, tendemos. Seria como se andássemos por um museu com um esquema de beleza para ver se as várias obras expostas se encaixam ou não nesse esquema. Então ao observar a natureza no que ela é e naquilo que não é, podemos dizer da beleza que somos (Novalis, 1772, p. 32).

Ao contrário do que parece, entramos nesse instante em um museu para entender o que é a beleza, para formar uma ideia por meio das obras de arte, que incluem a literatura traduzida pela e para a humanidade. Isso se dá também por meio de parte da história da palavra “romântico”, à qual se deve o nome do movimento pré-romântico.

Para compreender a complexidade do termo “romântico”, é essencial explorar suas raízes etimológicas e a evolução de seu significado. O vocábulo tem origem no termo francês *romantique*, derivado de *roman*, que se refere aos romances medievais escritos em línguas românicas, em oposição ao latim. Inicialmente, o termo evocava as qualidades dos romances:

o pitoresco, o sentimental, o fantástico e o exótico. Como explora Eagleton (1990), a progressão do termo, desde as primeiras associações com os romances medievais até sua incorporação como elemento central de um movimento cultural complexo, demonstra uma transformação significativa de seu significado.

No contexto do pré-romantismo alemão, o termo *romantisch* começou a ser utilizado para descrever não apenas obras literárias, mas também uma sensibilidade particular em relação à natureza e à experiência humana. Os primeiros românticos buscavam uma forma de expressão que transcendesse os limites da razão iluminista, valorizando a emoção, a intuição e a imaginação. De acordo com Lunn (2005), os autores alemães dessa época ampliaram substancialmente o escopo do termo *romantisch*, aplicando-o a experiências subjetivas de intensa carga emocional e de espírito livre.

Por isso, é importante rever alguns conceitos sobre o termo “romântico” na vida cotidiana. Esse nome se tornou um termo ambíguo em nossa linguagem corrente, uma qualificação que empregamos para descrever aspectos especiais da natureza e do amor, mas também o associamos às experiências positivas que nos transportam para outro nível de realidade, aquelas que nos fazem vibrar por dentro e nos deixam encantados.

O termo “romântico” surgiu no século XVIII em conexão com romances de aventura e cavalaria e é derivado de “novelesco”. Naquela época, podia significar: “variedade infinita, expansão sem limites, mudança constante, irregularidade [...], mas também os humores e estados mentais associados do sujeito”, tais como “desejo, anseio, surpresa, espanto, horror, encantamento e devaneio”. O vocábulo também citado no dicionário dos Irmãos Grimm (1900, col. 895-902) abre vias de acesso para outras possibilidades de tradução e compreensão, tais como: característica, o aspecto romântico de algo: o romantismo de uma paisagem, uma obra de poesia, uma composição, a natureza romântica. Ou como termo geral, a direção romântica na visão da vida, mas principalmente na arte, abrangendo seus representantes e criações: o arrebatamento superior pertence à lira e ao romantismo.

Essa significação da palavra também foi empregada pelos primeiros românticos, como Novalis, Ludwig Tieck e Friedrich Schlegel. Este último escreveu uma carta em 1794 para a irmã de Tieck, na qual relembrou uma viagem de Pentecostes, com Tieck, às montanhas Harz: “Nós nos alegramos com os lugares romanticamente solitários onde, no fundo de uma montanha, não muito abaixo das nuvens, éramos surpreendidos por uma única casa ou uma pequena aldeia, construída inteiramente de madeira cinza”. O termo “romântico” já aparecia na época como a “antítese da realidade cotidiana” (Klaus, 1978, p 10).

O pré-romantismo foi também considerado um movimento intelectual e estético que se desenvolveu entre 1790 e 1830-1850 e teorizou sobre o extraordinário estado de sentimento autoconsciente da possibilidade de manifestar e expressar suas ideias a partir do momento em que elas são elaboradas.

O objetivo de criar possibilidades de conhecimento dentro dessa romantização contaminou e chamou para a participação pública não apenas escritores, pintores e músicos, mas também teólogos, filósofos e cientistas naturais. Essa teia caracteriza um movimento multifacetado em várias áreas dos estudos humanos e que deixa a tarefa da tradução em um plano de expansão e execuções febris em todo o século XVIII.

Dentro dessa perspectiva o Romantismo, com sua nova forma de ver a realidade, tão apreciada pelos leitores do século XVIII, seria, nas palavras de Novalis, “o agora de uma nova maneira de representar a realidade. E representá-la artisticamente de forma que ela apareça sob uma nova luz e de uma nova maneira” (Novalis, 1978, p. 349).

Tomando o *Frühromantik* a partir de uma perspectiva sociológica baseada em duas características inter-relacionadas, teríamos a individualização subjetiva como uma forma social para a busca intelectual e estética como meio de igualdade e a certeza de que qualquer verdade de absolutização se declara pronta a ser recriada. Essa postura responde no século XVIII às lutas por liberdade e se volta contra os grilhões da era feudal e a imobilidade das classes sociais compartilhadas pelo poder aristocrático.

Para os pré-românticos, os indivíduos livres desses grilhões agora podiam viver sua liberdade pessoal e usar a arte da criatividade, as culturas estudadas e traduzidas como formas de desenvolvimento de sua própria identidade. Uma visão de mundo na qual a origem social e a religião não determinavam a vida das pessoas e suas oportunidades. O indivíduo estava orientado para o que queria alcançar, de acordo com as normas da sociedade. Isso correspondeu à base da sociedade burguesa, mas sem dúvida alguma era um avanço nos direitos das pessoas em relação à Era Feudal e Monárquica na Europa como um todo. De acordo com Manfred Frank (1997, p. 256, tradução nossa),

Por um lado, nos séculos XVIII e XIX, o individualismo, a liberdade e a igualdade, que promoviam a autorrealização e o exercício da liberdade pessoal no sentido de Kant, reconhecendo a autonomia individual. Por outro lado, no século XX, o individualismo da liberdade e da igualdade promoveu a autorrealização e o exercício da liberdade pessoal no sentido de Kant, reconhecendo a igualdade dos concidadãos.

Esse era o modelo predominante de desenvolvimento da personalidade burguesa. Por outro lado, o romantismo deu origem a uma segunda tendência à individualização, como a descrita pelos teóricos românticos Friederich Schleiermacher e Friederich Wilhelm Schlegel.

A busca por autoconhecimento e a crença no potencial criativo inerente a cada indivíduo constituíam elementos centrais no pensamento dos pré-românticos de Jena, conforme se observa na carta de Caroline Schlegel-Schelling à sua irmã Lotte. Caroline Schlegel-Schelling afirma: “Portanto, agora estou estudando a arte de procurar tudo em mim, tudo, e acredito que, com o tempo, encontrarei dentro de mim o que pode ser útil para mim” (Seidenbecher, 2013, p. 92). Essa busca pelo “Eu” se entrelaça com a convicção de que a verdade e o potencial artístico residem na própria natureza do indivíduo, como expresso na afirmação: “No caminho, encontramos nossa própria natureza, que é a fonte da verdade e na qual reside o potencial da arte. Ao encontrá-la, todos seremos artistas” (Seidenbecher, 2013, p. 92).

Embora a linguagem de Caroline Schlegel-Schelling possa conter um tom irônico, a essência de seu pensamento se alinha aos preceitos do grupo de Jena e dos pré-românticos em geral. A valorização da individualidade, do autoconhecimento e da busca pela verdade interior se consolidam como pilares da filosofia do grupo, evidenciando a procura por uma nova forma de expressão e de compreensão do mundo.

Os mesmos românticos inauguraram as regras de vida burguesas dentro de suas próprias vidas. A comunidade dos Schlegel compartilhava a mesma casa na rua Leutergasse, número 5. Nesse espaço doméstico, os irmãos Schlegel e suas esposas dividiam a rotina de trabalhos, reuniões e vida privada sob um teto comum.

A experiência de Caroline Schlegel-Schelling e Dorothea Schlegel no Círculo de Jena transcende a mera participação intelectual, configurando-se como uma vivência radical dos ideais românticos. Em 1799, as duas intelectuais não apenas compartilhavam um espaço físico, coabitando na mesma residência, mas também um espaço intelectual vibrante, onde a criação, a tradução e o debate fervilhavam. Essa coabitação criativa, longe de ser uma mera coincidência, era a materialização dos princípios românticos de valorização da experiência individual, da liberdade e da conexão entre intelecto e emoção.

A convivência no Círculo de Jena era permeada por um amor romântico que integrava afeto, sexualidade e liberdade de escolha. Longe dos moldes tradicionais, a relação entre os membros do círculo era marcada pelo respeito mútuo e pela valorização da individualidade. Mulheres e homens exerciam seu livre-arbítrio, construindo relações baseadas na afinidade intelectual e emocional.

O individualismo romântico, no entanto, não se traduzia em egocentrismo. Ao contrário, a busca pela autorrealização era intrinsecamente ligada à interação com o outro. Acreditava-se que o desenvolvimento individual se dava através do diálogo, da troca de ideias e da inspiração mútua. A criação artística e intelectual era vista como um processo coletivo, onde a razão e a emoção se entrelaçavam, impulsionando a busca pela verdade e pela beleza.

As vivências de Caroline Schlegel-Schelling e Dorothea Schlegel em Jena exemplificam a complexidade do romantismo alemão, um movimento que buscava integrar a razão e a emoção, o individual e o coletivo, a arte e a vida. Ao coabitarem e compartilharem suas experiências intelectuais, elas materializaram os ideais românticos, demonstrando que a busca pela autorrealização individual era inseparável da criação de um espaço de liberdade, diálogo e inspiração mútua.

Tal como Friedrich Schlegel havia propagado em seu romance *Lucinde*, revelando sua relação íntima em detalhes com uma mulher ainda casada, outros precursores dessa vontade individual singular na literatura de formação (*Bildung*) podem ser reconhecidos no *Émile* de Rousseau, e no *Werther* de Goethe. Essa individualização pretendia reconhecer a subjetividade como uma existência única e pessoal e afirmava que todos eram donos de sua própria individualidade incomparável.

Desta forma, os “outros” buscados no mergulho da subjetividade de cada um nesse contexto significam o encontro consigo mesmo e concomitantemente a percepção dos outros. Os pré-românticos, neste caso, os amigos de Jena, como os que estão citados, discutiam suas opiniões e reuniam-se em universidades e círculos sociais. Eram políticos de Jena, de Heidelberg, de Dresden até Berlim, onde traduziam suas impressões para publicação em toda a Europa.

O Círculo de Jena se transformou naquele instante em um paradigma de colaboração, no qual a tradução cumpre uma função dialética para a abertura linguística do alemão recriado. Berço do Romantismo Alemão, o Círculo de Jena emergiu como um espaço singular de convergência intelectual, no qual a colaboração transcendia as fronteiras disciplinares e impulsionava a inovação linguística. A presença de luminares como os irmãos Humboldt e Schlegel, Schiller e Fichte atesta a efervescência de ideias que ali se entrelaçavam. Mais do que um mero intercâmbio de conceitos filosóficos e científicos, o Círculo de Jena se destacou por sua abertura à tradução de obras estrangeiras, prática fundamental para a expansão e o enriquecimento da língua alemã. Nesse contexto, a tradução não se limitava à mera transposição de palavras, mas configurava um processo de apropriação e adaptação, por meio do qual

estruturas e conceitos estrangeiros eram incorporados ao vernáculo, impulsionando sua evolução e capacidade expressiva. A valorização da tradução, portanto, reflete uma postura de abertura ao “outro”, de reconhecimento da riqueza inerente à diversidade linguística e cultural. Como afirma Berman (2012, p. 11), “a tradução é a experiência da alteridade, a abertura a outras formas de pensamento e de ser. Ela não é a assimilação do outro, mas a sua acolhida na sua diferença”.

Essa dinâmica de abertura intelectual também se manifestava na valorização da participação feminina. Caroline Schlegel-Schelling e Dorothea Schlegel, por exemplo, participavam ativamente dos debates e da produção intelectual, desafiando as convenções sociais da época. Essa inclusão de vozes femininas, que hoje pode parecer natural, representava uma ruptura significativa com os padrões tradicionais, evidenciando o caráter progressista do Círculo de Jena. A liberdade de expressão e a igualdade de participação, ainda que relativas, permitiram que as mulheres contribuíssem substancialmente para a efervescência intelectual do grupo, enriquecendo o debate com suas perspectivas e experiências únicas. Essa dinâmica de inclusão e valorização da diversidade intelectual contribuiu para a formação de um ambiente propício à inovação e à criatividade, no qual as ideias podiam florescer e se desenvolver em um contexto de diálogo aberto e colaborativo. Nas palavras de Furst (1979, p. 147), “o Romantismo alemão, especialmente no Círculo de Jena, foi caracterizado por uma busca por universalidade, mas uma universalidade que abraçava a diversidade e a individualidade”.

No entanto, a abertura e a receptividade que caracterizaram o Círculo de Jena contrastam fortemente com a postura que se consolidaria no século XIX, sob a égide do nacionalismo alemão. O que antes era visto como fonte de enriquecimento e inspiração, o “estrangeiro”, passou a ser percebido como uma ameaça à pureza da cultura alemã.

Essa mudança de paradigma se refletiu na linguagem, com um crescente esforço de “purificação” do alemão, visando expurgar as influências estrangeiras. A tradução, outrora celebrada como prática enriquecedora, tornou-se suspeita, pois era vista como potencial corruptora da língua nacional. O nacionalismo excludente do século XIX, com sua ênfase na homogeneidade e na superioridade da cultura alemã, resultou na perseguição de minorias e na construção de uma identidade nacional baseada na exclusão do “outro”.

Tal inversão do valor do estrangeiro, do enriquecimento à ameaça, representa uma ruptura com o espírito de abertura e colaboração que caracterizou o Círculo de Jena, marcando o início de uma era de nacionalismo exacerbado e intolerância. Assim, o Círculo de Jena permanece como um paradigma da dialética da abertura linguística, um momento em que a

colaboração e o diálogo frutífero impulsionaram a evolução cultural, em contraste com a postura nacionalista que buscava posteriormente isolar e purificar a língua e a cultura alemãs.

Dessa forma, os primeiros românticos inauguraram as regras da vida burguesa convivendo e experimentando suas ideias. Esse individualismo interessado na arte criativa e na tradução imediata de obras estrangeiras deu origem a disputas diárias, não apenas nas comunidades de vida e trabalho em que os românticos viviam, mas também entre eles mesmos. Entretanto, aguçou o valor dado às mulheres que viviam em seu meio, como Caroline Schlegel-Schelling e Dorothea Schlegel, cujas liberdades românticas permitidas por sua identidade exponencial e que hoje consideramos garantidas, na época eram aventuras perigosas que poderiam levar ao ostracismo social e à pobreza quando não devidamente “protegidas” por sua família e pelo poder aquisitivo de influência.

A figura a seguir mostra o espaço e o tempo em que o Círculo de Jena se formatou e realizou suas reuniões. O cruzamento de ideias e a disposição permitiram que os encontros entre as famílias e os cientistas como os Humboldt e Schlegel, como Schiller e Fichte pudessem se tornar interlocutores de uma mesma rede de trocas de conhecimentos. A universidade e a presença de um incentivo acadêmico local reforçaram a aliança entre amigos e as Ciências.

Figura 1 – Espaço e tempo em que o Círculo de Jena se formatou e realizou suas reuniões



Fonte: Wulf (2022, p. 4).

Em apenas três anos, aconteceu uma das mais importantes experiências culturais da modernidade. Entre os líderes do círculo do início do Romantismo estavam, sem dúvida, os irmãos August Wilhelm e Friedrich Schlegel, ambos imbuídos de uma paixão pela crítica literária e pela filologia. O último era muito mais imaginativo e teórico; o primeiro era mais sério e erudito, e mais tarde tornou-se professor de Jena e depois da Universidade de Berlim. A eles devemos acrescentar o filósofo Friedrich Schelling, a mente teórica indiscutível dos românticos, o teólogo Friedrich Schleiermacher, Caroline Schlegel-Schelling e Dorothea Schlegel. E ainda o escritor Ludwig Tieck e o poeta Friedrich von Hardenberg, muito mais conhecido por seu pseudônimo Novalis.

O Círculo de Jena, em seus anos iniciais, contou com a participação de diversas personalidades do cenário intelectual alemão, configurando-se como um espaço de intensa troca e produção de conhecimento. Goethe, por exemplo, atuou como patrono e crítico das obras do grupo, enquanto filósofos como Fichte, Schiller e Hegel participaram ativamente dos debates e contribuíram com suas reflexões (Wulf, 2022).

Os irmãos Humboldt, Alexander e Wilhelm, também estiveram presentes nesse ambiente de efervescência intelectual, contribuindo para a difusão das ideias e obras do Círculo de Jena. Posteriormente, o filósofo Friedrich Schelling e o poeta Hölderlin se juntaram ao grupo, imergindo na atmosfera do *Frühromantik* que caracterizava o círculo (Wulf, 2022).

A reunião dessas mentes brilhantes na residência dos Schlegel, na virada do século XVIII, propiciou um ambiente de intensa criatividade e debate intelectual, marcando o início do Romantismo Alemão e deixando um legado duradouro para a história da filosofia, literatura e crítica literária.

É seguro dizer que a frase de Novalis, carregada pela filosofia de Fichte e Hegel, não pretende a absolutização. Como no pensamento pré-romântico todo instante é a possibilidade infinita e ilimitada, o processo de transformação pessoal constante impede a estagnação do absoluto imutável.

Os pré-românticos de Jena, ou como diz o título do livro de Andrea Wulf “*Magníficos Rebeldes, los primeros românticos y la invención del yo*” da virada do século XVIII, adotaram uma postura paradoxal em relação ao “estrangeiro”. Longe de o repelirem, o viam como um componente vital para a autocompreensão, um infamiliar ou *Unheimliche* que, ao invés de inspirar terror paralisante, servia de elemento catalisador para a expansão do “Eu”. Aqui, reside uma distinção crucial com a concepção freudiana do *Unheimliche*, que invoca o retorno do reprimido, do familiar que se torna sinistro.

Para os jenenses da então região da Prússia, o estrangeiro era menos uma sombra do passado do que uma semente de futuro, um campo de conhecimento a ser desbravado através da tradução e assimilação crítica. Em um momento em que a Prússia se via sob a sombra das invasões napoleônicas, figuras como Caroline Schlegel-Schelling e, inicialmente, Goethe, paradoxalmente abraçavam o “estrangeiro” cultural, traduzindo obras estrangeiras como um ato de resistência e enriquecimento do idioma alemão. Essa aparente contradição – a defesa do externo em tempos de invasão – aponta para uma distinção fundamental: o “estrangeiro” pré-romântico era um construto dialético, um “outro” a ser integrado para forjar um “si mesmo” mais robusto e multifacetado, enquanto o “*Unheimliche*” freudiano permanece essencialmente como uma irrupção do inconsciente, uma confrontação com o reprimido que assombra o presente. Nas palavras de Freud, “o ‘*Unheimliche*’ é aquela espécie de terror que remonta ao que é conhecido há muito tempo, ao que é familiar” (Freud, 2010, p. 331). No entanto, como aponta Laurie Johnson em “Schelling und das *Unheimliche*”, “Para Schelling, o ‘*Unheimliche*’ não é simplesmente o retorno do reprimido, mas também a manifestação da potência criativa da natureza, a revelação do potencial infinito do ser” (Johnson, 2012, p. 78). Essa leitura schellingiana, enfatizada por Johnson, aproxima-se da visão dos pré-românticos, que viam no “estrangeiro” um potencial de renovação e expansão.

A noção de que “a fonte das ideias reside no próprio indivíduo”, conforme postulado por Novalis e explorado por Wulf (2023), não se traduzia em um solipsismo isolacionista. Pelo contrário, o indivíduo jenense era um explorador tanto do seu interior quanto do mundo exterior, engajando-se em um movimento dialético contínuo. O “estrangeiro”, nesse contexto, não era um inimigo a ser temido, mas um interlocutor essencial no diálogo do autoconhecimento. A tradução, nesse sentido, era um ato de apropriação criativa, uma forma de tornar o “outro” familiar sem o anular, preservando a sua alteridade enquanto se expandia o próprio horizonte intelectual. Assim, a “estranheza” era ressignificada, de ameaça a ferramenta para a autoformação.

Ainda de acordo com o texto de Friederich Engels (2020, p. 5), que apresenta uma análise crítica da filosofia de Hegel, contemporâneo de Novalis, especialmente no que diz respeito à sua famosa proposição: “Tudo o que é real é racional, e tudo o que é racional é real”. Ele argumenta que, embora essa afirmação tenha sido utilizada para justificar o *status quo* e o despotismo, ela não reflete a totalidade do pensamento hegeliano.

Destaca-se, dentro desse modo de pensamento, a diferença entre a revolução filosófica alemã, representada por Hegel, e a Revolução Francesa. Enquanto os filósofos franceses eram

abertamente oposicionistas ao regime, os alemães, como Hegel, como Novalis e muitos dos pré-românticos, ocupavam posições de destaque no sistema educacional e suas ideias eram frequentemente utilizadas para legitimar o poder estatal.

Heine ainda argumenta que interpretar a proposição hegeliana literalmente, como uma justificativa para qualquer estado de coisas existente, é uma simplificação excessiva. Para Hegel, a realidade é um processo dialético em constante transformação. E é essa postura que reside na fala citada de Novalis.

O cenário intelectual do pré-romantismo alemão foi marcado por uma complexa relação entre os filósofos e o regime monárquico, especialmente em um período de intensas transformações sociais e políticas impulsionadas pelas invasões napoleônicas. Nessa circunstância, Engels destaca, na obra *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, a trajetória do idealismo alemão e sua relação com o poder político. Ele argumenta que, apesar de sua crítica à religião e à metafísica, o idealismo alemão acabou por se tornar um instrumento de justificação da ordem social vigente. Ao privilegiar a razão e o espírito em detrimento da realidade material, o idealismo contribuiu para a manutenção do *status quo* e para a passividade diante das injustiças sociais. No entanto, Engels reconhece que a filosofia alemã, em particular a dialética hegeliana, contém elementos que apontam para a transformação da realidade. A ênfase na contradição e no movimento, característica da dialética, fornece as bases para uma compreensão da história como um processo dinâmico e em constante mutação.

O momento vivido no *Frühromantik* pelo Círculo de Jena estabelece uma interessante relação entre a Revolução Francesa e a “revolução” filosófica alemã durante o pré-romantismo, destacando a aparente contradição entre a crítica social dos filósofos franceses e a posição de destaque de pensadores como Hegel e Novalis no sistema educacional alemão. No entanto, a análise se aprofunda ao demonstrar que a filosofia de Hegel, assim como a dos pré-românticos, não se limita a uma mera justificativa do *status quo*. A concepção dialética da realidade, presente no pensamento de ambos, permite compreender a racionalidade como um motor de mudança, e não como um instrumento de conservação das estruturas de poder. As invasões napoleônicas e a queda do Sacro Império Romano-Germânico criaram um terreno fértil para a reflexão crítica e para a busca por novas formas de organização social. A filosofia de Hegel e dos pré-românticos emerge, então, como um instrumento de análise das transformações em curso e de construção de um novo futuro para a Alemanha.

Nesse ponto, a perspectiva de Barbara Cassin (2022) sobre o “gênio da língua”, desenvolvida em sua obra *Elogio da tradução: complicar o universal*, torna-se particularmente

relevante. Para Cassin (2022, p. 136), a língua não é um instrumento neutro de representação da realidade, mas um campo de disputa e transformação do sentido. Ou seja, não existe um só regime ou modelo de governo, como não são reais os modelos únicos para qualquer sistema concebido: o que se encontra não é a unidade de linguagem, mas a diversidade das línguas, *Verschiedenheit*⁶.

Dentro do pré-romantismo alemão, o “gênio da língua” se manifesta na busca por uma nova linguagem poética e filosófica capaz de expressar as transformações em curso e de construir novos horizontes de sentido. O poeta Novalis, em particular, explora as potencialidades da linguagem para criar imagens e metáforas que expressam a dimensão infinita do ser e a busca por uma unidade original perdida.

Assim, a racionalidade dialética de Hegel e a exploração do “gênio da língua” pelos pré-românticos, em especial por Novalis, se complementam na construção de uma nova compreensão da realidade e na busca por uma transformação social e cultural profunda. A filosofia e a poesia se unem, então, como instrumentos de crítica e criação, impulsionando a superação do *status quo* e a construção de um futuro mais justo e livre. A concepção dialética da realidade, presente no pensamento de Hegel e dos pré-românticos, permite compreender a racionalidade como um motor de mudança, e não como um instrumento de conservação das estruturas de poder. As invasões napoleônicas e a queda do Sacro Império Romano-Germânico, nessa circunstância, criaram um terreno fértil para a reflexão crítica e para a busca por novas formas de organização social. A filosofia de Hegel e dos pré-românticos emerge, então, como um instrumento de análise das transformações em curso e de construção de um novo futuro para a Alemanha.

Assim, na conjectura exposta, o “gênio da língua” se manifesta na busca por uma nova linguagem poética e filosófica capaz de expressar as transformações em curso e de construir novos horizontes de sentido. O poeta Novalis, em particular, explora as potencialidades da linguagem para criar imagens e metáforas que expressam a dimensão infinita do ser e a busca por uma unidade original perdida.

A análise do “gênio da língua” no pré-romantismo alemão, como apresentado nos parágrafos anteriores, destaca a conexão profunda entre linguagem, cosmovisão e transformação social. Cassin (2022, p. 138) postula em sua obra que “as línguas são visões do

⁶ Um pensamento ou *Verschiedenheit*, palavra usada no texto de Barbara Cassin com a sequência de uma pensamento de Wilhelm Von Humboldt: “A linguagem se manifesta na realidade unicamente enquanto diversidade”.

“mundo em interação determinante não apenas com uma cultura, mas com algo como a natureza”. Essa afirmação encontra ressonância na concepção de linguagem dos pré-românticos, em particular em Novalis, para quem a poesia se torna um instrumento de conexão com a natureza e de expressão da dimensão infinita do ser. Imerso no contexto do *Frühromantik*, Novalis buscava uma nova linguagem poética e filosófica capaz de articular as profundas transformações em curso na sociedade e na cultura. Para ele, a linguagem não se limitava a representar o mundo, mas participava ativamente da construção da realidade, revelando a unidade original entre homem e natureza. Essa concepção se aproxima da ideia de Cassin sobre a interação determinante entre língua e natureza, sugerindo que a linguagem não é apenas um produto cultural, mas também uma forma de acesso à dimensão mais profunda da realidade.

É importante ressaltar que a concepção de “natureza” para os pré-românticos, incluindo Novalis, difere da visão mecanicista e fragmentada predominante no Iluminismo. A natureza romântica é viva, dinâmica e espiritualizada, concebida como uma totalidade orgânica em constante transformação. Nesse sentido, a poesia de Novalis se torna uma forma de expressar a experiência mística de fusão com o cosmos, buscando recuperar a unidade original perdida e construir uma nova harmonia entre homem e natureza.

Assim, a racionalidade dialética de Hegel e a exploração do “gênio da língua” pelos pré-românticos, em especial por Novalis, se complementam na construção de uma nova compreensão da realidade e na busca por uma transformação social e cultural profunda. A filosofia e a poesia se unem, nesse contexto, como instrumentos de crítica e de criação, impulsionando a superação do *status quo* e a construção de um futuro mais justo e livre.

1.2 O significado de *Weltkultur* e a importância da tradução para os pré-românticos

“No es naturaleza ni libertad, pero aún así está conectado con el fundamento de esta última, es decir, con el suprasensible”.

(Karl Wilhelm Friedrich Schlegel)

Desde as obras clássicas de Homero e Virgílio, ou seja, da poesia e da prosa greco-latina, até obras consideradas exemplos da literatura mundial, todas foram lidas, traduzidas e comparadas em seus idiomas originais. Com a popularização dessas obras por meio de traduções, a prática da tradução passou a ser um eixo importante na formação das línguas nacionais europeias.

Nesse processo, o uso da comparação entre uma obra original (texto fonte) e sua possível tradução para a língua-alvo (texto-alvo) fez com que a figuração da linguagem transitasse entre o uso da metáfora, método utilizado na prática tradutória no século XVIII.

Nesse sentido, o original clássico (greco-latino) se tornou, no contexto de pré-romantismo, uma fonte e possibilidade de recriação e tradução para artistas, filósofos e tradutores. Desde o Renascimento, a luz, o texto solar e o epicentro a ser traduzido partia de uma versão original clássica copiada literalmente, pois seu conteúdo e forma eram sagrados para a cultura da época.

A prevalência da forma escrita original sobre a tradução, em especial em obras clássicas, revela a crença na sacralidade e inacessibilidade do texto fonte. Essa postura, que atribui à tradução um caráter secundário e derivativo, é sintetizada na afirmação de Demanuelli: “Um tradutor é um escritor da sombra. Ele nunca ocupará o lugar de um escritor” (Demanuelli *apud* Seligmann-Silva, 2022, p. 78). Tal concepção reforça a ideia de que a tradução é uma atividade que se move nas margens da criação literária, condenada a uma posição subalterna em relação ao original.

No período do pré-romantismo alemão, o termo *Weltkultur* (*Welt* + *Kultur*), neologismo formado pela palavra *Welt*, que significa “mundo” em alemão, e *Kultur*, que significa “cultura”, referia-se à ideia de uma cultura global ou mundial que englobava diferentes povos e civilizações.

Os pensadores alemães pré-românticos exploraram a ideia de que, apesar das diferenças culturais e geográficas, existem elementos universais compartilhados que conectam a humanidade. Por essa razão, a quebra da sacralidade em relação a qualquer obra, seja clássica ou moderna, foi um ato de ruptura e revolução dos pré-românticos alemães em relação à vida e às obras que, a partir daí, tornaram-se alvo da prática tradutória.

A gênese dos conceitos de *Weltkultur* e *Weltliteratur* se inscreve em um período de profundas transformações intelectuais e sociais na Europa, marcado pelo Iluminismo tardio e pela ascensão do Romantismo. Embora Goethe seja frequentemente creditado como o principal idealizador da *Weltliteratur*, a semente desse conceito já germinava nas reflexões de pensadores anteriores, que buscavam transcender as fronteiras nacionais e promover um diálogo intercultural. Além desse conceito, há outro que acompanha a temática desenvolvida e que ficou conhecido como *Weltkultur*.

O termo *Weltliteratur* ganhou notoriedade através das conversas de Goethe com Johann Peter Eckermann, registradas em “Conversações com Goethe nos últimos anos de sua vida”

(1835). Nessas conversas, Goethe expressa sua visão de uma literatura que ultrapassa as barreiras nacionais, promovendo o intercâmbio entre diferentes culturas. No entanto, é importante ressaltar que a ideia de uma literatura mundial não surgiu do nada. Ela se desenvolveu em um contexto de crescente intercâmbio intelectual e comercial entre as nações europeias, impulsionado pela expansão colonial e pelo desenvolvimento dos meios de comunicação.

A ideia de *Weltkultur*, por sua vez, está intrinsecamente ligada ao ideal iluminista de uma cultura universal, baseada na razão e no progresso. Pensadores como Immanuel Kant defendiam a ideia de uma “história universal com intenção cosmopolita”, na qual a humanidade se aproximaria gradualmente de um estado de paz e harmonia global. Esse ideal cosmopolita influenciou a concepção de *Weltkultur*, que postula a existência de valores e princípios culturais universais, compartilhados por todas as nações.

No período pré-romântico alemão, a defesa da *Weltliteratur* e da *Weltkultur* se entrelaçava com a busca por uma identidade nacional aberta e cosmopolita. Figuras como Goethe, Novalis e Caroline Schlegel-Schelling viam na tradução e no intercâmbio cultural um meio de enriquecer a cultura alemã e de promover a compreensão mútua entre as nações.

A tradução, nesse contexto, desempenhava um papel central, atuando como um vetor fundamental para a circulação de ideias e valores entre diferentes culturas. Conforme observado por Bassnett (2002), a tradução não se restringe à transferência de palavras, mas envolve um processo complexo de negociação cultural, no qual os tradutores atuam como mediadores entre diferentes visões de mundo. No contexto do romantismo alemão, a tradução permitiu a difusão de obras literárias estrangeiras, enriquecendo o panorama cultural alemão e promovendo a compreensão mútua entre as nações. Ademais, como argumenta Berman (1999), a tradução desempenha um papel crucial na construção da identidade cultural, ao possibilitar o contato com o “outro” e a reflexão sobre a própria cultura. Nesse sentido, a tradução no período pré-romântico alemão contribuiu para a formação de uma identidade cultural alemã mais aberta e cosmopolita, receptiva a influências estrangeiras.

Em síntese, os conceitos de *Weltkultur* e *Weltliteratur* emergiram em um momento de transição, no qual o ideal iluminista de universalidade se encontrava com a sensibilidade romântica para a diversidade cultural. A tradução, nesse contexto, se consolidou como uma prática fundamental para a realização desse ideal cosmopolita, promovendo o diálogo intercultural e a construção de uma identidade global.

Assim, a *Weltkultur* enfatiza a interconexão e a interdependência das culturas em todo o mundo, destacando a importância da diversidade e do diálogo intercultural. Os pensadores pré-românticos alemães abordaram a ideia de *Weltkultur* explorando vários elementos considerados universais e fundamentais para a compreensão da cultura global, como a humanidade comum (a crença de que há aspectos essenciais que unem todos os seres humanos, independentemente da cultura, raça ou origem). A seguir, cito os temas mais importantes para o pensamento do grupo de Jena.

A primeira ideia é a compreensão da natureza como a fonte universal da vida e a consciência de que a relação entre os seres humanos e a natureza transcende as fronteiras culturais. O estudo da história compartilhada por todas as classes sociais leva os pré-românticos também à reflexão de que a história humana está interconectada e de que os eventos do passado impactam as sociedades atuais em todo o mundo. Esses são alguns dos principais elementos explorados por esses pensadores ao discutirem a ideia de *Weltkultur*, estabelecendo uma visionária interconexão das culturas no mundo.

Essa visão de uma cultura mundial interconectada, a *Weltkultur*, implica necessariamente uma postura de abertura ao “estrangeiro cultural”. Se a cultura é concebida como um todo global, no qual todas as nações contribuem, então o contato com o “outro” cultural torna-se não apenas desejável, mas essencial. A tradução, nesse contexto, assume um papel fundamental, pois permite o acesso a outras culturas e a incorporação de elementos estrangeiros ao próprio horizonte cultural. A noção de uma cultura universal, compartilhada pela humanidade, abre caminho para a valorização da diversidade cultural e para o reconhecimento da importância do diálogo intercultural.

No entanto, a própria noção de “estrangeiro” carrega consigo a sombra do “bárbaro”, termo que, ao longo da história, serviu para designar aqueles que são percebidos como diferentes, inferiores ou ameaçadores. Cassin (2016b, p. 42), em sua obra “Efeito Sofístico”, nos convida a repensar essa noção, argumentando que “o bárbaro não é o outro absoluto, mas aquele que fala uma língua que não entendemos, que nos é estranha”. Essa perspectiva relativiza a figura do bárbaro, desconstruindo a ideia de uma oposição binária entre civilizado e selvagem. Para Cassin, o bárbaro é um “outro” linguístico, um interlocutor potencial cujo discurso nos desafia a expandir nossos horizontes de compreensão. Nesse sentido, a tradução se torna um ato de superação da barbárie, um meio de transformar o estranho em familiar, o incompreensível em inteligível.

Ao refletir sobre a abertura ao estrangeiro cultural que caracterizou o círculo pré-romântico de Jena, somos levados a pensar na postura moderna da tradução, um fenômeno que ecoa através das eras e culturas. A localização de vocabulários diversos em um idioma específico, como o português contemporâneo, exemplifica essa prática universal, atestando que a tradução possibilita trocas, conquistas e entendimentos entre “eus” e aqueles que, outrora percebidos como “bárbaros”, se transformam em “outros” por meio do diálogo linguístico e cultural. “Essa dinâmica transformadora, na qual o “bárbaro” se torna “outro” pela tradução, ecoa profundamente nas reflexões de Walter Benjamin. Em *A tarefa do tradutor* (2012), Benjamin argumenta que a tradução transcende a mera transposição de palavras, configurando um processo de enriquecimento mútuo entre as línguas, um caminho para a construção de uma linguagem universal. Assim, o “estrangeiro” linguístico, ao ser traduzido, integra-se à cultura receptora, expandindo seus horizontes.

Homi K. Bhabha, em *O local da cultura* (1998), complementa essa visão ao analisar o “terceiro espaço”, um ponto de encontro e negociação entre culturas. Para Bhabha, a tradução é um processo de hibridização no qual os significados se transformam e se recriam, gerando novos espaços de significação. Ernst Bloch, com seu conceito de “não idêntico”, reforça essa ideia ao enxergar no “estrangeiro” um potencial de renovação cultural.

Nesse contexto, a figura de Caroline Schlegel-Schelling emerge como um exemplo paradigmático da dialética do “estrangeiro cultural”. Sua participação como crítica, tradutora e epistóloga no efervescente ambiente intelectual de Jena revela um profundo engajamento com as tensões entre o nacional e o estrangeiro. Suas cartas, em particular, oferecem um panorama privilegiado das discussões estéticas e filosóficas da época, nas quais a tradução não era um mero exercício filológico, mas um ato de apropriação e recriação.

A crítica de Caroline Schlegel-Schelling às obras de Goethe, por exemplo, transcendia a análise estética, abordando questões de identidade cultural e diálogo interliterário. Ao traduzir obras estrangeiras, ela as tornava acessíveis ao público alemão, reinterpretando-as à luz do contexto local e promovendo um rico intercâmbio cultural. Sua crítica às obras de Novalis, por sua vez, demonstrava sensibilidade à linguagem e à experimentação formal, contribuindo para o debate literário.

Em um período de invasões napoleônicas, a defesa do “estrangeiro cultural” por Caroline Schlegel-Schelling representava um ato de resistência e afirmação da identidade alemã. Ao invés do isolamento nacionalista, ela buscava no diálogo intercultural um meio de enriquecimento mútuo.

Assim, a trajetória de Caroline Schlegel-Schelling ilumina a complexa interação entre “eu” e “outro” no Romantismo Alemão, evidenciando a importância do “estrangeiro cultural” como motor de transformação, tal qual refletido na teoria de diversos autores, como Benjamin, Bhabha e Bloch.

Portanto, ao refletir sobre essa abertura ao “estrangeiro cultural”, podemos pensar na postura moderna da tradução, tal como é vista atualmente. A localização de vocabulários de diversas culturas em um idioma específico, como acontece hoje no português, é um fenômeno que ocorre em todas as culturas linguísticas, tal como a do alemão pré-romântico. Isso demonstra que a prática da tradução viabiliza as trocas, as conquistas e os entendimentos entre os “eus” e os previamente bárbaros, que, com o passar do tempo e com novas traduções, se tornaram os “outros” conquistadores.

Situação análoga à da trajetória tradutória está a criação artística, que reconhece a linguagem e suas versões em outros idiomas como maior instrumento de comunicação e conexão entre os povos. Nessa visão estavam os pré-românticos, quando ao traduzir obras de outras culturas, pensavam na possibilidade de poder entender melhor a sua própria.

Desse diálogo intercultural entre diferentes mundos, cria-se uma forma de enriquecimento recíproco. Essa valorização da compreensão mútua deixa clara a importância da prática da tradução e a questão da alteridade para a divulgação do pensamento pré-romântico.

A tradução de obras no período pré-romântico, portanto, está diretamente relacionada ao conceito de *Weltkultur*, pois desempenha um papel fundamental na disseminação e no entendimento das diferentes culturas do mundo. Durante esse período, os pensadores alemães pré-românticos reconheceram a importância da tradução como uma ferramenta para promover o intercâmbio cultural e a conexão entre diferentes sociedades.

Ao traduzir obras de diversos idiomas e culturas, esses pensadores buscaram ampliar o acesso ao conhecimento e às ideias de outras partes do mundo. Isso contribuiu para a formação de uma consciência apurada sobre sua própria língua e, consequentemente, levou a uma valorização da diversidade linguística cultural de outros idiomas. Nesse momento de afirmação nacional, essa consciência promove a noção de uma visão multicultural que transcende as fronteiras geográficas e linguísticas de toda a Europa.

A tradução, nesse período, permitiu que os pensadores alemães tivessem um contato mais direto com diversas expressões culturais e literárias, enriquecendo sua compreensão do mundo e promovendo o diálogo intercultural. Dessa maneira, a prática da tradução desempenhou um papel importante na promoção da “cultura mundial” e na valorização da

riqueza das diferentes culturas do mundo. Por isso, na era pré-romântica, essa ideia começou a surgir também como a expansão do intercâmbio cultural e do comércio internacional feito pelas grandes navegações.

Os pensadores românticos estavam interessados em explorar as conexões entre diferentes culturas e promover uma visão mais ampla do mundo. A concepção atual de tradução nasce no Romantismo, período coincidente com a consolidação da Europa como potência colonial. Esse paradoxo permite afirmar que os tradutores desse momento pretendiam desconstruir o modelo clássico e iluminista de tradução. De acordo com Seligmann-Silva (2022, p. 31):

Essa projeção iluminista, universal (lógica) nasce de uma projeção que naturaliza o que é histórico-cultural. As línguas seriam emanações do caráter de cada povo, de cada nação, fruto do gênio nacional articulado (ainda de modo iluminista) a uma pressuposta universalidade calcada na ordem analítica das línguas.

Assim como escreveu Novalis (1978, p. 349): “Cada pessoa tem sua própria língua. Língua é expressão do espírito. Línguas individuais. Gênio-da-língua”. Defendiam os amigos de Jena que cada ato de linguagem era compreendido como (re)criação da língua. Os primeiros românticos alemães, a partir da perspectiva de que cada língua e cultura são singulares, rompiam as algemas da tônica iluminista e universalista da língua e da prática tradutória.

A *Bildung*, por sua vez, é um termo alemão que se refere à formação em processo do indivíduo, envolvendo não apenas a educação formal, mas também o desenvolvimento moral, ético e estético. Na era pré-romântica, os pensadores estavam interessados em promover a *Bildung*⁷ como mecanismo de desenvolvimento pessoal e cultural. Por meio da educação e do treinamento, as pessoas poderiam se tornar cidadãos mais conscientes e criadores dos seus próprios destinos.

⁷ *Bilden* do alemão Vb. “formar, dar forma, trazer à tona, representar, ser transferido educar, desenvolver as faculdades mentais”, *ahd. biliden* “formar, dar forma, dar, por exemplo, imitar” (séc. IX) e *bilidōn* “representar, imitar, ser um modelo, dar forma” (séc. VIII em diante), derivados pós-nominais de *Ahd. bilidi* (s. *Bild*), *colapsam em Mhd. bilden* “decorar com imagens, moldar, imitar, apresentar” (cf. mnd. *bēldēn*, *bilden* e *nl. beelden* “formar, representar, pintar”). Até hoje, o termo é usado para descrever a moldagem de objetos reais, ou seja, a criação de obras de arte visualmente tangíveis (*bildende Kunst*, século XVIII). O verbo, que até hoje denota a moldagem de objetos reais, ou seja, a criação de obras de arte visualmente compreensíveis (*bildende Kunst*, século XVIII, inicialmente no plural), também é usado por místicos para se referir à esfera espiritual e mental. A partir de meados do século XVIII, especialmente no período clássico, *bilden* se torna uma expressão para os esforços da pedagogia burguesa-humanista. Para saber mais, vide: <https://www.dwds.de/wb/Bildung#etymwb-1>.

A *Bildung*, conceito central no pensamento alemão, transcende a mera instrução formal, configurando um processo de formação integral do indivíduo, abrangendo o desenvolvimento moral, ético e estético. No contexto pré-romântico, a promoção da *Bildung* era vista como um mecanismo de desenvolvimento pessoal e cultural, capacitando os indivíduos a se tornarem cidadãos conscientes e autores de seus próprios destinos. Como observa Humboldt, “A verdadeira *Bildung* consiste na interação do indivíduo com o mundo, na formação recíproca entre o eu e o universo, na expansão contínua do horizonte de compreensão” (Humboldt, 2018, p. 78). Essa perspectiva evidencia a *Bildung* como um processo dinâmico e contínuo, no qual o indivíduo se forma em diálogo constante com o mundo.

Nesse período, o crescente interesse pela tradução de obras literárias estrangeiras revela a intrínseca relação entre *Bildung*, *Weltkultur* e a superação de fronteiras. A tradução, ao tornar acessíveis ideias e conceitos de outras culturas, contribui para a disseminação da *Weltkultur* e para a expansão do horizonte intelectual. Além disso, a tradução de obras clássicas e antigas, como fonte de conhecimento e experiência, promove a *Bildung*, enriquecendo a formação do indivíduo.

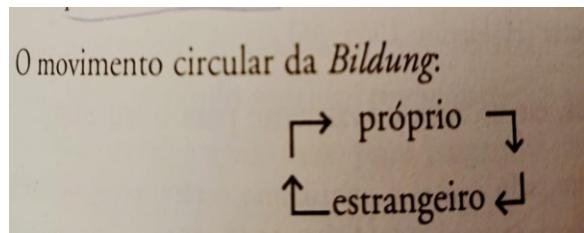
A interconexão de *Weltkultur*, *Bildung* e tradução no pré-romantismo alemão manifesta o desejo de uma compreensão mais ampla do mundo, do desenvolvimento pessoal e cultural, e da disseminação do conhecimento para além das barreiras linguísticas e culturais. No entanto, é fundamental questionar se a *Bildung* promovida nesse contexto era acessível a todos os estratos sociais, ou se privilegiava uma elite intelectual. Ademais, a tradução, embora possa promover o diálogo intercultural, também pode implicar a apropriação e a homogeneização de culturas. Uma análise crítica desses aspectos revela as complexidades e contradições do ideal de formação humana no pré-romantismo alemão.

Ainda no mesmo período, havia um interesse crescente de traduzir obras literárias estrangeiras para o idioma nativo – no caso estudado, o alemão. Isso tornou as ideias e os conceitos de outras culturas acessíveis a um público mais amplo e contribuiu para a disseminação da *Weltkultur*. Além disso, a tradução de obras clássicas e antigas contribuiu para a promoção da *Bildung*, pois deu às pessoas acesso a uma ampla gama de conhecimentos e experiências. Sim, na era pré-romântica, os conceitos de *Weltkultur*, *Bildung* e traduções estavam interligados pelo desejo de promover uma compreensão mais ampla do mundo, o desenvolvimento pessoal e cultural e a disseminação do conhecimento além das fronteiras linguísticas e culturais.

Ao lembrar da citação de Antoine Berman sobre o movimento circular da *Bildung*, lança-se luz sobre a intrincada relação entre o próprio e o estrangeiro no processo de formação do indivíduo. Inspirando-se em Hölderlin, Berman (2007, p. 280) descreve esse movimento como uma “dialética da interiorização do exterior e da exteriorização do interior”. Essa dialética se manifesta na interação dinâmica entre dois movimentos simultâneos: a “prova do estrangeiro” e a “aprendizagem do próprio”.

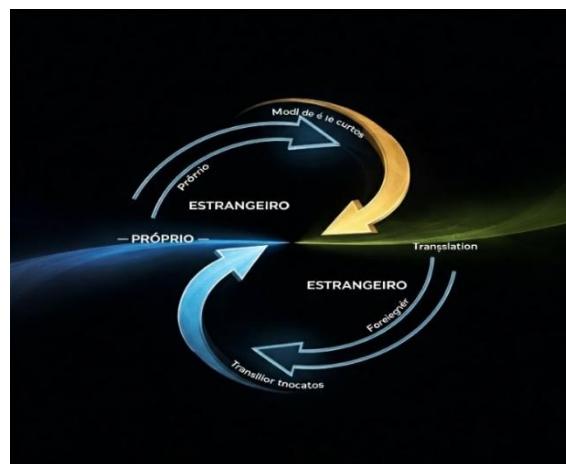
A figura 2, reproduzida do livro de Berman (2007, p. 79), poderia ser entendida hoje em uma outra figuração criada para compreendermos melhor a atualidade dessa leitura sobre a tradução no pré-romantismo:

Figura 2 – Conceito de *Bildung*



Fonte: Berman (2007, p. 79).

Figura 3 – Leitura do movimento entre o “próprio“ e o “estrangeiro“ a partir do Conceito de *Bildung*



Fonte: Elaboração própria.

A imagem evidencia o conceito de *Bildung* ao ilustrar a tradução como impulsionadora do desenvolvimento individual, destacando a dinâmica entre “próprio” e “estrangeiro” proposta por Berman (2007). As setas entrelaçadas simbolizam a abertura à alteridade, o estranhamento e a descoberta, culminando em um retorno transformador ao “próprio”. Essa experiência,

representada pelas setas ascendentes, que conduzem ao “estrangeiro”, e descendentes, que retornam ao “próprio”, configura um processo de autocompreensão e transformação mútua. A circularidade da imagem reforça a dinâmica contínua da *Bildung*, na qual cada experiência de tradução gera novas compreensões e impulsiona o amadurecimento. Assim, a imagem evoca a necessidade de uma tradução hospitaliera que promova o enriquecimento cultural e a formação do leitor. Essa concepção da *Bildung* como um movimento circular está alinhada à busca por uma *Weltkultur* no período pré-romântico, em que a tradução desempenhava um papel fundamental na construção de um diálogo intercultural e na ampliação dos horizontes de conhecimento. Nesse sentido, a tradução não se limitava a uma mera transferência linguística, mas se tornava um instrumento de mediação entre o próprio indivíduo e o estrangeiro, contribuindo para o seu desenvolvimento pessoal e cultural.

Outro conceito de *Bildung*, central no pensamento alemão é designado por um processo de formação individual que visa ao desenvolvimento integral do ser humano, englobando não apenas a aquisição de conhecimento, mas também o cultivo de aspectos morais, éticos e estéticos (Romão, 2013). Esse processo de formação se dava, em grande parte, por meio do contato com a cultura, seja pela leitura, seja pela experiência vivida.

O momento do pré-romantismo alemão, investigado neste trabalho, coincide com aquele em que a tradução era uma ponte entre a língua alemã e as culturas e línguas estrangeiras traduzidas.

Esse movimento estabelece uma interessante conexão com a ideia de “universal pleno de singularidades”, defendida por Barbara Cassin (2022, p. 156) em seu livro *Elogio da Tradução: complicar o universal*. Ao destacar o papel das traduções no processo de *Bildung* e na busca por uma *Weltkultur*, esse período evoca a concepção de Cassin sobre um universal dinâmico e plural, que se enriquece com a diversidade cultural e linguística.

Para Cassin (2022), o universal não se define como uma unidade abstrata e homogênea, mas como um espaço de acolhimento e de diálogo entre diferentes singularidades. Nesse sentido, a tradução desempenha um papel fundamental na construção desse universal, pois permite que diferentes culturas se comuniquem e se influenciem mutuamente, criando um movimento contínuo de trocas e transformações.

O momento em questão ressalta que a *Weltkultur* buscada pelos pré-românticos alemães não era um “universal estático”, mas sim um “conjunto de acolhimento de outras línguas e culturas que progride ao infinito”. Essa ideia se aproxima da concepção de Cassin sobre um

universal em constante movimento, que se alimenta da diversidade e se transforma a partir do contato com o outro.

A comparação com as “transformações da e na natureza” reforça a ideia de um universal dinâmico e em constante evolução, assim como a própria natureza, que está em permanente processo de mudança e adaptação. A *Weltkultur*, portanto, não se configura como um estado ideal a ser alcançado, mas como um processo contínuo de interação e transformação mútua entre as culturas.

Portanto, o *Frühromantik* alemão, no qual a tradução era uma ponte entre a língua alemã e as culturas e línguas estrangeiras, está relacionado à ideia de Cassin ao defender uma concepção de universal que se constrói a partir da multiplicidade e que se enriquece com a diferença. Nesse contexto, a *Bildung* e a busca por uma *Weltkultur* se tornam instrumentos para a construção de um universal dinâmico e plural, que reconhece o valor da diversidade cultural e linguística. A busca por uma *Weltkultur*, impulsionada pelas traduções, se entrelaçava com o ideal de *Bildung* no pré-romantismo alemão. Ambas buscavam expandir os horizontes do indivíduo, promovendo o desenvolvimento de suas capacidades intelectuais, morais e estéticas, e contribuindo para a formação de uma sociedade mais justa e harmoniosa. As traduções, nesse cenário, desempenhavam um papel fundamental na construção de um diálogo intercultural e na difusão do conhecimento, impulsionando o processo de formação da língua alemã e de sua literatura.

Alguns dos principais autores pré-românticos que defenderam a ideia de *Weltkultur* são: Johann Gottfried Herder; Friedrich Schiller; e Johann Wolfgang von Goethe. Herder foi um filósofo, teólogo e crítico literário alemão que defendia a valorização de diferentes culturas e a ideia de que cada nação possui um espírito único e valioso. Ele acreditava na importância de estudar e preservar a diversidade cultural e foi um dos primeiros a expressar ideias pioneiras sobre o conceito de *Weltkultur*.

Schiller, o dramaturgo, poeta e filósofo alemão, também foi um defensor da ideia de *Weltkultur*. Em suas obras, ele explorou temas universais e a importância da conexão entre culturas para o desenvolvimento humano. Goethe, um dos maiores escritores e pensadores alemães, foi um defensor da ideia de uma cultura global compartilhada. Em suas obras, ele investigou as interações de diferentes culturas e defendeu a ideia de que a diversidade cultural enriquece a humanidade.

Esses autores pré-românticos foram importantes defensores da ideia *Weltkultur* e contribuíram muito para o desenvolvimento do pensamento cultural e filosófico da época. Suas

obras influenciaram o movimento romântico posterior e continuam a ser estudadas e apreciadas até hoje. As ideias do *Weltkultur* inspiraram o movimento romântico de várias maneiras, contribuindo para a forma como os românticos abordavam a cultura, a sociedade e a arte.

Alguns dos principais impactos dessa forma de encarar a cultura do outro se tornaram em ações de apreciação da diversidade cultural: as ideias da *Weltkultur* enfatizavam a importância de reconhecer e valorizar a diversidade de culturas em todo o mundo. E isso influenciou os românticos, que começaram a traduzir e explorar diferentes tradições culturais, folclore e mitologias para obter uma compreensão mais ampla e profunda do mundo que não tinha somente um centro, ou melhor, que se deslocava em posições periféricas à medida que a história e as línguas se desenvolviam.

A conexão de culturas: a noção de uma cultura mundial compartilhada, promovida pela *Weltkultur*, incentivou os românticos a procurar conexões e pontos de contato entre diversas culturas, o que inspirou a troca de ideias e escritas múltiplas das mesmas obras de uma língua para outra. Isso possibilitou a troca de ideias e influências culturais entre diferentes países e povos, enriquecendo o movimento do *Frühromantik* ao ampliar seu território linguístico sem priorizar a questão de uma origem específica de onde nasce ou termina sua própria língua materna, porém consciente de que sua diversificação e desenvolvimento são possíveis a partir da tradução de outras línguas para a sua.

Essa consciência foi praticada na propagação de uma cultura possível a todos e que não se originava, ou melhor, se diversificava a cada reinício cultural. A certeza de que o momento a ser marcado seria exatamente aquele em que estavam vivendo, ou seja, a intercepção entre o regime político que desestabilizava a monarquia, a posição geográfica que ocupavam sendo o centro da ocupação e rejeição da ocupação napoleônica, e a sensibilidade consciente em relação ao todo que os cercava produzem a singularidade e o giro da tradução dentro da *Weltkultur*.

Tal situação excepcional faz com que Caroline Schlegel-Schelling e seus amigos de Jena concebiam a tradução como uma roda da fortuna destinada a espalhar, refletir e multiplicar a revolução da língua alemã, com a certeza das possibilidades desse trabalho em línguas diferentes da sua. Essa constatação do momento exato – Jena (o lugar), 1799 (o momento) – faz com que o conceito de *Weltkultur* seja vivenciado em sua plenitude pelos participantes do Círculo de Jena por meio de seus diálogos, obras e ações.

Antes, como bem sabemos hoje, valorizou-se a transparência da tradução, como se os raios originários, puros, do autor original, pudesse penetrar sem mais as diferentes línguas. Esquematicamente, pode-se dizer que foi apenas com a decadência do paradigma da mimesis,

acompanhada ao longo do século XVIII e que culminou no Romantismo, que os teóricos começaram a se aprofundar na teoria da diferença e intraduzibilidade entre línguas (Seligmann-Silva, 2022, p. 65).

Em decorrência disso, a ideia de *Weltkultur* despertou o interesse dos românticos por culturas distantes e exóticas, levando-os a explorar temas e cenários internacionais em suas obras literárias e artísticas. Nessa visão, encontra-se o fascínio pelo diferente e pelo desconhecido como forma de compreender o outro. Isso também se torna uma característica marcante do pré-romantismo, influenciado pela perspectiva global promovida pela *Weltkultur*, na qual a universalidade dos sentimentos e das experiências humanas é proclamada como direito de todos.

Em sintonia com os ideais da Revolução Francesa, os artistas e pensadores desse período expandiram a *Weltkultur*, traduzindo obras de maneira mais diversificada e defendendo a ideia de que, apesar das diferenças culturais, há aspectos universais da experiência humana que nos conectam. Então se pode reconhecer que a experiência do estrangeiro, seja por meio da leitura de obras traduzidas, seja pelo contato com outras culturas, impulsiona um processo de questionamento e renovação da identidade do indivíduo. Como sugere Cassin (2022, p. 138), “a sinonímia das línguas é uma falsa sinonímia”, pois a tradução sempre acrescenta algo de novo ao texto original, criando uma versão diferente. Ao mesmo tempo, a interiorização do exterior possibilita uma nova visão de si mesmo, revelando aspectos antes ocultos e ampliando os horizontes da compreensão.

Em sintonia com os ideais da Revolução Francesa, os artistas e pensadores do período pré-romântico expandiram a *Weltkultur*, traduzindo obras de maneira diversificada e defendendo a ideia de que, apesar das diferenças culturais, há aspectos universais da experiência humana que nos conectam. Nesse contexto, a experiência do estrangeiro, seja por meio da leitura de obras traduzidas, seja pelo contato com outras culturas, impulsiona um processo de questionamento e renovação da identidade individual. A tradução, como ato de mediação cultural, desempenha um papel crucial nesse processo. Como sugere Cassin (2022, p. 138), “a sinonímia das línguas é uma falsa sinonímia”, pois a tradução sempre acrescenta algo de novo ao texto original, criando uma versão distinta. A interiorização do exterior, portanto, possibilita uma nova visão de si mesmo, revelando aspectos antes ocultos e ampliando os horizontes da compreensão.

Essa expansão da *Weltkultur* e a valorização do “estrangeiro cultural” encontraram no gênero epistolar um espaço privilegiado de manifestação. O gênero epistolar, no período

compreendido entre os séculos XVII e XIX, transcendia a função de mera comunicação cotidiana, configurando um espaço para a troca de ideias e a reflexão sobre o mundo. No contexto pré-romântico alemão, a correspondência assumia um papel central na construção da *Bildung* (formação integral do indivíduo), permitindo a troca de reflexões sobre questões morais, éticas e estéticas, além da divulgação de ideias e conceitos de outras culturas, essenciais para a formação de um indivíduo cosmopolita.

Caroline Schlegel-Schelling, tradutora, crítica e figura central do círculo romântico de Jena, personifica essa dinâmica. Sua correspondência revela a articulação entre a reflexão sobre a *Bildung*, a prática da tradução e a crítica literária. Suas cartas, para além do registro de eventos cotidianos, configuram um espaço de debate intelectual, onde questões estéticas, filosóficas e políticas se entrelaçam. A tradução, para Caroline Schlegel-Schelling, não era mera transposição linguística, mas um ato de interpretação e recriação, no qual o “estrangeiro cultural” era apropriado e integrado ao horizonte alemão. A crítica de Caroline Schlegel-Schelling, por sua vez, caracterizava-se pela ironia e pela perspicácia, desconstruindo modelos tradicionais e abrindo caminho para novas formas de expressão.

O gênero epistolar, para as mulheres do período romântico, representava um espaço de liberdade e expressão em um contexto social restritivo. Como aponta a historiadora Joan Scott, “As cartas permitiam às mulheres expressar suas ideias e sentimentos, construir redes de sociabilidade e participar do debate público de uma forma que lhes era negada em outros espaços” (Scott, 1996, p. 112). Nesse sentido, a correspondência de Caroline Schlegel-Schelling não apenas revela sua erudição e perspicácia, mas também sua capacidade de utilizar o gênero epistolar como um instrumento de intervenção cultural e intelectual.

A valorização da diversidade cultural e a busca por conexões globais, características do pré-romantismo alemão, desafiavam os limites da cultura clássica. A tradução de obras literárias estrangeiras, nesse contexto, desempenhava um papel fundamental, ao ampliar o repertório cultural e introduzir novas perspectivas. A poesia, em particular, tornou-se um campo de experimentação tradutória, impulsionando a renovação da linguagem e a expansão da sensibilidade romântica.

O gênero epistolar, como apontou Yuri Tynianov na década de 1920, transcendeu a mera função de comunicação cotidiana, tornando-se um “gênero poético” (Tynianov, 1979). A ligação de “ideias mais remotas”, a fragmentação, as alusões e o diálogo íntimo conferiam à carta uma expressividade singular, capaz de capturar as nuances da experiência humana. As

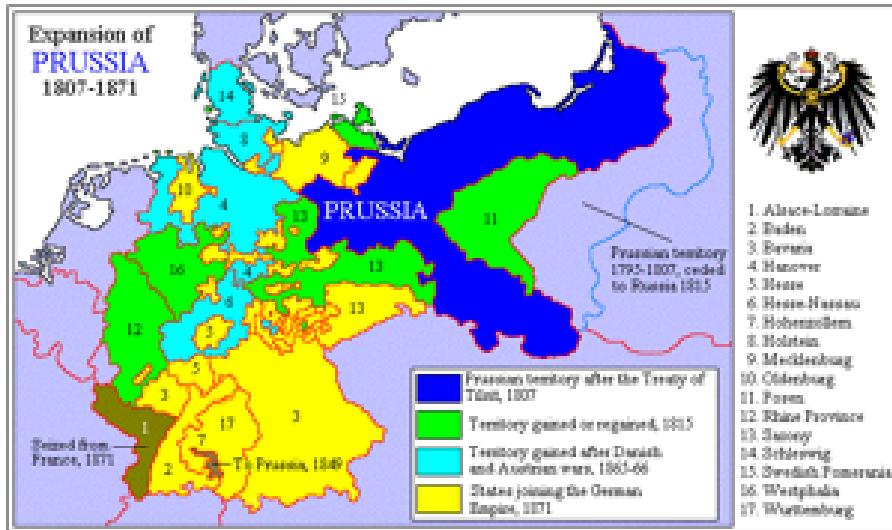
cartas de Caroline Schlegel-Schelling (1800), por exemplo, revelam a ironia crítica e a reflexão sobre o conhecimento de mundo que caracterizavam o círculo romântico de Jena.

CAPÍTULO 2 – A CHEGADA DO ESTRANGEIRO

“Tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz”.

(Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling)

Figura 4 – Mapa da Europa invadida por Napoleão com destaque para Prússia



Fonte: Thomas; Bullivant (2018).

2.1 O estrangeiro ambivalente durante a ocupação napoleônica

A representação cartográfica da Prússia nesse recorte histórico transcende sua função de mero registro geográfico, erigindo-se como um símbolo palpável das tensões e transformações causadas pela ocupação napoleônica. As fronteiras meticulosamente delineadas não representam apenas divisões territoriais, mas também o ponto de convergência e embate entre culturas distintas.

A figura do “estrangeiro” francês, imposta pelo domínio napoleônico, adquire um caráter ambivalente, oscilando entre representar uma ameaça à soberania prussiana e introduzir vetores modernizadores. Nesse contexto, o mapa materializa o espaço onde essa dialética se desenrola, onde as forças da resistência e da adaptação moldam a identidade prussiana a partir de influências conflitantes.

A ocupação napoleônica, apesar do jugo externo que impunha, paradoxalmente impulsionou um processo de hibridização cultural na Prússia. As ideias e práticas modernas introduzidas pelos franceses impregnaram diversos aspectos da sociedade prussiana, desde a

legislação até a filosofia. Essa ambivalência cultural se manifestou no florescimento de movimentos intelectuais, com destaque para o Círculo de Jena, onde a figura do “estrangeiro” foi ressignificada como fonte de inspiração e renovação. Foi nesse ambiente intelectual efervescente que personalidades como Caroline Schlegel-Schelling adotaram uma postura de abertura ao “estrangeiro cultural”, utilizando a tradução como instrumento de resistência e enriquecimento da língua alemã. O mapa, portanto, representa o palco onde esse diálogo complexo entre culturas se desenrolava, onde a aparente dicotomia entre dominador e dominado se desfazia em um caleidoscópio de interações e influências mútuas.

O mapa simboliza a relação dialética entre identidade e alteridade dentro de uma reflexão sobre a transformação cultural ocorrida entre 1789 e 1812. Em última análise, o mapa da Prússia, no contexto da ocupação napoleônica, representa a intrincada relação dialética entre identidade e alteridade. As fronteiras geográficas demarcam não apenas um território físico, mas também um espaço de negociação e transformação cultural. A figura do “estrangeiro ambivalente”, que oscila entre a ameaça e a inspiração, desafia a noção de identidade nacional estática, revelando a dinâmica incessante de interação e adaptação que molda as culturas. O mapa, portanto, convida à reflexão sobre como as culturas se influenciam mutuamente e sobre como o contato com o “outro” pode impulsionar a renovação e a expansão do “eu”.

A experiência da dominação estrangeira e da imposição de um poder externo, como o de Napoleão, provocou um conflito de interesses e fez com que houvesse maior transparência entre a teoria e a prática dos ideais da esperada revolução dos direitos humanos, além de acirrar ainda mais as diferenças entre povos e culturas da Europa ocupada por Napoleão.

A empatia inicial dos participantes do Círculo de Jena com os propósitos da Revolução Francesa, que convocava o povo para a tomada de poder e pretendia abolir a divisão de classes entre aristocracia e plebe, distanciou-se da prática da guerra, da fome e da fuga imposta pela violência da máquina de guerra napoleônica.

A questão da alteridade dos pré-românticos alemães em relação aos ideais de igualdade e fraternidade representados pelos franceses, bem como a percepção do “outro” ou do diferente, foram revistas e colocadas à prova durante a invasão napoleônica, trazendo consequências ambivalentes para toda a população, principalmente para os círculos intelectuais que ingenuamente esperavam um salvador personificado em Napoleão.

Após a invasão, os pensadores alemães, como os do círculo de Jena, refletiram mais profundamente sobre as questões de identidade nacional, cultural e política. O que antes era sinônimo de renovação e exploração de saberes abertos a todos os que acreditaram na

Revolução Francesa ficou constatado como apropriação não consentida pelo povo invadido. De fato, mesmo nos territórios aliados à força de ocupação francesa, houve um massacre da população rural e uma comoção de repúdio ao invasor na maioria das cidades alemãs.

Essa comprovação se transforma em necessidade de se voltar do estrangeiro idolatrado (como era a posição de muitos pré-românticos até então) à constatação de que era urgente fazer o movimento contrário naquele exato momento. Trazer a cultura, a língua e a arte do “outro” para expressá-las na língua alemã torna-se a tarefa social que preenche a vida dos tradutores no *Frühromantik*.

Através da experiência de uma ocupação estrangeira, antes consentida, como foi o caso da Prússia, e em consequência da imposição de um poder externo estrangeiro, houve um encontro singular entre línguas, o que levou à maior consciência das diferenças entre culturas e suas fronteiras físicas.

A invasão napoleônica na Prússia desestabilizou as concepções de identidade nacional e cultural, marcando um momento de profunda crise. A euforia inicial com os ideais revolucionários franceses, que incentivavam a abertura ao “outro” cultural, cedeu lugar a um sentimento de repúdio diante da violência da ocupação. O “estrangeiro” francês, outrora símbolo de renovação, transformou-se em emblema da dominação e da apropriação não consentida.

Nesse contexto, os intelectuais alemães buscaram na tradução um instrumento de resistência e apropriação. Ao traduzirem obras francesas para o alemão, eles traziam o “outro” para o seu próprio domínio, ressignificando e reafirmando a identidade cultural alemã. A tradução, assim, transcendia a mera transposição linguística, configurando-se como um ato político de resistência à dominação cultural.

Antoine Berman (1985, p. 67), em sua obra *A Tradução e a Letra*, oferece uma perspectiva crítica sobre essa prática. Ele defende que a tradução não deve buscar a mera equivalência, mas sim expor a diferença entre as culturas, desestabilizando a língua de chegada e revelando a singularidade da língua de partida. Essa “estrangeiridade”, como Berman a denomina, possibilita a desconstrução de hierarquias culturais e a afirmação da alteridade.

Caroline Schlegel-Schelling, figura central do círculo romântico de Jena, personifica a complexidade do período em que viveu. Inicialmente simpatizante dos ideais da Revolução Francesa, sua postura tornou-se ambígua diante da ocupação napoleônica. A tensão entre a admiração pela cultura francesa e a repulsa à dominação política manifestou-se em seu relacionamento com o oficial francês Sanson, que culminou em sua prisão na fortaleza de

Königstein enquanto estava grávida. Segundo a historiadora Sigrid Damm (2009, p. 320), a prisão representou um momento de grande sofrimento e humilhação para Caroline Schlegel-Schelling, mas também um símbolo de sua resistência à opressão napoleônica.

A vida de Caroline Schlegel-Schelling, marcada por paixões e traduções, constituiu um campo de batalha onde as fronteiras entre o “eu” e o “outro” foram constantemente desafiadas e redefinidas. Nesse contexto, Lewitscharoff (2011, p. 89) destaca como a trajetória de Caroline Schlegel-Schelling se caracterizou por um embate contínuo onde os limites entre individualidade e alteridade eram postos a prova.

A experiência da ocupação napoleônica, portanto, desencadeou uma dinâmica cultural complexa na Alemanha. A violência da guerra e a imposição de um poder externo levaram à revisão de ideais iluministas e à necessidade de reafirmação da identidade nacional. Sob a perspectiva de Berman, a tradução emerge como um ato de resistência e de afirmação da diferença, expondo a complexa relação entre o “eu” e o “outro” no contexto da dominação napoleônica.

A noção de alteridade pós-napoleônica contribuiu para a formação de uma identidade nacional alemã mais definida e reforçada. Os pré-românticos alemães começaram a valorizar ainda mais a cultura, a língua e a história do povo alemão como elementos distintivos e importantes para resistir às influências estrangeiras. Nesse entrecruzamento do doméstico com o estrangeiro é adequado trazer as palavras de Schleiermacher (2010, p. 34) sobre tradução:

Os antigos, evidentemente, traduziram pouco nesse sentido estrito, e a maioria dos povos modernos, intimidados pelas dificuldades da verdadeira tradução, contentam-se, em geral, com a imitação e a paráfrase. [...] No entanto, nós, alemães, por mais atenção que se dê a este conselho, não o seguiríamos. Uma necessidade interna, que expressa claramente uma vocação peculiar do nosso povo, nos impulsionou em massa para a tradução; não podemos retroceder e temos que seguir adiante.

Friedrich Schleiermacher argumenta que os alemães têm uma vocação singular para a tradução, diferenciando-se de culturas como a grega e a francesa, que, segundo ele, privilegiam a imitação e a paráfrase. Ele afirma que uma “necessidade interna” impulsiona o povo alemão a um movimento tradutório extenso e implacável, crucial para o desenvolvimento da língua alemã. Utilizando a metáfora do cultivo de plantas estrangeiras, Schleiermacher ilustra como o contato linguístico enriquece o idioma alemão. Para ele, a tradução possibilita o florescimento e o pleno potencial da língua, superando sua suposta “pesadumbre nórdica”.

Schleiermacher destaca também nesse trecho o papel mediador dos alemães, que reúnem em sua língua “os tesouros da ciência e da arte alheios”, criando um “conjunto histórico” europeu acessível a todos. Para ele, a tradução em larga escala é a missão histórica alemã, um processo que enriquece a língua e a estabelece como centro de convergência cultural.

Em paralelo a essa visão idealizada da tradução alemã do início do Romantismo, no qual aparece como uma missão histórica e formadora de consciência criativa, pensadores posteriores criticaram a ideia de uma “vocação” nacional para a tradução. A crença em uma superioridade cultural alemã, exemplificada na ideia de “conjunto histórico” a ser criado, seria apropriada e usada pela intelectualidade alemã para reforçar o sentimento de identidade nacional.

No entanto, pensadores pós-românticos enalteceram a língua e a cultura alemãs com outra finalidade, dispensando o pensamento de Schleiermacher para multiplicidade que traz o benefício para uma língua que se movimenta. Ao priorizar um modelo, uma raça, uma língua como a superior, criaram o nacionalismo que culminaria em movimentos totalitários. De acordo com George Mosse, a idealização da cultura alemã, incluindo a língua, foi um elemento central na construção de uma identidade nacional que buscava unificar as massas e mobilizá-las para um projeto político específico.

Essa visão contrastante destaca como o pensamento de Schleiermacher, embora influente, pode ser interpretado dentro de um contexto de nacionalismo emergente e de uma idealização da cultura alemã, apontando para os perigos de “romantizar” uma visão da tradução.

Além disso, a invasão napoleônica e o pós-guerra levaram os pré-românticos alemães a debater o papel da Alemanha no contexto europeu e a procurar formas de reforçar a identidade nacional e cultural alemã face às influências externas. Essa reflexão sobre a alteridade e a identidade contribuiu para o desenvolvimento do movimento romântico alemão, que procurou valorizar o particular, o local e o autêntico, em oposição ao universalismo e ao racionalismo iluminista.

A inspiração pelo ideal da liberdade expresso na Revolução Francesa explode em 1789, o mesmo ano em que se inicia o pré-romantismo alemão e a expansão da Revolução Industrial. Concomitantemente, acelera-se o ritmo dos experimentos científicos, colocando em contato de proximidade real as classes (Engels, 2007) até então mais rigidamente separadas em aristocracia, burguesia e povo, enfim, estrangeiros dentro das mesmas fronteiras e trincheiras que, depois de duas Revoluções – Francesa e Industrial – constituem relações cada vez mais estreitas e interdependentes tanto social quanto geograficamente. A alteridade era exercitada na

subjetividade com a inspiração de que o outro poderia também se tornar familiar. Sobre isso, diz Engels (2007, p. 38):

Deixaram a um estrangeiro a tarefa de informar ao mundo civilizado a degradante situação em que são obrigados a viver. Um estrangeiro para ela, mas não para vós, segundo espero. É provável que meu inglês não seja perfeito, mas tenho a esperança de que o achareis inequívoco. Nenhum operário na Inglaterra – nem na França, diga-se de passagem – tratou-me como um estrangeiro.

A herança cultural e as invasões napoleônicas são alguns dos painéis itinerantes mais associados ao surgimento do Romantismo Alemão. Existem, porém, mais detalhes pouco mencionados, acidentes de percurso que podem ser demonstrados dentro do desenvolvimento desse processo de escrita histórica que tornaram essa época tão importante para os Estudos da Tradução – os quais, desde seu surgimento, têm sido uma expressão filosófica e literária cujo sentido singular pretende-se explorar nesta dissertação.

Como previamente mencionado, o presente estudo propõe estabelecer um diálogo entre as ideias de Caroline Schlegel-Schelling, figura proeminente do círculo romântico de Jena e suas concepções inovadoras, e as reflexões de filósofos e tradutores contemporâneos, como Barbara Cassin, Antoine Berman e Walter Benjamin, no âmbito dos Estudos da Tradução. A partir da análise e tradução de cartas do período em questão, busca-se traçar paralelos e contrastes entre as perspectivas de Caroline Schlegel-Schelling e as dos autores supracitados, bem como de outros pensadores que se juntam a esta discussão ao longo deste trabalho.

Na referida época, um dos momentos da prática tradutória alcança uma evidência tanto na perspectiva da metalinguagem reflexiva e experiencial quanto das línguas nacionais que se ampliam, se recriam e se traduzem com uma velocidade impressionante, pois a dialética da *Bildung* (processo de formação cultural a partir dos modelos poéticos clássicos) é uma das prioridades no pré-romantismo. Essa preocupação “faz com que o tradutor se confronte com uma multiplicidade de formas métricas estrangeiras, o resultado disso é que toda tradução só é ou pode ser politradução” (Berman, 2002, p. 239).

Além da bibliografia literária e filosófica herdada da Alemanha de Lutero, a disciplina dos Estudos da Tradução considera o *Frühromantik*, período em que se prepara o contexto de processo para ser o Romântico, (Frank, 2004 p. 30) como o entrecruzamento do conceito de pensamento absoluto com o relativo. Existe um acordo de que o conhecimento pode ser descrito em termos de um processo de aproximações infinitas ou progressões incompletas que se estabelece como uma ponte pênsil entre os pensadores iluministas, os revolucionários (elas e

eles mesmos, pré-românticos, testemunhas da sua atualidade) e as noções, os conceitos discursivos contemporâneos sobre os estudos da Tradução “aos outros” (Derrida, 1982, p. 97) que comigo costuram esta pesquisa. No que se refere às concepções e alteridades, o pré-romantismo alemão, para Berman (2002, p. 47), é

Ato gerador de identidade, a tradução foi na Alemanha, de Lutero até os nossos dias, objeto de reflexões das quais a prática tradutória é acompanhada aqui por uma reflexão, às vezes puramente empírica ou metodológica, às vezes cultural e social, às vezes francamente especulativa, sobre o sentido das metafísicas, religiosas e históricas, sobre a relação entre as línguas, entre o mesmo e o outro, o próprio e o estrangeiro.

Foi uma fase na qual teorizar, resgatar, fazer afirmações e defender um posicionamento divergente do senso comum estabelecido se constituía em um posicionamento ético sobre o próprio Saber, então também sobre a Tradução, ou seja, refletir que traduzir nesse movimento é girar a manivela do classicismo hermético.

A ética da tradução, conforme delineada por Barbara Godard a partir das ideias de Antoine Berman, emerge como um paradigma que transcende a mera transposição linguística. Godard, ao analisar a tradução como uma “costura de redes”, enfatiza a necessidade de o tradutor reconhecer e respeitar a alteridade inerente ao texto original (Godard, 2021). Essa perspectiva, que se distancia de modelos fixos e relações simétricas entre línguas, destaca o autoquestionamento do bilinguismo e a consciência da “diferença” como pilares fundamentais da prática tradutória.

Complementando essa visão, Antoine Berman, em sua defesa da “prova do estrangeiro”, propõe que o tradutor deve acolher e preservar a estranheza do texto original, evitando a imposição de valores e estruturas da cultura de chegada (Berman, 2002). Ao criticar as tendências etnocêntricas e domesticadoras, Berman estabelece as bases para uma ética da tradução que valoriza a singularidade e a irredutibilidade do outro. Assim, Godard e Berman convergem na defesa de uma tradução que se paute pelo respeito à alteridade, pela responsabilidade intercultural e pela consciência da complexidade do encontro entre línguas e culturas.

A questão de como o reconhecimento intersubjetivo e cultural, tal como delineado por pensadores e tradutores contemporâneos, se relaciona com a prática tradutória da *Bildung* é central. Berman (2002) argumenta que as traduções românticas representaram um momento crucial para a formação da língua alemã e para a consolidação da tradução como disciplina. Em outras palavras, Berman sugere que as traduções da época romântica operavam como um ponto

de encontro entre o sentido, a crítica e a hermenêutica, impulsionando simultaneamente o desenvolvimento linguístico e a teorização da tradução.

Essa perspectiva nos leva a questionar os espaços de intersecção e separação entre os estudos da filologia, da gramática comparada e da crítica hermenêutica na Alemanha da virada do século XVIII e o campo tradutológico pós-moderno ou atual. Afinal, como as discussões sobre a essência plural da experiência tradutória, que Berman denominou 'tradutologia', se manifestam e se diferenciam nos debates contemporâneos?

As hipóteses surgem com as preocupações e reflexões levantadas pelos românticos, como Caroline Schlegel-Schelling, August e Friedrich Schlegel, e Novalis, cujos textos analisarei no próximo capítulo deste trabalho.

A começar pela própria palavra que nomeia este período, pré-romantismo, e sua significação mais abrangente na língua alemã, que a designa como uma “corrente artístico-filosófica a qual surgiu como reação à Revolução Francesa, ao Iluminismo e ao Classicismo, na busca de um estado harmonioso da sociedade.” Esse estado predominou na literatura e na arte europeias, especialmente na primeira metade do século XIX, e enfatizou o popular e o nacional, mas também o emocional, o irracional e o transcendente (Lühr; Lloyd, 2014).

O substantivo *Romantik*, cunhado do vocábulo latino “*roman*” e resgatado pela oralidade popular com seu sentido de humor, narrativa ainda das baladas medievais, logo ganha uma noção temporal e qualificativa com marcação adverbial temporal na justaposição do adjetivo *früh* [anterior, primevo], formando o nome *Frühromantik*, que entre o sentido literal e cultural significa: “aqueles que reagindo a uma dada ideia da razão o fizeram inspirados na emoção e contemplação da Natureza” (Lühr; Lloyd, 2014).

Sobre o sentido de “românticos”, Berman (2002) registra em seu livro *A prova do estrangeiro* que, em primeiro lugar, é fato histórico que os românticos “anexaram à literatura alemã as formas artísticas romanas”. Essa “anexação” não se limitou a uma mera imitação, mas representou uma profunda reinterpretação e adaptação dessas formas ao contexto cultural alemão. Os membros da revista *Athenäum*, central para o desenvolvimento do romantismo alemão, exploraram com maestria os duplos sentidos de “romantismo” e “romance”, estabelecendo uma ponte conceitual entre as raízes latinas e as novas formas literárias que emergiam. Essa ambiguidade intencional refletia o desejo de criar uma literatura que se conectasse com a tradição clássica e expressasse a identidade nacional alemã ao mesmo tempo. As formas romanescas, por sua vez, representavam uma ruptura com os modelos clássicos, proporcionando maior liberdade criativa e expressividade individual. Berman destaca que esse

jogo de palavras e referências não era apenas um exercício estético, mas uma forma de reivindicar a herança romana e transformá-la em um elemento constitutivo da nascente literatura romântica alemã, impulsionando a experimentação e a inovação literária que marcaram o período inicial do Romantismo alemão.

Isso, de acordo com Berman, se deveria à relação, por assim dizer, “versátil” que estes primeiros românticos estabeleciam, principalmente por causa da prática tradutória tão difundida dos clássicos greco-latinos, uma convivência, uma certa familiaridade de habitar outras línguas, como “fosse possível habitá-las todas.” (Berman, 2002, p. 33).

Ainda de acordo com Walter Benjamin: “Romantizar não é nada mais que uma potenciação qualitativa. Nesta operação o si mesmo inferior é identificado a um si mesmo melhor. Assim como nós mesmos somos uma tal série qualitativa de potências” (Benjamin, 1993, p. 46).

A escolha do termo “*Unheimlich*” por Freud para explorar o conceito do infamiliar revela uma profunda complexidade linguística e psicológica. A palavra, carregada de ambiguidades, oscila entre o familiar e o estranho, o oculto e o revelado. Essa dualidade captura a essência do sentimento que Freud busca descrever: uma inquietação que surge do retorno daquilo que deveria permanecer escondido, daquilo que, paradoxalmente, é ao mesmo tempo íntimo e alienígena.

Freud, em sua análise, desvela as camadas etimológicas de “*Unheimlich*”, demonstrando como o prefixo “*un-*” desfaz a segurança do “*Heimlich*”, o lar, o familiar. Essa desconstrução revela que o infamiliar não é simplesmente o desconhecido, mas sim uma perturbação que emana do íntimo, do reprimido que retorna para assombrar a consciência. A malícia presente no termo, mencionada no texto, reflete a insidiosa natureza do infamiliar, que se infiltra sorrateiramente, subvertendo as fronteiras entre o eu e o outro.

A pergunta que ecoa, “Quem é este *Unheimlich* que o eu do homem branco ocidental, racionalista que copiamos, repetimos, admiramos, porém quando traduzimos não nos corresponde e não se reconhece?”, nos convida a refletir sobre a dimensão cultural e histórica do infamiliar. A tradução do termo, como apontado, revela as lacunas e os descompassos entre diferentes sistemas linguísticos e culturais. O infamiliar, portanto, não é apenas um fenômeno psicológico, mas também um marcador de alteridade, um ponto de atrito onde as identidades se confrontam e se desestabilizam.

Freud (2021), ao afirmar que “o incômodo seria uma espécie de elemento aterrador que remonta ao que é há muito conhecido, ao que há tempos é familiar”, desvela a natureza

paradoxal do infamiliar. Não se trata de um medo do desconhecido, mas sim de um temor que brota do reconhecimento de algo que deveria ter permanecido oculto. O infamiliar, em sua essência, é um retorno do reprimido, um lembrete de que a segurança do lar é sempre permeável à irrupção do estranho.

No artigo *Das Unheimliche* (O Incômodo), Sigmund Freud faz referência ao trabalho de Otto Rank (1925), *O Duplo*”, publicado pela *Internationaler Psychoanalytischer Verlag*, no qual o estranho aparece sob a forma de duplo, provocando medo, angústia e horror. “Ele investigou as conexões entre o ‘duplo’ e reflexos em espelhos, sombras, espíritos guardiões, a crença na alma e o medo da morte” (Camargo; Ferreira, 2020).

A análise do conceito de *Das Unheimliche* (O Incômodo), por Sigmund Freud, revela que a reação humana de medo e horror surge diante do que se apresenta como misterioso e enigmático. No entanto, Freud esclarece que o incômodo (*Unheimliche*) não se opõe ao familiar; pelo contrário, está intrinsecamente ligado a ele. Nas palavras de Freud: “O infamiliar é, então, também nesse caso, o que uma vez foi doméstico, o que de muito é familiar” (Freud, 1919/2019, p.22). Complementando essa ideia, na tradução de Paulo Sérgio de Souza Júnior, encontramos a seguinte definição: “O infamiliar não é nada de novo ou de estranho. Ele é algo que a mente estava familiarizada com uma vez e que agora foi alienado dela apenas através do processo de repressão” (Freud, 1919/2021, p. 8).

Essa observação ressalta como o retorno do reprimido pode gerar um profundo sentimento de estranhamento. É crucial notar que nem tudo que é novo e estranho é assustador, e a relação não é inversa. O novo pode, de fato, tornar-se assustador e estranho, e algumas novidades provocam temor, mas não todas. Assim, concretiza-se a sensação que os pré-românticos alemães experimentaram em reação à invasão francesa.

Algo deve ser acrescentado ao que é novo e não familiar para que se torne estranho, ou estrangeiro, como os franceses de Napoleão para os alemães invadidos no período pré-romântico. Os ideais de liberdade, fraternidade e igualdade refletidos no espelho da guerra teriam esse gosto de “*der unheimliche Freund*”,⁸ ou seja, “um amigo estrangeiro” que representava a mudança social e política antes admirada como “*heimliche*” e depois revelada como “*unheimliche*”.

A exploração da transição do familiar para o incômodo, central na obra de Sigmund Freud, encontra ecos significativos nas reflexões dos pré-românticos alemães, em especial na

⁸ Expressão de autoria própria para compor o paralelo entre o “*der unheimliche Freund*” com “um amigo estrangeiro”

figura de Caroline Schlegel-Schelling e no conceito de *Unheimliche*. Ao defini-lo como “tudo o que deveria ter permanecido secreto e oculto, mas veio à luz” (Freud, 1940), Freud captura a essência dessa perturbação. Tal definição, inspirada nos versos de Friedrich Schelling, último marido de Caroline Schlegel-Schelling e filósofo do grupo de Jena, ilumina o caráter perturbador do familiar que, ao ser exposto à consciência, revela-se incômodo e ameaçador.

Caroline Schlegel-Schelling, inserida nesse contexto intelectual, vivenciou, em sua trajetória pessoal e intelectual, a tensão entre o familiar e o incômodo. Sua participação ativa nos círculos literários e filosóficos de Jena, bem como seus relacionamentos complexos, a colocaram em contato com a fragilidade das aparências e a irrupção do reprimido. Nesse sentido, o *Unheimliche* manifesta-se como a sensação de estranheza diante da exposição do íntimo, do que deveria permanecer oculto, mas que se revela em sua crueza.

A definição de Freud, portanto, não apenas ecoa as reflexões de Schelling, mas também se conecta à experiência de Caroline Schlegel-Schelling, que testemunhou a fragilidade das convenções sociais e a irrupção do reprimido. Assim, o *Unheimliche* emerge como a sombra do familiar, o lado obscuro do lar, o segredo que, ao ser revelado, instaura a perturbação.

Em seu livro *Magníficos Rebeldes*, Wulf alude à importância do Círculo de Jena, com seus ideais de *Bildung* e de exploração do “Eu”, na construção da psicanálise freudiana (Wulf, 2022, p. 273). As “ideias que surgiram em Jena”, como a “unidade do Eu e da Natureza”, o “conceito do Eu inconsciente” e a “importância da imaginação”, encontraram eco nas teorias de Freud, que reconheceu a afinidade entre seu pensamento e o dos pré-românticos.

Essa busca pelo autoconhecimento, presente na *Bildung* romântica e na psicanálise freudiana, implica confrontar o “incômodo” que habita em nós, o *Unheimliche* que se esconde nas profundezas do inconsciente. A relação entre Freud e os pré-românticos alemães revela um diálogo fecundo entre a filosofia, a literatura e a psicanálise, que contribuiu para uma nova compreensão do “Eu” e de suas complexas relações com o mundo.

As questões retóricas acima provocam outra reflexão dessa fase pré-romântica: como tratar essa cultura literária linguística e filosófica como seu próprio legado traduzido, se ela é estrangeira ao nosso mundo e, se investigada, pode ser descoberta como parte da nossa língua ou casa? Poderíamos, ao traduzi-la, articular seus sentidos na nossa própria consciência cultural?

Essas indagações, bem como outras que surgirão no desenvolvimento da dissertação, serão a bússola deste trabalho. As alteridades possíveis refletidas através das cartas de Caroline Schlegel-Schelling serão o cursor desta pesquisa. Como é pensado e traduzido esse outro no

pré-romantismo, ele é tratado como sendo um outro novo. O tema de como se faz essa alteridade será a minha tarefa principal ao traduzir do original em alemão para o português. Ao detalhar em português as “falas escritas” de Caroline Schlegel-Schelling, estas se refazem em um repertório próprio do caminho do tradutor itinerante que personifica a questão duvidosa de entender o entre do dentro e fora das palavras em cada idioma, ou seja, o Eu estrangeiro que vive de maneira singular em cada um de nós.

Tal como Goethe cita através de seu personagem em *Fausto* (Goethe, 2021), no qual a língua de dentro (subjetividade) e a língua de fora (objetividade) se encontravam no insondável da emoção, percebe-se na temática do pré-romantismo o sussurro estrangeiro que impulsiona a nova interpretação possível para o mundo, revelada pela tradução hermenêutica. Tal como uma ponte de mão dupla oscilando entre a subjetividade e a objetividade, entre o “Eu” e o “outro”, se elabora uma reflexão sobre a ideia de movimentos inesperados, porém contínuos, na elaboração da significação e de um saber da tradução. Retomando as proposições do professor, teólogo e tradutor Friedrich Schleiermacher (Heidermann, 2010, p. 43):

A interpretação requer dois métodos: um método comparativo (basicamente indutivo), no qual o intérprete procura inferir uma regra que governa o significado de algumas palavras a partir de seu uso particular; e um método “divinatório” (hipotético, ou subjetivo), no qual o intérprete procura se colocar na situação interna do autor para supor o que ele quis dizer. No entanto, ambos os métodos se complementam de tal forma que a interpretação se torna uma atividade holística: todo texto terá de ser interpretado à luz do texto mais geral ao qual pertence, e ambos terão de ser interpretados à luz do idioma em que foram escritos, seu contexto histórico, seu gênero, toda a obra do autor e sua psicologia. É aí que entra em cena o famoso “círculo hermenêutico”, pois é necessário interpretar as partes de um texto de acordo com sua relação com o texto inteiro, mas, por sua vez, o texto inteiro deve ser interpretado de acordo com cada uma de suas partes.

Para Schleiermacher, no entanto, esse círculo não possui um fim necessário em si mesmo; pelo contrário, ele reflete o fato de que a compreensão não pode acontecer de uma só vez, não é simultânea ou uma questão de tudo ou nada, mas algo que é adquirido gradualmente, cada vez mais refinado e indefinidamente, como um jogo de encontros no tempo e espaço históricos singulares. Portanto, é neste momento histórico de uma consciência que relaciona as visões do externo e do interno, do sentido do “ser” em si e no “outro” que se propõe um recorte para entender um pouco mais sobre o momento do pré-romantismo alemão no qual Caroline Schlegel-Schelling escrevia suas cartas (Schleiermacher *apud* Heidermann, 2010).

Além disso, na tradução, assim como na arte, isso deve ser feito conscientemente, questionando até que ponto é possível fazer poesia como os antigos, e até que ponto a maioria de nós tem feito isso sem hesitação. A tentativa de expandir e mudar a linguagem sem que ela perca seu próprio caráter é um motivo artístico que não depende da precisão, com a qual novas palavras poderiam ser dadas, mas depende, acima de tudo, do tratamento musical da linguagem de acordo com a arte, de modo que a solução da rima seja coerente.

Devemos, portanto, aceitar em maior grau o que dissemos sobre o tratamento musical: o manuseio de instrumentos também pressupõe um verdadeiro senso e talento artísticos. Assim, temos um campo linguístico que também pertence à arte, mesmo que seja, por sua própria natureza, um campo crítico e erudito. Podemos compará-lo à grande parte da poesia alexandrina, na qual formas e dialetos antigos que haviam desaparecido eram imitados. No entanto, não foram apenas o discurso e a forma que foram imitados, mas também os temas, naturalmente, por causa da circunstância de nosso aprendizado com a antiguidade clássica.

Dentro desse espaço-tempo (Alemanha no final do século XVII), entende-se a palavra *Frühromantik*⁹ como um período em que a arte, a literatura e o aprendizado de línguas estrangeiras possibilitaram uma compreensão mais detalhada da realidade europeia e mundial. Buscava-se uma reunião da visão racionalista e absolutista com a visão aberta da contemplação da natureza em um espaço de tempo imediato.

Nesse sentido, *der Frühromantiker*¹⁰ (um pré-romântico) seria aquele que vive em um conflito permanente de humor até mesmo no caos moderno. A comparação teria a malícia de uma ironia, que é responsável por ser a figura de linguagem que predomina na crítica aos padrões rígidos das sociedades aristocráticas da época. Ao praticar um *Witz*¹¹ [uma piada,

⁹ O início do Romantismo, uma época cultural e histórica que se seguiu ao Classicismo no final do século XVIII. Estudos de literatura húngara, alemã e inglesa, além de outros idiomas. Escreveu extensivamente sobre o início do Romantismo europeu, sobre a interação entre razão e emoção. No século XX, se transformou em uma referência ao Círculo de Jena. E também às relações entre o estilo artístico moderno e contemporâneo, por exemplo, ninguém percebeu que Bellini foi contemporâneo de Schubert, um compositor no limiar do início do Romantismo! Disponível em: <https://www.dwds.de/wb/Frühromantik>.

¹⁰ Os primeiros românticos são aqueles que tentaram resolver o problema do artista e da vida exatamente na direção oposta, ou seja, confrontando a razão absolutista e discutindo a potência da emoção na consciência sobre si e o outro. Disponível em: <https://www.dwds.de/wb/Frühromantiker>.

¹¹ *Witz* significa a palavra “compreensão, astúcia, divertimento espirituoso, formulação rápida, expressão jocosa”. O neutro ahd. *wizzi* vem de “conhecimento, razão, entendimento, discernimento, sabedoria, consciência” (século XIX). Assim como o feminino *wizzī* compreensão, conhecimento, discernimento, senso, sabedoria, virtude, espírito” (século XIX), ambos pertencem, assim como “conhecimento, sabedoria, erudição”, à raiz ie mencionada em *wissen* (ver d.). *ueid-* “contemplar, ver”. No século XVII, desenvolveu-se o uso masculino, que prevaleceu no século XVIII. Sob a influência do espírito francês iluminista e do *wit* inglês no século XVII, *wit* assume o significado de “talento para ideias espirituosas e surpreendentes, inventividade poética” em relação às ciências exatas e às artes liberais. No início do século XIX, *wit* já significava na virada do século XVIII, a “ideia inteligente

brincadeira maliciosa com fundo de verdade], um deboche preenchido de informações eruditas sobre um determinado tema, o *Frühromantiker* consegue através da paródia criar uma maneira linguística de expressar seu descontentamento sobre uma situação e traduzi-la em um novo pensamento crítico.

O exercício hermenêutico característico do Romantismo alemão, que impulsionou a expansão do vocabulário e a prática da tradução como “agir de um saber limitado”, reflete uma busca por compreensão e apropriação do “outro” cultural. Berman (2007) destaca que a tradução alemã do século XVIII, inserida no contexto da *Bildung*, ocupava um lugar central no campo cultural, delineando um horizonte marcado por escolhas culturais divergentes. No entanto, essa 'limitação' do saber tradutório não deve ser interpretada como uma deficiência, mas sim como um reconhecimento da complexidade e da inesgotabilidade da linguagem e da cultura.

A “perspectiva alemã” de tempo perfeito e utilidade, mencionada no excerto, pode ser vista como uma tentativa de conciliar a tradição e a inovação, a erudição e a criatividade. A “postura irreverente”, o “jogo lúdico” com a linguagem e a “ironia cultivada” no *Frühromantik* representam uma forma de resistência às estruturas de poder e às convenções linguísticas. Ao explorar as tensões entre o “mundo da língua” e os “sentidos literais”, os românticos alemães buscavam transcender as limitações do saber tradutório e transformar a realidade através da poesia, da arte e do estudo da natureza.

A desconfiança das “proporções” e “partes em equivalência”, que persiste entre os alemães de ontem e de hoje, pode ser interpretada como uma recusa à homogeneização e à simplificação da linguagem e da cultura. Essa postura crítica, que encontra suas raízes no Romantismo, desafia a ideia de uma tradução perfeita ou transparente, reconhecendo a inevitável assimetria entre as línguas e culturas.

Seriam esses alguns dos posicionamentos que sob o prisma da linha de segmentariedade maleável, ou de flexibilidade (Deleuze; Guattari, 2002), apontariam como é o movimento do pensamento. Ao associar a esse espaço uma linha de argumentação mais flexível, no parecer das condições a seguir propostas e imaginadas, feita por pontos – como perguntas até certo limite retóricas, mas que me possibilitam o deslocamento como uma testemunha de então – estabelecemos dentro desse recorte temporal e cultural (afinal, mulheres brancas, letradas, filhas de acadêmicos, tradutoras, escritoras fizeram isso na ocasião) uma relação de encontro com

e espirituosa” (conteúdo jocoso ou zombeteiro) e, no final do século XIX, adquiriu o significado atual de “diversão espirituosa, piada, humor, anedota humorística”. Disponível em: <https://www.dwds.de/wb/Witz#etymwb-1>.

Caroline Schlegel-Schelling. Uma atitude de pontos afins na leitura e tradução de escritas ambivalentes, que se fazem mais evidentes à medida que são traduzidas.

A primeira ambivalência poderíamos apontar como sendo a pré-romântica alemã no fim do Século das Luzes (século XVIII como topônimo da hegemonia cultural francesa em quase todas as áreas do conhecimento humano); corresponde a querer o território físico, cultural do estrangeiro ao mesmo tempo em que ele é meu inimigo (invasões napoleônicas mais significativas se deram no Reino da Saxônia e da Prússia, entre 1789 e 1803. Ou seja, eu tenho um inimigo invadindo minha fronteira que traz com ele a morte, o fim do meu mundo. Ainda assim, o saber do estrangeiro, sua língua é fascinante e isso o torna aceitável e passível de tradução.

A segunda ambivalência corresponde ao “Eu” (geração pré-romântica alemã), que aprende as línguas dos seus oressores (francês, principalmente) ancestrais (gregos, romanos, ou seja, grego e latim), reiterando, inclusive, sua forma de governar suas terras, gerir com seus moldes e leis, apreender os saberes perfeitos chamados de universais. Analisando esse duplo ambivalente, há duas possibilidades: traduzir para a língua mãe (Bíblia de Lutero, por exemplo) o maior número de saberes desses inimigos admirados; há uma vontade de ser e traduzir como os modelos idealizados e oressores.

Ao continuar por esse raciocínio, constato que esse processo é muito estimulante, por já ter funcionado em tantos regimes de governo que, embora inexatos em sua duração, visto que a cada tradução faz-se uma nova versão (mesmo Lutero reconheceu isso, quanto mais os românticos), podem ser repetidos e experimentados em várias sociedades até que as línguas traduzidas não se esgotem.

Claro que seria possível chegar a outras ambivalências pertinentes. O direcionamento, porém, que me interessa é o de que no detalhe da fascinação pelo inimigo existe no pré-romantismo alemão um interesse, além do seu próprio “umbigo” ou território, por algo que é diferente dele, pelo estrangeiro, pelo outro. É uma fissura mínima, diriam os “istas” que se tornam teóricos de plantão modulares. Sim, o é, mas não deixa de ser uma ruptura imensa para uma época de Impérios Ocidentais Navegantes e em processo de capitalização.

Assim, seguindo pelo sentido das linhas “deleuzinasguattarianas”¹², não vem ao caso o julgamento do valor equitativo, se isso é melhor ou pior, pois assim cairemos na armadilha das polaridades que nos aniquilam, afinal. A questão, insisto, é notar mais um detalhe desta

¹² Neologismo de autoria nossa.

situação: posso trocar, negociar então com meu outro, meu inimigo, meu admirador e admirador secreto esse afeto, quando prolífero, e fazer espólio do seu bem maior, que é a aproximação com sua língua. Desse modo existe a ampliação que planta sementes novas na minha própria língua?

Quanto mais ampliado o território do movimento, tanto mais se amplia também o significado do adjetivo criado para definir este momento, na tentativa de entender o *Frühromantiker* como um personagem que se caracteriza por uma idealização frequentemente emocional da realidade, o enfaticamente aventureiro, agitado, que emana do belo, do antigo, do encantador por meio de seu humor.

A nota (quase pícara) do humor parece ser um detalhe exponente em uma atmosfera de invasão estrangeira iminente. A busca então se fará pelo cenário político e econômico de uma região não correspondente à Alemanha atual, ou seja, uma Früher-Deutschland [Pré-Alemanha] e na qual acontece o Romantismo Alemão. Estas regiões seriam os Reinos da Prússia e da Saxônia entre os anos de 1794 e 1806, justamente no período em que as primeiras publicações da revista dos irmãos Schlegel foram produzidas e divulgadas.

A ocupação napoleônica foi a guerra vivida por todo o círculo de Jena. Em 1806, a ocupação do Reino de Nápoles deixou a França de posse de um gigantesco império no oeste da Europa. Além da Bélgica e da Itália, Napoleão criou estados nos Países Baixos, na Suíça e no oeste da atual Alemanha, dividida na Vestfália, ao norte, e na Confederação do Reno, no centro-sul. Como podemos comprovar nesse recorte da história, o cenário é de encontro entre os Irmãos Schlegel e Caroline Böhmer, filha do professor orientalista Michaelis, erudito e de quem Goethe e August Wilhelm Schlegel foram alunos.

O panorama sociocultural da Alemanha no final do século XVIII, marcado por uma busca por liberdade e uma efervescência intelectual, propiciou o surgimento de um círculo de “livres-pensadores” que desafiavam as normas e convenções da época (Wulf, 2022). Caroline Schlegel-Schelling, figura central nesse cenário, reunia em sua residência em Jena intelectuais e artistas que buscavam novas formas de expressão e de pensamento influenciados pelos ideais da Revolução Francesa.

Esse ambiente de intensa troca intelectual, descrito por Wulf (2022) como um “vórtice cultural”, era frequentado por personalidades como Friedrich Schlegel e Dorothea Veit, que se juntaram a Caroline Schlegel-Schelling e seu irmão, August Wilhelm Schlegel, na construção de um movimento pré-romântico em uma Alemanha ainda fragmentada. Além de críticos literários, os irmãos Schlegel se destacaram por sua tradução das obras de Shakespeare para o

alemão, contribuindo para a difusão do pensamento do bardo inglês no contexto germânico. A atmosfera instigante da residência dos Schlegel propiciou o encontro de mentes brilhantes que buscavam compreender, por meio da arte e da literatura, as complexas relações entre a vida e a realidade.

Como afirma Novalis: “Estamos em uma missão. Para a formação da terra fomos chamados. Se um espírito nos aparecesse, então nos apoderaríamos de nossa própria espiritualidade, seríamos inspirados por nós e pelo espírito ao mesmo tempo” (Novalis, 1901, p. 138). Juntos, eles eram os editores da revista chamada *Athenäum*, que durante três anos foi a base da pesquisa romântica. Algo como uma linha vermelha que mantinha unida a reflexão.

Os participantes do grupo de Jena não estão apenas pensando em uma república mundial, já a estão vivendo. Para eles, o Estado burguês emancipado é apenas o primeiro passo. Ao mesmo tempo, ele está aparentemente ligado ao indivíduo. Somente a família mundial de parentes eletivos forma a pré-condição para a república mundial. Nela, a infeliz conexão entre violência e sacrifício (também no sentido mais restrito ou mais amplo de toda forma de autoopressão) é finalmente rompida.

Novalis chama esse estado de “natureza superior”, “segunda inocência”, “idade de ouro”. Ele tem o gesto de plenitude em comum com a “Origem”, mas em uma forma refletida. A natureza e a humanidade não são mais opostas. Encontramos o início de algumas dessas ideias em Babeuf e nos primeiros socialistas franceses.

Babeuf e Novalis debatem a Revolução e a Utopia. Babeuf, um crítico contundente das disparidades sociais e da exploração econômica que persistem mesmo após a queda da monarquia, defendia que a Revolução Francesa deveria ter como objetivo primordial a construção de uma sociedade onde a riqueza fosse distribuída de forma mais equitativa. A sua visão transcendia a simples derrubada do rei, visando a uma transformação social profunda.

No “Manifesto dos Iguais”, escrito em 1796, Babeuf delineou a sua visão de uma sociedade fundamentada na “propriedade comum”, na qual a abolição da propriedade privada daria lugar a uma comunidade de bens, garantindo o acesso igualitário aos recursos essenciais para uma vida digna. Nos termos do autor, “nós queremos a igualdade real ou a morte; a igualdade real, custe o que custar. [...] A Revolução Francesa é a mãe de todas as revoluções e só terminará com a igualdade real” (Babeuf, 2002, p. 157).

A convergência entre as ideias de Babeuf e Novalis reside na busca por uma transformação social radical que promovesse a igualdade e a justiça. Ambos, cada um à sua

maneira, anteviam um futuro em que a humanidade poderia viver em harmonia e em igualdade. No contexto do Romantismo Alemão, Novalis compartilhava com Babeuf a visão de um futuro utópico, onde a harmonia social e a igualdade seriam alcançadas. Novalis, em seus escritos, referia-se a esse estado ideal como “natureza superior”, “segunda inocência” e “idade de ouro”, expressando a crença em uma sociedade que transcendia as contradições e desigualdades do presente.

Desse ponto de vista, a Revolução Francesa foi apenas o começo. Ela destrói todos os sinais de propriedade e apaga todas as características de formação, desde o início. A terra pertence a todas as gerações, todos têm direito a tudo. Esse caso de primogenitura não deve favorecer as primeiras gerações (Novalis 1978, p. 342).

O acerto de contas com o espírito do Antigo Regime ou *Ancien Régime* pode ser encontrado nas obras de quase todos os escritores alemães relevantes no início da revolução, com algumas exceções, como Goethe ou August Wilhelm Schlegel. Alguns, como Schiller, chegaram a receber a cidadania honorária da República Francesa. A nova geração ainda sofria com as represálias das instituições das quais eram alunos ou estudantes. No mosteiro de Tübingen, falava-se em “atividades revolucionárias”.

Hegel, Hölderlin e Schelling chegaram a morar no mesmo quarto. Schelling era até então suspeito de ter traduzido a Marselhesa para o alemão. A história do jacobino Hölderlin é bem conhecida.

Como mostra a figura 4, a legenda amarela destaca a cidade de Jena, onde Caroline Schlegel-Schelling, os irmãos Schlegel, Novalis, Goethe, Schiller, Fichte, Schelling e outros convivem como amigos e rivais, escrevendo e traduzindo suas ideias do centro invadido, porém oficialmente aliado a Napoleão.

Figura 5 – *Unter der Herrschaft Napoleons* ou sob a invasão de Napoleão



Fonte: Rademacher (2016, p. 97).

A análise da legenda cartográfica revela que, no verão de 1807, o domínio francês se estendia sobre quase a totalidade do território do recém-dissolvido Sacro Império Romano-Germânico. Ao Sul, a imposição napoleônica forçara a adesão dos príncipes à Confederação do Reno, sob sua égide, enquanto a Prússia se encontrava sob ocupação militar. A resistência prussiana restringia-se a algumas fortalezas em cidades diretamente envolvidas no conflito, como Kolberg.

A cidade-estado de Jena e a localidade adjacente de Auerstedt, palco da Batalha de Jena-Auerstedt em 14 de outubro de 1806, na qual as forças prussianas e saxônicas, apesar de oferecerem forte resistência militar, foram derrotadas pelas tropas napoleônicas, configuraram-se como espaços de ambivalência política e geográfica (Rademacher, 2016, p. 84).

Nesse contexto, surge a questão: quais elementos contextuais propiciaram tamanha criatividade, rebeldia a uma visão clássica de mundo e razão, lirismo e ímpeto tradutório em meio à resistência contra as tropas napoleônicas e à partilha das terras polonesas entre o Império Russo e a França napoleônica?

A efervescência intelectual do pré-romantismo, especialmente no círculo de Jena, caracterizava-se pela valorização da liberdade em todas as esferas do pensamento. Nesse contexto de intensos debates e trocas de ideias, a figura do estrangeiro assumia um papel central, desafiando as convenções e impulsionando a busca por novas formas de compreensão do mundo.

A necessidade de autoconsciência, intensamente sentida pelos românticos, pode ser entendida como a busca por critérios de existência que transcendem as normas externas. Segundo Caja (2016), quando um indivíduo define sua própria existência, os critérios externos perdem a eficácia, dando lugar a uma reflexão interna e subjetiva.

A relação com o estrangeiro, que emerge de uma revolução iluminista marcada pelos ideais de liberdade e fraternidade, levanta questionamentos sobre a possibilidade de coexistência com o diferente, com um “inimigo admirado”. Walter Benjamin, em sua tese de doutorado “O Conceito de Crítica de Arte no Romantismo Alemão”, investiga as raízes do pensamento romântico no Círculo de Jena e traça paralelos com o homem moderno, propondo uma reflexão sobre a melancolia e a alegoria.

Benjamin identifica na alegoria um sistema de equivalências entre a perda da linguagem original, a perda da totalidade e o culto à ruína, elementos que refletem a efemeridade da história e da natureza. A melancolia, marca central da modernidade, emerge da percepção de um mundo esvaziado, onde os elementos perdem sua conexão natural e se transformam em cifras de um saber enigmático. O indivíduo moderno, assim como o melancólico e o alegorista descritos por Benjamin, busca significados na imanência do mundo, transformando tudo em alegoria.

Essa visão benjaminiana da história, que a concebe como um processo contínuo de criação e recriação de conceitos, permite estabelecer um paralelo entre o sentimento de mundo dos românticos e o do homem moderno. A arte, nesse contexto, torna-se um espaço de expressão dessa melancolia e da busca por significado em um mundo fragmentado.

A percepção de Walter Benjamin nos convida a “aprender a ler [a história] o seu teor autenticamente escritural, ou seja, como traços de uma catástrofe que deve ser testemunhada” (Seligmann-Silva, 1999, p. 43).

As direções benjaminianas apontam para uma desterritorialização do tempo vivido em qualquer época, como explica Deleuze e Guattari (2002) usando a ideia de território como valor existencial que envolve a noção de espaço físico e político, mas também acrescido do valor afetivo, linguístico e familiar.

Tanto Walter Benjamin quanto Deleuze e Guattari fazem um deslocamento tradutório da concepção subjetiva do que é ou poderia vir a ser o SER. Por essa via, é possível também cogitar o espaço conflitante, ambíguo entre o absoluto e o relativo do início do Romantismo Alemão, acuado em seu território pós-iluminista, racionalista, que se vê ameaçado pelo deslocamento forçado, empurrado pelas tropas estrangeiras francesas e ao qual “precisa resistir” tanto linguisticamente quanto belicosamente para não desaparecer do mapa e perder ainda mais do seu território (Deleuze; Guattari, 2002).

Em um cenário bélico, o presente, seja ele experienciado ou idealizado, torna-se indissociável de um virtual a ele cooriginário, a ponto de se poder discorrer sobre uma “imagem virtual” própria. A referência a Deleuze e Guattari (2002) delinea o movimento de tensão entre a realidade concreta (o conflito entre o Reino da Prússia e a França) e uma necessidade criativa imaginária (evidenciada na reação e reflexão do Primeiro Romantismo Alemão, especialmente no contexto do Círculo de Jena). As linhas duras que simbolizam os Estados francês e prussiano se flexibilizam nas aspirações dos pré-românticos. Imersos em um período de turbulência política e social, esse grupo expressou seu incômodo com o mundo racional e inflexível por meio daquilo que faz falta (*Sehnsucht*), ou a procura por um mundo mais equivalente, buscando refúgio na subjetividade e na emoção frente à racionalidade iluminista, que parecia falhar diante da violência da guerra contra a França Napoleônica.

A coexistência entre o real e o imaginário, ou entre o real e o irreal, não se configura como uma oposição ou exclusão mútua, tampouco como um par hermético de conceitos idealizados, aprisionados ao Chronos, o tempo humano que conduz à aniquilação. Ao contrário, emerge um elemento real que transcende essa lógica binária, abrindo espaço para o possível, para a vivência do “entre”, onde a tradução de outros ensina a possibilidade de escapar da prisão absolutista. Nesse interstício, o imaginário, impulsionado pela ironia romântica que reconhece a natureza fluida da realidade, não se contrapõe ao real, exceto quando se opta por essa dicotomia arbitrária e os fatos não se impõem de forma inexorável. Aqui, a linha de fuga, ou seja, uma saída para o drama da existência, é assinalada.

Desse modo, inaugura-se uma liberdade inédita, carregada de inquietação, que impulsiona um processo de “reterritorialização”, buscando reconstruir um mundo em ruínas por meio da idealização da natureza e do universalismo poético.

2.2 *Andersartigkeit* ou o estrangeiro, alguns conceitos possíveis

“No encontro com o Outro, o nunca acontecido que surpreende traumáticamente qualquer previsão ou antevisão, dando à potência ontológica a possibilidade de, ante a impotência temporal, assumir a oportunidade, pelo inusitado do perdão, de inverter-se em potência ética”.

(Emmanuel Levinas)

O pré-romantismo alemão, período que antecede o movimento romântico propriamente dito, apresenta uma exploração rica e complexa da alteridade. Essa noção, que se refere à condição de ser outro, de ser diferente, está presente nas obras dos autores desse período e se configura como um dos pilares para a posterior e explosiva manifestação do romantismo.

A natureza, frequentemente personificada e idealizada pelos pré-românticos alemães, é um dos primeiros exemplos dessa noção. A floresta, as montanhas, os rios e os lagos são vistos como seres vivos, dotados de alma e capazes de interagir com os seres humanos. Essa personificação transforma a natureza em um “outro” que inspira tanto fascínio quanto temor. Nessa perspectiva, a natureza é tanto um refúgio para a alma quanto uma força poderosa e indomável, capaz de revelar a pequenez e a fragilidade do ser humano.

Além da natureza, o “outro” também está presente nas profundezas da alma humana. Os românticos alemães exploraram as contradições e os conflitos internos, revelando a existência de um “outro” interior, uma parte sombria ou reprimida da personalidade. Essa busca pelo “outro” interior está ligada à valorização da subjetividade e à exploração do inconsciente. A fascinação pelo exótico e pelo estrangeiro, marcas distintivas do pré-romantismo, evidenciava a busca por transcender os limites da própria cultura, explorando *Andersartigkeit* a qualidade do outro, em suas diversas manifestações. A “Andersartigkeit”, termo que encontra suas raízes na construção do alemão moderno a partir da cultura helenística, reflete a valorização da singularidade, da originalidade e da diversidade cultural, aspectos centrais do romantismo alemão. Essa busca pelo “outro” se manifestava na admiração por culturas distintas, pela natureza selvagem e pelo inconsciente, impulsionando a criação de uma nova estética que celebrava a subjetividade e a emoção.

No contexto do círculo de Jena, onde Caroline Schlegel -Schelling desempenhou um papel fundamental, a *Andersartigkeit* se manifestava na abertura ao diálogo com o estrangeiro, na busca por novas formas de expressão artística e na valorização da tradução como um ato de recriação cultural. A tradução, para os românticos, era mais do que uma mera transferência de

palavras; era um processo de recriação e renascimento de textos, um encontro entre culturas que permitia a expansão do horizonte intelectual. Novalis, ao afirmar que “traduzir é tanto poesar como produzir obras próprias – e mais difícil, mais raro” (Seligmann-Silva, 2022, p. 164). Essa citação evidencia a importância da tradução como forma de expressão criativa e de encontro com a alteridade.

A busca pela alteridade no pré-romantismo alemão encontra paralelo nas reflexões de Barbara Cassin, que investiga a interseção entre linguagem, identidade e alteridade. Para Cassin (2018), a tradução transcende a mera função de ponte entre idiomas, configurando-se como um espaço de negociação entre diferentes visões de mundo. A autora argumenta que a tradução implica não apenas a produção de equivalência entre textos em línguas distintas, mas também um processo de negociação de sentidos e construção de um espaço de diálogo intercultural. Ademais, Cassin (2018) observa a reverberação desses conceitos em obras como *Efeito Google*, na qual explora a complexidade da noção de estrangeiro na contemporaneidade.

A tensão entre a reverência cultural e a exclusão social, presente no questionamento sobre como admirar a forma artística de um “outro” sem valorizar as pessoas que a representam, revela a complexidade da relação com a alteridade. Essa tensão exige uma reflexão crítica sobre os limites da apropriação cultural e a necessidade de reconhecer a igualdade entre culturas.

Em suma, a alteridade no pré-romantismo alemão se manifesta na busca pela “*Andersartigkeit*”, na valorização da tradução como encontro entre culturas e na reflexão crítica sobre a relação com o “outro”. A exploração da alteridade impulsionou a criação de uma nova estética e a expansão do horizonte intelectual, legados que continuam a ressoar na cultura contemporânea.

CAPÍTULO 3 – A DANÇA DAS PERSONAS E A CENA DAS CARTAS

“Os versos são agora quase demasiados, e misturam-se uns com os outros tão livremente como as histórias e os incidentes que lhes estão associados. Deverei ser demasiado severa, ou melhor, haverá imprecisões em que há muitos traços tênues de muitas reflexões tardias? O Wilhelm vai ler-me agora, vou ver, como traduzirei, como se sempre julgamos coletivamente?”

(Caroline Schlegel-Schelling)

3.1 *Dramatis personae* e bibliografias necessárias

A criação de uma minibiografia referente aos personagens citados nas cartas de Caroline Schlegel-Schelling é necessária para facilitar a compreensão da análise feita na tradução comentada e para familiarizar o leitor com os nomes longos e alguns homônimos existentes no ambiente das cartas traduzidas do alemão. Inicialmente, discutimos a possibilidade de trabalhar com legendas colocadas antes do capítulo, porém isso levaria o leitor a consultar repetidamente as páginas iniciais. Por essa razão, optamos por elaborar biografias que apresentam ao leitor a relação entre a autora estudada e outros personagens mencionados nas cartas escolhidas para tradução.

A presente pesquisa empreende a tradução comentada de duas cartas de Caroline Schlegel-Schelling, datadas de 1799 e dirigidas ao poeta Novalis, do alemão do século XVIII para o português brasileiro contemporâneo. A decisão de realizar tal tradução encontra sua justificativa na relevância histórica e literária de Caroline Schlegel-Schelling, figura central do Círculo de Jena, berço do romantismo alemão. Suas correspondências, em especial aquelas trocadas com Novalis, constituem um valioso testemunho das discussões e ideias que moldaram o movimento romântico.

A tradução dessas cartas visa não apenas disponibilizar o conteúdo para um público mais amplo, mas também promover uma análise aprofundada do pensamento e das vivências de Caroline Schlegel-Schelling. Nesse sentido, a tradução comentada se configura como uma ferramenta essencial, permitindo contextualizar as cartas no âmbito do Círculo de Jena e da trajetória pessoal da autora.

A elaboração das biografias de Caroline Schlegel-Schelling e dos demais personagens relevantes citados nas cartas baseou-se em uma rigorosa pesquisa bibliográfica. O livro *Magníficos Rebeldes: los primeros románticos y la invención del yo*, de (Wulf, 2023), serviu

como fonte primária, sendo complementado pela tradução das próprias cartas e pelo livro “Caroline Schlegel-Schelling: Ein Lebensbild”, de Sigrid Damm (2022). A opção por utilizar a edição espanhola da obra de Wulf justifica-se pela sua acessibilidade e pela qualidade da tradução, que permitiu a elaboração de um resumo preciso e detalhado dos fatos mais significativos da vida dos personagens.

A organização das biografias segue uma estrutura cronológica, dividida em períodos e locais de vivência, facilitando a compreensão da trajetória de Caroline Schlegel-Schelling e sua inserção no Círculo de Jena. A figura digitalizada apresentada no trabalho exemplifica a metodologia utilizada na elaboração das biografias, demonstrando a organização e a precisão na seleção dos dados.

A fim de enriquecer a pesquisa e fornecer um material de apoio adicional, todas as digitalizações de documentos que serviram de base para a elaboração das biografias foram arquivadas e disponibilizadas em anexo. Essa medida visa garantir a transparência do processo de pesquisa e permitir que outros pesquisadores possam ter acesso às fontes originais.

Em suma, a tradução comentada das cartas de Caroline Schlegel-Schelling e a elaboração das biografias dos personagens relevantes representam um esforço para aprofundar o conhecimento sobre o romantismo alemão e a vida de uma de suas figuras mais importantes. A pesquisa bibliográfica rigorosa, a metodologia de organização das biografias e a disponibilização de documentos em anexo são elementos que reforçam a qualidade e a relevância do trabalho.

Além da figura, serão trazidos para esta pesquisa os referentes e personagens históricos que, mencionados e comentados nas cartas de Caroline Schlegel-Schelling, ganham vida no painel referenciado pela autora. Portanto, respeitando a sucessão em que aparecem nas cartas traduzidas de Caroline Schlegel-Schelling, apresentamos seus personagens principais nesta “Cena”.

I. Caroline Böhmer Michaelis Schlegel-Schelling, a autora pesquisada (1763-1809)

Figura 6 – Fotografia de Caroline Böhmer Michaelis Schlegel-Schelling



Fonte: Tischbein (1750-1812). Stadtische Museen Jena.

Caroline Schlegel-Schelling, importante tradutora e crítica literária no cenário intelectual alemão, nasceu em 1763 como Caroline Michaelis, filha do renomado orientalista Johann David Michaelis. Desde cedo, manifestou uma inteligência excepcional e fascínio por línguas,

dominando várias delas ainda jovem. Sua vida adulta, no entanto, foi marcada por desafios e transformações, incluindo três casamentos, perdas e um escândalo que a levou à prisão. Seu primeiro casamento, com o médico Johann Franz Wilhelm Böhmer, resultou em dois filhos e um período de isolamento social e intelectual. Após a morte prematura do marido, Caroline Schlegel-Schelling teve a oportunidade de dedicar-se a seus interesses intelectuais. O segundo casamento, com o escritor e crítico literário August Wilhelm Schlegel, marcou uma virada em sua vida. Juntos, compartilhavam a paixão pela literatura e estabeleceram um influente círculo intelectual em Jena, ponto de encontro para os principais pensadores e artistas da época. Durante esse período, Caroline Schlegel-Schelling colaborou ativamente nas obras de seu marido, participando das traduções de Shakespeare e contribuindo com resenhas e ensaios para a revista “Athenäum”, um dos principais veículos do romantismo alemão. Sua perspicácia crítica e conhecimento literário foram amplamente reconhecidos, tornando-a uma figura central nas discussões intelectuais do círculo de Jena. O casamento com August Schlegel terminou, e Caroline casou-se com o filósofo Friedrich Schelling, um amor que floresceu em meio a controvérsias. Com Schelling, compartilhou um profundo interesse pela filosofia, literatura e arte. Paralelamente aos seus casamentos e atividades intelectuais, Caroline Schlegel-Schelling envolveu-se em um caso amoroso com um oficial das tropas napoleônicas, que ocupavam a Alemanha na época. Considerado uma traição pelo governo de Mainz, esse relacionamento resultou em sua prisão. Apesar dos desafios e perdas, Caroline Schlegel-Schelling deixou um legado significativo como escritora, tradutora e crítica literária. Sua participação no círculo de Jena, suas contribuições para a “Athenäum” e seu trabalho nas traduções de Shakespeare são testemunhos de sua importância no pré-romantismo alemão. Além disso, sua correspondência com intelectuais da época, como as cartas traduzidas anteriormente, revela seu pensamento e suas reflexões sobre os debates intelectuais da época.

II. Dorothea Veit- Schlegel, concunhada e esposa de Friedrich Schlegel (1764-1839)

Dorothea Schlegel (nascida Brendel Mendelssohn, 1764-1839) emerge como figura paradigmática do Romantismo alemão, não apenas por sua produção intelectual como escritora e tradutora, mas também pela vivência que a colocou no epicentro desse movimento. Nascida no seio de uma família judaica influente, com destaque para seu pai, o filósofo Moses Mendelssohn, Dorothea beneficiou-se de uma educação incomum para as mulheres da época, o que lhe proporcionou um acesso privilegiado ao universo intelectual. A confluência de sua vida com Friedrich Wilhelm Schlegel, expoente do Círculo de Jena, constituiu um ponto de

inflexão decisivo. O relacionamento amoroso com Schlegel desencadeou uma série de ações que desafiaram as normas sociais vigentes: a dissolução de seu matrimônio com Simon Veit (1783-1799), a conversão religiosa ao cristianismo e, em 1804, o casamento com Friedrich, culminando na adoção do sobrenome Schlegel. Essas escolhas demonstram a busca por autonomia e a ruptura com as convenções que caracterizaram o espírito romântico. O período compreendido entre 1799 e 1802 revela-se crucial para a compreensão da dinâmica do Círculo de Jena. A convivência de Dorothea com Caroline Schlegel-Schelling, esposa de August Wilhelm Schlegel, irmão de Friedrich, fortaleceu os laços entre os dois casais, elevando-os a uma posição central no movimento romântico. Essa interação impulsionou a produção literária e filosófica da época, consolidando o Círculo de Jena como um núcleo irradiador de ideias inovadoras.

III. Georg Philipp Friedrich Freiherr von Hardenberg (Novalis), amigo e interlocutor (1772-1801)

Georg Philipp Friedrich Freiherr von Hardenberg, conhecido como Novalis, foi um poeta, escritor e inspetor de minas de destaque no Romantismo Alemão. Nascido em 1772, numa família aristocrática, daí a designação “Freiherr” no seu apelido familiar. Com tradição na mineração, Novalis desenvolveu um interesse profundo tanto pela mineração como pela filosofia, áreas que influenciaram a sua produção intelectual. O título de “Freiherr”, que pode ser traduzido como “Barão”, era um título nobiliárquico na Alemanha, concedido a membros da nobreza que possuíam terras e direitos específicos. A família von Hardenberg, à qual Novalis pertencia, era uma família aristocrática com tradição na mineração, o que influenciou profundamente os seus interesses e a sua formação intelectual. Durante a sua estadia em Jena, integrou um círculo de intelectuais que procuravam renovar as formas de expressão artística. Nesse contexto, Novalis não apenas se destacou como membro ativo do grupo, mas também se firmou como uma das figuras mais inspiradoras. A sua participação no círculo de Jena aproximou-o de figuras proeminentes do romantismo alemão, como os irmãos Schlegel. Criado num ambiente familiar abastado e com contacto com a atividade mineradora, Novalis desenvolveu um interesse profundo tanto pela mineração como pela filosofia. Essa dualidade de interesses refletiu-se na sua produção intelectual, permeada por reflexões sobre a natureza, a espiritualidade e a busca por uma nova forma de expressão artística. A participação de Novalis no círculo de Jena aproximou-o de figuras proeminentes do romantismo alemão, como os irmãos Schlegel, com quem manteve uma rica troca de ideias e influências mútuas. A sua obra,

marcada pela sensibilidade e profundidade, reflete a busca por uma nova forma de expressão artística que valorizasse a subjetividade e a espiritualidade, consolidando-o como um dos principais representantes do romantismo alemão. Novalis estabeleceu uma relação de proximidade com a família Schlegel, especialmente com Caroline Schlegel-Schelling, com quem manteve uma rica troca de cartas. Essa correspondência não apenas revela a intensidade das suas interações intelectuais, mas também a influência mútua que exercem um sobre o outro. Nas suas cartas, Novalis expressa a importância de Caroline Schlegel-Schelling na sua vida, chegando a afirmar que “As cartas de Caroline Schlegel-Schelling são como um oásis no deserto da vida” (Safranski, 2002, p. 123). Esta declaração revela a profundidade da ligação entre ambos e o quanto Caroline Schlegel-Schelling o inspirava nas suas reflexões. A obra de Novalis, marcada por uma sensibilidade e profundidade ímpares, reflete a busca por uma nova forma de expressão artística que valorizasse a subjetividade e a espiritualidade. A sua produção literária, embora não seja vasta, é rica em simbolismo e contém reflexões filosóficas, consolidando-o como um dos principais representantes do pré-romantismo alemão.

IV. August Wilhelm Schlegel, o segundo marido e tradutor-parceiro (1767-1845)

August Wilhelm Schlegel foi um dos pilares do romantismo alemão e fundador do Círculo de Jena. Além de suas contribuições significativas para a filologia, a crítica literária e os estudos sobre a Índia, Schlegel foi o fundador do Círculo de Jena, um grupo de intelectuais que exerceu papel crucial na formação do pensamento romântico. Junto com sua esposa, Caroline Schlegel-Schelling, e seu irmão, Friedrich Schlegel, August Wilhelm criou um ambiente intelectualmente estimulante, onde as ideias sobre arte, literatura, filosofia e cultura eram debatidas e desenvolvidas. A revista *Athenäum*, fundada pelo grupo, tornou-se um dos principais veículos de expressão do movimento romântico, difundindo seus pensamentos e valores para um público mais amplo. Suas ideias sobre linguagem, poesia e cultura continuam inspirando estudiosos e artistas até hoje.

V. Friedrich Karl Wilhelm Schlegel, o admirador, o amigo interlocutor e cunhado (1772-1829)

Conhecido por sua vasta erudição e por ideias inovadoras sobre filosofia, literatura e cultura, Friedrich Schlegel foi uma figura central do Romantismo Alemão e um de seus pilares. Ao lado do irmão August Wilhelm Schlegel, fundou a revista *Athenäum*, que desempenhou um papel crucial na disseminação das ideias do Círculo de Jena. Por meio de seus artigos, ensaios e

poemas, os Schlegel e seus colaboradores promoveram uma nova visão de mundo, valorizando a emoção, a intuição, a individualidade e a liberdade criativa, em oposição ao racionalismo e ao classicismo. Ele foi amante de Dorothea Veit, com quem viveu na casa de sua então cunhada, Caroline Schlegel-Schelling, entre 1799 e 1802.

VI. Georg Wilhelm Friedrich Hegel, o filósofo distante e o “cavalheiro” entre os amigos de Jena (1770-1831)

Georg Wilhelm Friedrich Hegel foi um dos filósofos alemães mais influentes, conhecido por seu sistema filosófico complexo e abrangente. Centrada na dialética e no espírito do absoluto, sua filosofia buscou compreender a totalidade da realidade e da história da humanidade. Entre suas maiores contribuições, estão o método de raciocínio dialético, no qual a realidade se desenvolve por meio de contradições e superações constantes. Ele foi influenciado pelas ideias de filósofos como Fichte e Schelling, que eram membros do Círculo de Jena. No início de 1801, reuniu-se com seu amigo Friedrich Schelling em Jena, onde viveu e trabalhou até 1807. Por meio de Schelling, conviveu com o casal August e Caroline Schlegel-Schelling, enquanto professor da Universidade de Jena.

VII. Johann Christoph Friedrich von Schiller, o antagonista-amigo e professor (1759-1805)

Friedrich Schiller foi um dos maiores poetas, dramaturgos, filósofos e historiadores da Alemanha. Ele deixou uma marca profunda na cultura alemã e influenciou gerações de artistas e pensadores. Quando se mudou para Weimar, estabeleceu uma amizade duradoura com Johann Wolfgang von Goethe, com quem colaborou em diversas obras e projetos. Juntos, eles formaram o núcleo do Classicismo de Weimar, um movimento que buscava conciliar a razão e a emoção, a forma e o conteúdo. Schiller viveu em Jena de 1789 a 1799, onde lecionou. Divergindo das opiniões dos românticos do Círculo de Jena, que ridicularizavam suas obras chamando-as de anacrônicas, Schiller combatia o grupo com cartas públicas e apelidos moralizadores, como “Madame Lúcifer”, dirigido a Caroline Schlegel-Schelling, então esposa de August Schlegel. A obra de Schiller, entretanto, continua relevante até hoje. Seus dramas, poemas e ensaios exploram temas universais, como liberdade, justiça, moralidade e condição humana. Schiller é considerado um dos maiores dramaturgos da língua alemã e um dos principais representantes do Iluminismo no Romantismo.

VIII. Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling, o parceiro filosófico, o amigo e último marido (1775-1854)

Friedrich Wilhelm Joseph von Schelling foi um dos principais filósofos do idealismo alemão, conhecido por suas ideias sobre a natureza, a arte e a religião. Ele propôs uma visão unificada da realidade, na qual natureza e espírito se entrelaçam. Schelling acreditava que a natureza é um organismo vivo e em constante desenvolvimento, e que a arte é uma forma de revelar sua essência profunda. Ele viveu e lecionou na Universidade de Jena entre 1798 e 1803. Sua relação com Caroline Schlegel-Schelling começou quando ambos participavam do Círculo de Jena. Caroline Schlegel, ainda casada, apaixonou-se por Schelling. Além de ser uma anfitriã erudita e charmosa, Caroline dividiu com Schelling seu luto por Auguste, sua filha mais velha, que era muito próxima ao escritor mais jovem. Por causa do escândalo que essa relação amorosa causou, após se divorciar de August Schlegel, ela foi expulsa da cidade de Jena. Em 1803, Schelling casou-se com Caroline. A relação entre Schelling e Caroline foi marcada por uma intensa colaboração intelectual. Ambos compartilhavam um interesse profundo pela filosofia, literatura e arte. Embora a importância de Caroline Schlegel-Schelling para a filosofia de Schelling ainda seja tema de debate, alguns estudiosos acreditam que ela teve um papel fundamental na formação do pensamento do filósofo, enquanto outros defendem que sua influência foi mais indireta. Independentemente disso, a presença de Caroline no desenvolvimento intelectual de Schelling era inegável, pois sua erudição e perspicácia enriqueceram as discussões filosóficas da época.

XIX. Johann Gottlieb Fichte, o amigo do “Ich” criticado (1762-1814)

Fichte foi um dos principais filósofos do idealismo alemão, conhecido por sua filosofia transcendental e por sua ênfase no papel ativo do sujeito no processo de conhecimento. Sua filosofia é marcada pela noção de um “Eu” ativo que constroi a realidade por meio de sua própria atividade. Ele argumenta que o mundo não é algo dado, mas sim algo produzido por essa atividade. Essa ideia de um sujeito que se auto possilita e que é a fonte de toda a realidade foi uma de suas contribuições mais originais, obtida por meio de sua participação ativa no Círculo de Jena, do qual foi um dos membros mais importantes. As discussões e debates que ocorriam no círculo permitiram que Fichte aprimorasse suas ideias e as confrontasse com as de outros pensadores. Além disso, o círculo proporcionou a Fichte um público para a disseminação de sua filosofia. Suas ideias influenciaram outros membros do círculo, como Friedrich Wilhelm

Joseph von Schelling e Georg Wilhelm Friedrich Hegel. A filosofia de Fichte teve um impacto profundo no pensamento filosófico posterior. Por seu temperamento exaltado e intransigente, foi afastado da Universidade de Jena. Sua relação com Caroline Schlegel-Schelling era marcada por intensos debates intelectuais e afeto mútuo. Caroline Schlegel-Schelling e suas cartas foram fundamentais para o desenvolvimento de suas ideias e para a difusão do idealismo alemão.

X. Johann Wolfgang von Goethe, o pacificador do Círculo de Jena (1749-1832)

Poeta, escritor, tradutor, mentor e conselheiro privado do duque Karl August von Sachsen-Weimar, Johann Wolfgang von Goethe viveu em Weimar entre 1775 e 1832. Ele indicou August Schlegel como professor na Universidade de Jena e estabeleceu uma rica e complexa relação intelectual com Caroline Schlegel-Schelling, no contexto do célebre Círculo de Jena. Figura emblemática do Pré-romantismo alemão, Goethe é reconhecido por sua vasta produção literária e por sua influência em diversas áreas do conhecimento. Sua participação no Círculo de Jena, ainda que indireta, foi fundamental para o desenvolvimento de suas ideias e também das de seus amigos pré-românticos. A proximidade geográfica com Jena permitiu a Goethe um contato constante com os principais intelectuais da época, incluindo Caroline Schlegel-Schelling. A relação com Caroline Schlegel-Schelling com sua mente brilhante e sua vasta cultura, exerceu uma influência considerável sobre Goethe, especialmente no que diz respeito à valorização da subjetividade, à figura feminina e à importância da linguagem na construção da realidade. Por sua vez, Goethe atuou como mentor de Caroline Schlegel-Schelling, incentivando seus estudos e oferecendo-lhe um ambiente intelectualmente estimulante. A amizade com Caroline Schlegel-Schelling o levou a interferir com as autoridades em Jena para conseguir o divórcio de August Schlegel. Apesar de ser amigo próximo tanto de August Schlegel (o marido) quanto de Friedrich Schelling (o amante), a relação de respeito pela pessoa de Caroline Schlegel-Schelling o levou a afirmar que nada era mais sagrado do que a liberdade pessoal de escolher a quem amar. Além de seu comprometimento com os amigos de Jena, Goethe é um dos autores e tradutores mais fascinantes do século XVIII.

3.2 Tradução de cartas entre amigos: correspondência entre Caroline Schlegel-Schelling e Novalis

Este trabalho é uma atividade de tradução experimental, cujo objetivo transcende a mera transferência linguística. Nesse contexto, o comentário crítico, longe de ser considerado um

elemento marginal, integra-se ao processo de experimentação, delineando o percurso tradutório em sua integralidade, incluindo seus desvios e escolhas. A opção de traduzir e comentar correspondências pessoais, como as cartas de Caroline Schlegel-Schelling para Novalis, busca uma aproximação sensível com o universo intelectual e emocional desses personagens. Originalmente concebidas para a intimidade de um diálogo epistolar, tais cartas não foram destinadas à exposição pública ou à tradução formal.

No momento histórico em que Caroline Schlegel-Schelling viveu, as cartas representavam uma das poucas formas de expressão pessoal e intelectual disponíveis para as mulheres. Limitadas pelas convenções sociais e pela restrição de acesso à educação formal, a correspondência epistolar permitia que elas expressassem seus pensamentos, emoções e ideias, estabelecendo um espaço de diálogo e troca intelectual. Ao trazer à luz essas cartas, este estudo busca não apenas explorar as nuances e desafios inerentes à transposição de um texto pessoal para outro idioma e contexto cultural, mas também resgatar a voz de uma mulher que, por meio da escrita, desafiou os limites de seu tempo.

A pertinência de aproximar a visão de mulheres sensíveis e intelectuais como Caroline Schlegel-Schelling dos questionamentos e práticas acadêmicas das mulheres atuais reside na necessidade de reconhecer a continuidade histórica da luta feminina por voz e reconhecimento. A trajetória de Caroline Schlegel-Schelling, marcada pela superação de obstáculos e pela busca por autonomia intelectual, ecoa os desafios enfrentados pelas mulheres na academia contemporânea. Ao analisar suas cartas, é possível identificar temas e reflexões que permanecem relevantes, como a busca por equilíbrio entre vida pessoal e profissional, a necessidade de espaços de diálogo e troca intelectual e a luta contra o preconceito e a discriminação de gênero. Acreditamos que a tradução e o comentário dessas cartas podem contribuir para uma melhor compreensão do papel das mulheres no Romantismo alemão, bem como para uma reflexão sobre as complexidades da tradução como um ato de resgate histórico e cultural, além de inspirar as mulheres da academia a persistirem em suas trajetórias acadêmicas.

Longe de pretensões acadêmicas rebuscadas, este exercício se propõe a ser uma imersão na atmosfera do Círculo de Jena, capturando a espontaneidade e a vivacidade das trocas entre Caroline Schlegel-Schelling e Novalis. Não se trata de analisar tratados científicos ou textos acadêmicos, mas sim de explorar a riqueza de um diálogo informal, onde a afetividade e o humor se entrelaçam com as reflexões literárias. Conscientes da natureza experimental desta

empreitada, buscamos uma abordagem que valorize a autenticidade e a expressividade dos originais, sem negligenciar os desafios da tradução e do comentário.

A principal fonte para a tradução das cartas de Caroline Schlegel-Schelling foi a obra de Sigrid Damm, *Caroline Schlegel-Schelling, ein Lebensbild* (2022). Sigrid Damm é uma autora alemã de grande importância para a pesquisa da vida e obra de Caroline Schlegel-Schelling, sendo uma das principais referências bibliográficas para o estudo da personagem. Fruto de uma pesquisa minuciosa, a obra de Damm apresenta uma visão detalhada da vida e do contexto em que Caroline Schlegel-Schelling viveu. É importante ressaltar que a cultura alemã possui um notável interesse pela epistolografia, considerando as cartas como documentos históricos e literários de grande valor.

A trajetória de Caroline Schlegel-Schelling, marcada pela superação de obstáculos e pela busca por autonomia intelectual, ecoa os desafios enfrentados pelas mulheres na academia contemporânea. Ao analisar suas cartas, é possível identificar temas e reflexões que permanecem relevantes, como a busca por equilíbrio entre vida pessoal e profissional, a necessidade de espaços de diálogo e troca intelectual e a luta contra o preconceito e a discriminação de gênero. Acreditamos que a tradução e o comentário dessas cartas podem contribuir para uma melhor compreensão do papel das mulheres no Romantismo alemão, bem como para uma reflexão sobre as complexidades da tradução como um ato de resgate histórico e cultural, além de inspirar as mulheres da academia a persistirem em suas trajetórias acadêmicas. Segundo a pesquisadora Márcia Eckermann, “no período inicial do romantismo alemão, a carta ganha um caráter diferente e especial: é meio de comunicação, elo de ligação entre os autores, mas também estratégia de elaboração de textos” (Eckermann, 2021, p. 111).

A amizade entre Caroline Schlegel-Schelling e Georg von Hardenberg (Novalis) floresceu em Jena, em 1797, por meio de Friedrich Schlegel. A admiração mútua pela obra shakespeariana “Sonho de uma noite de verão”, traduzida pelo casal Schlegel, estreitou os laços entre eles, consolidando uma amizade que perdurou até a morte prematura de Novalis. Portanto as cartas aqui traduzidas e comentadas foram escritas em 1799, período em que ambos se dedicavam à leitura e tradução de autores estrangeiros. O casal Schlegel mergulhava nas obras de Shakespeare, enquanto Novalis adaptava *Das Märchen*, de Goethe, para uma linguagem mais popular. O diálogo epistolar entre Caroline Schlegel-Schelling e Novalis, portanto, reflete um intercâmbio de impressões literárias, permeado por humor e afeto.

3.3 Tradução à luz da prática experimental

A Carta 1, datada de 4 de fevereiro de 1799, apresenta desafios específicos para a tradução. A tentativa de capturar a irreverência de Caroline Schlegel-Schelling em um alemão do século XVIII, ainda em transformação, levou à experimentação com o tratamento pronominal e à expansão de adjetivos e substantivos compostos em frases explicativas. A segunda carta, datada de 22 de fevereiro do mesmo ano, celebra a descoberta de Caroline Schlegel-Schelling de que seu amigo, Novalis, estaria apaixonado novamente. Escrita em um tom de vivacidade, a segunda carta mistura temas sérios com convites de viagem e críticas bem-humoradas relacionadas a outros participantes do círculo de Jena.

É importante ressaltar que a língua alemã, no final do século XVIII, estava em um processo de enriquecimento, incorporando elementos de outras línguas, além do grego e do latim, para se tornar a língua que conhecemos hoje. As cartas desse período, portanto, carregam a marca dessa transição, oscilando entre o formal e o informal. Para a tradução da carta para o português, optou-se por um tom menos formal e um vocabulário acessível àqueles que não dominam o alemão, buscando preservar a leveza e a vivacidade do texto original.

Para facilitar a leitura e o acompanhamento dos comentários, o texto original e a tradução são apresentados lado a lado, com a identificação clara dos parágrafos em cada idioma. Este formato permite uma comparação direta e uma melhor compreensão das escolhas tradutórias e das nuances do diálogo entre Caroline Schlegel-Schelling e Novalis.”

Carta 1

Jena, 4.02.17 de Caroline Schlegel-Schelling a Novalis.

§1TF Ob Sie mich gleich mit Ihren Dithyramben über das merkantilische Genie, das uns fehlt und Sie auch nicht haben, einmal recht böse gemacht, so sind Sie doch besser wie ich gewesen. Sie geben wenigstens Nachricht von Mittheilungen ganz auf Ihre Weihnachtsunterhaltung mit dem Ernst verlassen und mehr an Sie gedacht als geschrieben. Endlich kommt beides zusammen.

§1 TA Embora eu tenha me irritado bastante com seus ditirambo sobre o gênio mercantil que nos falta e que você não tem, você tem sido melhor do que eu. Pelo menos dê notícias suas. Mas confiei inteiramente na sua conversa com Ernst na noite de Natal para obter as informações necessárias e pensei mais em você do que escrevi. Finalmente, as duas coisas se juntaram. Quanto à sua doença, sobre a qual não tenho medo, pois há sempre muito bom humor a

transparecer, e você, com a sua irritabilidade, deve ter sempre momentos em que não é bom para si mesmo.

§2 **TF** Was Sie von Ihrer Kränklichkeit erwähnen, darüber will ich mich nicht anstellen, weil immer guter Muth dadurch hervor leuchtet, und Sie bei Ihrer Reizbarkeit immer Zeiten haben müssen, wo Sie nichts taugen. Das Wort des Trostes, was Sie nennen, geht mir weit mehr zu Herzen: Liebe. Welche? Wo? Im Himmel oder auf Erden? Und was haben Sie mir mündlich Schönes und Neues zu sagen? Thun Sie es immer nur gleich, wenn es nichts sehr Weitläufiges und etwas Bestimmtes ist. Es gibt keine Liebe, von der Sie da nicht sprechen können, wo, wie Sie wissen, lauter Liebe für Sie wohnt. In der That-darf ich alle Bedeutung in den Schluß Ihres Briefes legen, den er zu haben scheint? Ich will ruhig schweigen, bis Sie mirs sagen.

§3 **TF** Ihre übrige innerliche Geschäftigkeit aber macht mir den Kopf über allen Maßen warm. Sie glauben nicht, wie wenig ich von eurem Wesen begreife, wie wenig ich eigentlich verstehe, was Sie treiben. Ich weiß im Grunde doch von nichts etwas als von der sittlichen Menschheit und der poetischen Kunst. Lesen thu ich alles gern, was Sie von Zeit zu Zeit melden, und ich verzweifle nicht daran, daß der Augenblick kommt, wo sich das Einzelne auch für mich wird zusammen reihen, und mich Ihre Äußerungen nicht bloß darum, weil es die Ihrigen sind, erfreuen. Was

§2 **TA** Não vou me deter no que o você menciona sobre sua indisposição, porque a boa coragem sempre transparece, e com sua irritabilidade sempre *deve haver* momentos em que você não é muito bondoso. A palavra de consolo que você menciona é muito mais para o meu coração: amor. Qual deles? Onde? No céu ou na terra? E que coisas bonitas e novas tem para me contar pessoalmente? Faça-o sempre de imediato, se não for nada de muito longo e específico. Não há amor de que não possa falar lá, onde, como sabe, só o amor habita para si. De resto, posso pôr na conclusão da sua carta todo o sentido que ela parece ter? Esperarei serenamente calada, até que você me diga”.

§3 **TA** A sua restante atividade interior me aquece a cabeça além da medida. Você não imagina o quão pouco entendo da sua essência, o quão pouco realmente comprehendo o que você faz. No fundo, não sei de nada além da humanidade moral e da arte poética. Gosto de ler tudo o que você relata de tempos em tempos, e não perco a esperança de que chegará o momento em que as peças se encaixarão para mim também, e suas expressões me alegrarão não apenas por serem suas. O que vocês todos estão criando

ihr alle zusammen da schaffet, ist mir auch ein rechter Zauberkessel.

juntos é para mim um verdadeiro caldeirão mágico.

§4 TF Vertrauen Sie mir vors Erste nur so viel an, ob es denn eigentlich auf ein gedrucktes Werk bey Ihnen herauskommen wird, oder ob die Natur, die Sie so herrlich und künstlich und einfach auch construieren, mit Ihrer eigenen herrlichen und kunstvollen Natur für diese Erde soll zu Grunde gehn. Sehn Sie, man weiß sich das nicht ausdrücklich zu erklären aus Ihren Reden, wenn Sie ein Werk unternehmen, ob es soll ein Buch werden, und wenn Sie lieben, ob es die Harmonie der Welten oder eine Harmonika ist.

§4 TA Confie em mim, por ora, apenas o suficiente para responder se, de fato, surgirá de você uma obra impressa, ou se a natureza, que você constrói de forma tão gloriosa, artística e simples, perecerá nesta terra juntamente com sua própria natureza, igualmente gloriosa e artística. Veja, não se consegue explicar isso explicitamente a partir de suas falas, se ao empreender uma obra, esta se destina a ser um livro, e, se me permite, se será a harmonia dos mundos ou uma harmônica.

§5 TF: Was kann ich Ihnen von Ritter melden? Er wohnt in Belvedere und schickt viele Frösche herüber, von welchen dort Überfluß und hier Mangel ist. Zuweilen begleitet er sie selbst, allein ich sah ihn noch nie, und die anderen versichern mir, er würde auch nicht drei Worte mit mir reden können und mögen. Er hat nur *einen* Sinn, so viel ich merke. Der soll eminent sein, aber der höchste, den man für seine Wissenschaft haben kann, ist es doch wohl nicht - der höchste besteht aus vielen. Schelling sagt, Sie sollen Rittern nur schreiben, wenn Sie ihm etwas zu sagen haben. Es thäte nichts, daß Ritter selbst gar nichts schreiben könnte. Aufs Frühjahr werden Sie ihn ja sehen.

§5 TA O que posso contar sobre o cavalheiro¹³? Ele mora em Belvedere e envia muitos sapos para cá, dos quais há abundância por lá e escassez aqui. Às vezes ele mesmo os acompanha, mas eu nunca o vi, e os outros me garantem que ele não conseguiria nem dizer três palavras comigo. Ele tem apenas *um* sentido, pelo que percebo. Este deve ser eminent, mas certamente é o mais alto que se pode ter pela ciência, pois o mais alto consiste em muitos. Schelling diz que você só deve escrever para ele quando tiver algo a dizer a ele. De nada adiantaria se o próprio cavalheiro¹⁴ não conseguisse escrever nada. Na primavera, você o verá.

¹³ *Ritter*, Johann Wilhelm Ritter, cientista, físico, cientista e filósofo. Fez parte do movimento romântico alemão e foi amigo de Goethe, Alexander von Humboldt. Recebeu muita influência de Friedrich Joseph Schelling.

¹⁴ Na carta para Novalis, Caroline Schlegel-Schelling usa a ironia para criticar Hegel, referindo-se a ele como "Ritter". Ao dizer que ele "tem apenas um sentido", ela sugere que ele é limitado e não consegue enxergar o mundo de forma multifacetada. Outras críticas incluem a metáfora dos "sapos" para se referir às ideias de Hegel, a dúvida sobre sua capacidade de comunicação em sociedade e à irônica sugestão de que seus escritos não são relevantes.

§6 TF Was Schelling betrifft, so hat es nie eine sprödere Hülle gegeben. Aber ungeachtet dessen, dass ich nicht sechs Minuten mit ihm zusammen bin, ohne Zank, ist er doch weit und breit das Interessanteste, was ich kenne, und ich wollte, wir sähen ihn öfter und vertraulicher. Dann würde sich auch der Zank geben. Er ist beständig auf der Wache Gegen mich und die Ironie in der Schlegelschen Familie; weil es ihm an aller Fröhlichkeit mangelt, gewinnt er ihr auch so leicht die fröhliche Seite nicht ab. Sein angestrengetes Arbeiten verhindert ihn oft auszugehen; dazu wohnt er bei Niethammers und ist von Schwaben besetzt, mit denen er sich wenigstens behaglich fühlt. Kann er nicht nur so unbedeutend schwatzen oder sich wissenschaftlich mitteilen, so ist er in einer Art von Spannung, die ich noch nicht das Geheimnis gefunden habe zu lösen.

§6 TA No que se refere a Schelling, jamais existiu invólucro mais austero. Não obstante o fato de não transcorrerem seis minutos em sua companhia sem discórdia, ele se destaca como a figura mais instigante que conheço, e almejo que nos encontremos com maior frequência e intimidade. Nesse caso, a discórdia se dissiparia. Ele está sempre em estado de alerta em relação a mim e à ironia presente na família Schlegel; devido à sua falta de jovialidade, ele não consegue compreender facilmente o aspecto lúdico da situação. Seu labor árduo e dedicado o impede de realizar atividades sociais com frequência; adicionalmente, ele reside com Niethammers¹⁵ e está cercado por seus amigos, com os quais ele se sente, no mínimo, confortável. Caso ele não consiga participar de conversas triviais ou compartilhar conhecimento científico, ele permanece em um estado de tensão, cujo segredo para dissolvê-lo ainda não desvendei.

Neulich haben wir seinen vierundzwanzigsten Geburtstag gefeiert. Er hat noch Zeit milder zu werden. Dann wird er auch die ungemeßene Wuth gegen solche, die er für seine Feinde hält, ablegen. Gegen alles, was Hufeland heißt, ist er sehr aufgebracht. Einmal erklärte er mir, daß er in Hufelands Gesellschaft nicht bei uns seyn könnte. Da ihn Hufeland selbst bat, ging er aber

Recentemente, celebramos o seu vigésimo quarto aniversário. Ele ainda tem tempo para Ele ainda tem tempo para se tornar mais ameno. Então, ele também deixará de lado a fúria imensa contra aqueles que considera inimigos. Ele está muito irritado com tudo o que se chama Hufeland¹⁶. Ele me disse certa vez que não poderia estar conosco em nenhum grupo de Hufeland. Como o próprio

¹⁵ Primo em quarto grau de Hölderlin, professor da Universidade de Jena e vizinho de Hegel. A casa de Niethammer e sua esposa Rosine Döderlein, em Iena, tornou-se um ponto de encontro apreciado por intelectuais, entre os quais também circulam os primeiros românticos alemães; cf. Frank (1997, p. 437). Niethammer recebe Hölderlin, Fichte e Novalis, no começo de 1795, e relata em seu diário terem falado muito “sobre religião e revelação, e que para a filosofia ainda há muitas questões em aberto” (Frank, 1997).

¹⁶ Hufeland, Christoph Wilhelm Hufeland (1762-1836) médico alemão, autor da obra *Makrobiotik*, médico pessoal dos filósofos Schiller e Goethe.

doch hin. Ich habe ihm mit Willen diese Inkonsistenz nicht vorgerückt. Er hat so unbändig viel Charakter, daß man ihn nicht an seinen Charakter zu mahnen braucht. Der Norwege Steffens, den ich Ihnen schon angekündigt habe, hat hier in der Gesellschaft weit mehr Glück gemacht. Das scheint ihn auch so zu fesseln, daß es die Frage ist, ob er noch nach Freiberg kommt. Er würde Ihnen angenehm gewesen seyn. Er ist es uns auch, aber ganz kann ich ihn nicht beurteilen, denn ich weiß nicht, wie weit er da hinausreicht, wo ich nicht hinreiche, und die Philosophie ist es doch, die ihn erst ergänzen muß.

§7 TF In Fichten ist mir alles klar, auch alles, was von ihm kommt. Ich habe Charlotten aufgetragen, Ihnen seine Appellation zu schicken; er läßt Sie daneben grüßen. Schreiben Sie mir etwas darüber, dass ich ihn wieder bestellen kann. Was sagen Sie zu diesem Handel? was zu Reinharden? und wie ihn Fichte zwischen Spalding und Jacobi stellt. -Ein wenig zu viel Akzent hat die Fichte auf das Märtyrertum gelegt. Das Übrige ist alles hell und hinreichend. Ich bin andächtig gewesen, da ich es las, und überirdisch. In Dresden wird die Schrift noch nicht zu haben seyn. Ich bereite Fichte, sie Ihrem Vater zu schicken, und glaube, daß ers getan hat.

Hufeland o convidou, ele acabou aceitando. Eu, de propósito, não lhe lembrei dessa incoerência. Ele tem um caráter tão indomável que não é preciso lembrá-lo disso. O norueguês Steffens, que já lhe apresentei, fez muito mais sucesso aqui em sociedade. Isso parece prendê-lo tanto que é incerto se ele ainda virá para Freiberg. Ele teria agradado a você. Ele também o é para nós, mas não posso julgá-lo completamente, pois não sei até onde ele vai aonde eu não chego, e é a filosofia que precisa completá-lo.

§7 TA Em Fichte tudo me é claro, inclusive tudo o que vem dele. Encarreguei Charlotte de lhe enviar a *Apelação*¹⁷ dele; ele, ademais, envia-lhe saudações. Escreva-me algo sobre isso, para que eu possa solicitá-lo novamente. Escreva-me algo sobre isso, para que eu possa pedi-lo novamente [para escrever mais]. O que você diz desse assunto? E sobre Reinhhardt? E como Fichte o coloca entre Spalding e Jacobi? - Fichte enfatizou um pouco demais o martírio. O resto é tudo claro e arrebatador. Fiquei em êxtase quando o li, e me senti como se estivesse em outro mundo. Em Dresden o escrito ainda não está disponível. Eu convenci Fichte a enviá-lo para seu pai, e acredito que ele o fez.

¹⁷ Na obra de Fichte, "Appellation" (apelo) refere-se ao chamado da Razão ao indivíduo para agir moralmente. A Razão, para Fichte, não é apenas um conjunto de princípios abstratos, mas uma força que impulsiona o indivíduo a agir de acordo com o que é certo, transcendendo seus desejos egoístas. A "Appellation" é um elemento central na ética de Fichte, representando a capacidade do indivíduo de se tornar um ser moral autônomo.

§9 TF Nach dem Atheismus ist hier das neuste Evenement die Aufführung des ersten Theils von Wallenstein, die Piccolomini, in Weimar. Wir haben sie gesehen und es ist alles so vortrefflich und so mangelhaft, wie ich mir vorstellte. Die Wirkung des Ganzen leidet sehr durch die Ausdehnung des Stoffes in zwei Schauspiele. Aber das Dramatische interessiert Sie nicht-ich will mir die paar Augenblicke, die uns bleiben, hiermit nicht rauben. Goethe bringt den Februar hier zu. Die Elegie ist noch nicht vollendet, das Athenäum erst zur Hälfte gedruckt.

§9 TA Depois do Ateísmo, o último evento aqui é a apresentação da primeira parte de Wallenstein, o Piccolomini, em Weimar. Nós a vimos e tudo é tão excelente quanto eu imaginava, embora também seja insuficiente. O efeito do conjunto sofre muito com a divisão do material em duas peças. Mas você não está interessado no drama, então não vou me privar dos poucos momentos que nos restam. Goethe passará fevereiro aqui. A Elegia ainda não está terminada, e o Athenäum foi impresso apenas pela metade.

§10 TF Von Friedrich nichts, bis ich die Veit und Lucinde gesehen habe. Wir gehen in der Woche vor Ostern nach Berlin, wo jene den Sommer über bleiben werden. Lieber Hardenberg, gehen Sie mit uns! Wir können Sie ja in Naumburg treffen. Es wäre gar zu hübsch. Denken Sie mit Ernst daran.

§10 Nada de Friedrich até que eu tenha visto Veit¹⁸ e *Lucinde*¹⁹; estamos indo para Berlim na semana anterior à Páscoa, onde eles ficarão durante o verão. Caro Hardenberg, venha conosco! Podemos nos encontrar em Naumburg. Seria muito bom. Pense seriamente nisso.

§11 TF Wir sind fleißig und sehr glücklich. Seit Anfang des Jahres komme ich wenig von Wilhelms Zimmer. Ich übersetze das zweite Stück Shakespeare, Jamben, Prosa, mitunter Reime sogar.

§11 TA Somos diligentes e muito felizes. Desde o início do ano, tenho saído pouco fora do quarto de Wilhelm. Traduzo a segunda peça de Shakespeare: versos iâmbicos, prosa e, às vezes, até rimas.

§11 TF Adieu, Ich muß dies weg schicken.

§11 TA Adeus, preciso enviar isso.

¹⁸ Veit, sobrenome de Dorotheia Veit, concunhada de Caroline Schlegel-Schelling, futura esposa na época de Friedrich Schlegel.

¹⁹ Lucinde é um romance de 1799 escrito por Friedrich Schlegel. O livro é conhecido por celebrar a sexualidade, provocando polêmica e admiração. A narrativa fragmentada e o conteúdo autobiográfico desafiam as normas literárias convencionais.

Carta 2

Jena, Caroline Schlegel-Schelling a Novalis em 22.02.1799.

An Hardenberg,

[Jena] 20 Febr.1799.

§1 TF So ist es denn wahr, mein liebster Freund?
Sie haben uns recht glücklich und froh gemacht!
Ihren Freunden blieb bisher kein anderes Mittel
übrig, als nur an Sie allein, nicht an Ihre Zukunft
zu denken, und Sie hatten uns auch oft alle
Sorgen verboten. Ich nahm das selbst so an-
gegen die, die uns lieb sind, wird man so leicht
gelehrig und gehorsam. Nie habe ich Sie gefragt,
wie wird sich der Knoten lösen? kann das so
bleiben? Kaum habe ich mich selbst gefragt. Ich
war ruhig im Glaube-denn ich habe doch am
Ende mehr Glauben als ihr alle-nicht daß es
gerade so kommen würde, aber daß sich an
irgend einer Brust die Spannung brechen müßte,
und das Himmlische mit dem Irdischen
vermählen. Was Sie Scheidung zwischen beiden
nennen, ist doch Verschmelzung. Warum soll es
nicht? Ist das Irdische nicht auch wahrhaft
himmlisch? Nennen Sie es aber wie Sie wollen,
genug Sie sind glücklich. Ihr Brief ist eigentlich
voll Wonne und wie auf Flügeln zu mir
gekommen.

§2 TF Ich freue mich jetzt - wie Sie sich freuen
werden - daran zu denken, wie dies so sich
machen müßte. Nur in dieser fast öden
Einsamkeit, durch das Band der süßen
Gewohnheit konnten Sie allmählich gewonnen
werden. Wie Weise und artig setzten Sie uns

§1 TA Então é verdade, meu caríssimo amigo?
Você nos deixou muito felizes e contentes! Aos
seus amigos, não restava outra alternativa senão
pensar unicamente em você, e não no seu futuro,
e você também nos havia proibido
frequentemente de nos preocuparmos. Eu mesmo
adotei essa postura, pois nos tornamos dóceis e
obedientes com aqueles que nos são queridos.
Jamais lhe perguntei como se resolveria o nó.
Isso pode permanecer assim? Mal me
perguntava. Eu estava tranquila na crença —
afinal, tenho mais fé do que todos vocês —, não
que as coisas se desenrolariam exatamente dessa
forma, mas que a tensão se romperia em algum
peito e o celestial se uniria ao terreno. O que você
chama de separação entre ambos, na verdade, é
fusão. Por que não poderia ser? O terreno não é
também verdadeiramente celestial? Mas chame-
o como quiser, basta que você esteja feliz. Sua
carta está repleta de júbilo e chegou a mim como
se estivesse em asas.

§2 TA Estou feliz agora — como você também
ficaria — ao pensar em como isso teve de
acontecer. Somente nesta solidão quase
desoladora, através do vínculo do doce hábito,
você pôde ser aos poucos conquistado. Com que
sabedoria e gentileza você nos disse um dia que

einmal auseinander, daß dies alles keine Gefahr habe, Gefahr nicht, aber Folgen doch. Soll das Liebenswürdige umsonst seyn? Wie doppelt leid thut es mir, Julien nicht gesehen zu haben. Es war meine Schuld nicht, die Ihrige auch wohl nicht. - Sehn Sie, liebster Hardenberg, das könnte mich doch traurig machen, wenn Sie nicht unsere blieben, wenn Ihre Frau nicht unsere Freundin durch sich selber würde, aus eigener Neigung. Kommen Sie nur, wir schwatzen mehr darüber. Es ist fast wahrscheinlich, daß Sie um Ostern und hier finden und wir erst um Pfingsten reisen.

tudo isso não tinha risco, não era um perigo, mas uma consequência. Será que a amabilidade é em vão? Como lamento duplamente não ter visto Julien²⁰. Lamento duplamente não ter visto o Julien. A culpa não foi minha, nem sua. - Sabe, meu caro Hardenberg, talvez me entristecesse se não continuasse a ser nosso, se a sua mulher não se tornasse nossa amiga por si própria, por vontade própria. Venha, vamos falar mais sobre isso. É quase provável que nos encontre por volta da Páscoa e aqui, e que não viajemos até o Pentecostes.

§3 TF Charlotten haben Sie gewiß aufs Leben verboten uns nichts zu sagen, denn ich errathe nun, sie hat es um Weihnachten erfahren, aber geschwiegen über alle Maßen. Sie schreibt mir eben, daß sie Charpentier und Sie zusammen hofft, bei sich zu sehn. Ein Glück, das sie gern schreibt; *gesagt* hätte sie mirs doch. Friedrich verräth auch eine Ahndung -ich habe ihm Gewißheit gegeben. Sehr möglich, dass ein Dach uns alle noch in diesem Jahr versammelt. Friedrich bleibt den Sommer in Berlin, was mir lieb ist. Im Winter wünscht er herzukommen. Sie Leben in Weißenfels. Sie könnten auch wohl einmal eine Zeitlang hier leben. -Mit Ihrem Vater ist wohl alles überlegt und es stehen Ihnen keine Schwierigkeiten im Wege? Er wird nur froh seyn, Sie froh zu wissen. Muß sich Thielemann nicht unendlich freuen! Ihren anderen Schwager abandonnieren wir Fichten.

§3 TA À Charlotte, você a proibiu pela vida dela de nos contar qualquer coisa, pois acho que ela descobriu sobre o Natal, mas manteve silêncio sobre tudo. Ela acaba de me escrever para me dizer que espera ver Charpentier²¹ e você juntos, uma felicidade sobre a qual ela não gosta de escrever, mas que me teria *dito*. Friedrich também tem um pressentimento, e eu lhe dei certeza. É muito provável que um telhado nos reúna a todos este ano. Friedrich vai passar o verão em Berlim, o que é muito bom para mim. O senhor mora em Weißenfels e provavelmente poderia morar aqui por um tempo. Tudo está bem planejado com seu pai e não há dificuldades em seu caminho? Ele só pode estar contente em saber que o senhor está feliz; Thielemann deve estar infinitamente feliz! Estamos abandonando o outro cunhado, Fichte.

²⁰ Julien Bohemer, nascido em 3 de novembro de 1793, filho da Caroline Schlegel-Schelling com um oficial francês de nome Dubois-Crancé do exército de Napoleão (Dischner, 2011, p. 24).

²¹ Charlotte Charpentier, última amante de Novalis (Wulf, 2022, p. 179).

§4 TF Es ist kein Zweifel, wenn Fichte sich ganz von Reinhards Mitwirkung überzeugen könnte, so würde er ihn zum zweiten Göze machen. Er willt noch nicht glauben, oder vielmehr er wünscht Thatsachen, um den Glauben in der Hand zu haben. Mit der letzten Post hat er Reinhard selbst geschrieben, ihm seine Schrift geschickt und ihn zu Wehe über das Pfaffenthum aufgefordert. Er will abwarten, was er darauf erwiedert. Schreiben Sie es *mir* nur, ob Sie es gewiß wissen. Ich zweifle nicht einen Augenblick daran, aber schwerlich hat er doch offen genug gehandelt, daß man Thatsachen von ihm anführen könnte. Fichten ist sehr daran gelegen übrigens. Ich habe ihm den größten Theil Ihres Briefs mitgeteilt-ja, weil er Sie so liebt, auch das, was Sie angeht, und worüber er sich innig gefreut hat. Daß man in Preußen honnet verfahren ist, werden Sie nun wissen.

§5 TF Bald, bald kommt das dritte Stück Athenäum. Hier ist indessen etwas anderes. Was werden Sie zu dieser Lucinde sagen? Uns ist das Fragment im Lyceum eingefallen, das sich so anfängt: Saphische Gedichte müssen wachsen oder gefunden werden etc. Lesen Sie es nach. - Ich halte noch zur Zeit diesen Roman nicht mehr für einen Roman als Jean Pauls Sachen-mit denen ich es übrigens nicht vergleiche. Es ist weit phantastischer, als wir uns eingebildet haben. Sagen Sie mir nun, wie es Ihnen zusagt. Rein ist der Eindruck nicht, wenn man einem Verfasser so nahe steht. Ich halte immer seine verschlossene Persönlichkeit mit dieser Unbändigkeit zusammen und sehe, wie die harte

§4 TA Não há dúvida de que, se Fichte se convencesse completamente do envolvimento de Reinhard, ele o tornaria o segundo deus. Ele ainda não quer acreditar nisso, ou, mas que isso, ele deseja fatos para ter fé na própria mão. Na última correspondência, ele escreveu para o próprio Reinhard, enviou-lhe seus escritos e pediu-lhe que tomasse uma posição em relação ao clero. Ele quer esperar e ver o que você diz em resposta. Diga-me se tiver a certeza. Não duvido nem um pouco, mas ele ainda não agiu com abertura suficiente para que você possa citar fatos sobre ele. Já agora, Fichten está muito interessado neste assunto. Enviei-lhe a maior parte da sua carta - sim, porque ele gosta muito de você, mesmo aquilo que lhe diz respeito e com que ele ficou profundamente satisfeito. Agora já sabe que o procedimento na Prússia é honesto.

§5 TA Em breve vem o terceiro volume da *Athenäum*, mas aqui está outra coisa: o que você acha sobre essa *Lucinde*? Nós nos lembramos do fragmento do Liceu que começa assim: "poemas sáficos devem crescer ou ser encontrados" etc. Leia-o - ainda não acho que esse romance seja mais romance do que as coisas de Jean Paul, com as quais, aliás, não o comparo. É muito mais fantástico do que imaginamos. Agora me diga o que acha dele. É claro que a impressão não é pura quando se está tão próximo de um autor. Eu sempre mantendo sua personalidade fechada junto com essa indisciplina e vejo como a casca dura se abre - posso ficar bastante ansiosa com isso, e se eu fosse sua amante, isso não deveria

Schale aufbricht-mir kann ganz bange dabey werden, und wenn ich seine Geliebte wäre, so hätte es nicht gedruckt werden dürfen. Dies alles ist indeß keine Verdammniß. Es giebt Dinge, die nicht zu verdammen, nicht zu tadeln, nicht weg zu-wünschen, nicht zu ändern sind, und was Friedrich thut gehört gemeiniglich dahin.

§6 TF Wilhelm hat die Elegie geendet. Eine Abschrift hat Goethe, der hier ist, die andere Friedrich. Sie müssen also warten. Der eigentliche Körper des Gedichts ist didaktisch zu nennen und sollte es auch seyn nach Wilhelms Meinung. Die Ausmalung des Einzelnen ist vortrefflich - das Ganze vielleicht zu umfassend, um als Eins in der Seele aufgenommen zu werden, wenigstens erfordert dies eine gesammelte Stimmung. Sie sollen es hier lesen.

Es Kommt in das vierte Stück.

§7 TF Wenn Sie herkommen, so treten Sie doch gleich bey uns ab, wenn Sie keine Ursach weiter haben, es nicht zu thun. An Ihrem Verkehr mit Schiller hindert es Sie gar nicht. In der Mitte April kommt der vollständige Wallenstein auf das Theater. Wollen Sie ihn nicht sehen?

§8 TF Göthe ist sehr mit Optik für die Propyläen beschäftigt und an keinem öffentlichen Orte sichtbar. Leben Sie wohl. Bester, ich muß noch

ter sido impresso. Tudo isso, no entanto, não é uma condenação. Há coisas que não devem ser condenadas, não devem ser culpadas, não devem ser desejadas, não devem ser mudadas, e o que Friedrich faz geralmente pertence a esse lugar.

§6 TA Wilhelm terminou a elegia. Goethe, que está aqui, tem uma cópia, ao passo que Friedrich tem outra. Portanto, terá de esperar. O corpo do poema é didático e, na opinião de Wilhelm, deve sê-lo. A caracterização do indivíduo é excelente, mas o todo talvez seja demasiado para ser absorvido de uma só vez pela alma; pelo menos, isso requer um estado de espírito recolhido. Vai lê-lo aqui. Vem na quarta parte.

§7 TA Quando vier, porque não nos deixa imediatamente, se não tiver mais nenhuma razão para não o fazer. Isso não o impedirá de conviver com Schiller. O Wallenstein completo estreia no teatro em meados de abril. Não o quer ver?

§8 TA Goethe está por demais preocupado com sua visão para Propyläen²² e não aparece em nenhum lugar público. Passe bem! Querido, preciso ainda escrever para Charlotte. Saudações

²² "Propyläen" foi uma revista de arte alemã publicada por Johann Wolfgang von Goethe entre 1798 e 1800. A revista serviu como um fórum para discutir teorias de arte e promover os ideais estéticos do classicismo de Weimar. Goethe usou "Propyläen" para apresentar suas próprias opiniões sobre arte e para criticar tendências que ele considerava decadentes ou confusas. A revista recebeu o nome de Propileus, a entrada monumental da Acrópole de Atenas, simbolizando a ambição de Goethe de elevar a arte alemã a um nível clássico (Goethe, 1798-1800, tradução nossa).

an Charlotten schreiben. Julie ist uns geprüßt! para Julie! Compartilhe “Lucinde” com Theilen Sie Charlotten die Lucinde mit. Charlotten.

3.4 Características particulares da Carta 1

Os dois primeiros parágrafos da carta revelam que Caroline Schlegel-Schelling, além de ser uma amiga que busca em detalhes saber sobre a saúde debilitada de Novalis nesse momento, tenta animar o amigo com a expressão “*Das Wort des Trostes*”. As maiúsculas nos substantivos – *Wort* e *Trostes* – são justificadas porque se trata de zombar usando a ideia de posse do caso genitivo no alemão, para relevar com ironia o peso que Novalis poderia estar concedendo a um sentimento tão efêmero como a origem ou o pertencimento a algo ou a alguém. No contexto pré-romântico, essa perspectiva de ordem absolutista é vista com sarcasmo, pois a igualdade entre todos, independentemente de sua origem, é desejada. Afinal, a idealização absoluta para os românticos era inalcançável.

Outra característica do início da carta é que Caroline Schlegel deixa nas entrelinhas que, mesmo conhecendo a causa da dor de Novalis, insiste no fato de que ele precisa se cuidar. Nesse trecho, o conselho é incisivo, porém escrito em um tom formal. Uma tensão de zombaria entre uma intimidade amigável e um tom de formalidade gramatical acompanha toda a carta.

Apesar da proximidade e versatilidade temática entre os interlocutores, o tratamento pronominal da segunda pessoa do singular “tu” é evitado. O mesmo é reservado no alemão para as pessoas da família ou com um grau de intimidade maior. Caroline mantém o tratamento da segunda pessoa do plural “*Sie*” como um marcador de respeito e formalidade com Novalis.

No que se refere ao tema do amor, ambos parecem saber o segredo que ocultam. Podemos somente ter a pista dele na palavra “ditirambos”²³ associada ao “gênio mercantil”. Na expressão “*Ihren Dithyramben über das mercantilische Genie*” existe uma correlação entre poesia e sistema econômico mercantilista da época. A rima entre os sufixos “en” – *Ihren Dithyramben* – e a vogal tônica “e” – *mercantilische Genie*, provoca um ruído de crítica e faz eco à opinião romântica de repúdio à escravatura e à expansão mercantil no fim do século XVIII. Assim como o coro dialogava com o corifeu usando os versos ditirâmbicos, Caroline chama por Novalis para voltar sua atenção à vida criativa, dialogando com temas sociais e sérios, poetizando.

²³ Ditirambos eram cantos de amor e louvor que os gregos cantavam na festa de Dionísio. As pessoas que os cantavam convidavam a multidão que assistia ao ritual para fazer parte do coro (Aristóteles, 1973).

As perguntas feitas no diálogo: *Welche? Wo? Im Himmel oder auf Erden?* sobre qual? Onde está? é o amor que se dissolve na constatação de que nem ela nem ele têm como dizer algo novo sobre o amor. Nem determinar se esse sentimento pertence a um determinado lugar: *Im Himmel oder auf Erden?, nem no céu e nem na terra* e, ao mesmo tempo, não há conceito algum que os impeça de falar do sentimento ou de qualquer outro assunto, como a marcha do sistema mercantilista, independentemente de onde “moram” esses conceitos – *Sie wohnt*. O que se pode fazer é dialogar, pensar sobre isso juntos, como Caroline Schlegel- Schelling se dispõe a esperar pela resposta do amigo antes de continuar com o tema abordado nesta carta.

A saber mais detalhadamente sobre o tema do amor e da morte para Novalis.²⁴ É importante lembrar que Novalis perdeu seu primeiro amor, Sofia von Kuhn, que faleceu aos 15 anos, em 1757. Com a morte dela, Novalis transformou o tema do amor no maior objeto de estudos e inspiração suas obras e celebrou, por muitos anos, os aniversários da data de falecimento da primeira noiva²⁵. Ele, que havia se dedicado à paixão de viver com ardor, geólogo etéreo que foi trabalhando na pesquisa da extração de minérios, se consagrou ao tema da morte com o mesmo ardor como viveu.

Segue o curso do diálogo que se parece a um monólogo compartilhado em que pensar e escrever ao mesmo tempo formam uma consciência contínua. *Sie glauben nicht, wie wenig ich von eurem Wesen begriffe, wie wenig ich eigentlich verstehe, was Sie treiben*. A autora faz uma aliteração entre as consoantes W/V deixando um ruído de confusão proposital que coincide com o conteúdo da frase onde confessa não entender exatamente a Natureza “*Wesen*” dos trabalhos que Novalis e seus amigos constroem – *construirem*. O sentido do verbo construir nesse contexto e época retoma a noção da *Bildung*, ou seja, ao processo de formação e desenvolvimento de uma ideia em processo, diferente do contexto em que é utilizado na era moderna.

Caroline Schlegel tece uma fala próxima e poética. Ao deixar seus sentimentos expostos, a autora, com modéstia, garante que não busca o reconhecimento pelo seu trabalho poético. Sua “humanidade moral” a preserva da ambição do reconhecimento público, mas ela espera que nos

²⁴ Novalis, o pseudônimo de Georg Philipp Friedrich Freiherr von Hardenberg, escreveu “Hinos da Noite” (originalmente *Die Abendblätter*) entre 1797 e 1800. Esta obra poética é uma das mais importantes do Romantismo alemão e reflete temas como o amor, a morte e a busca pela transcendência. A coleção de poesias expressa a profunda conexão do autor com a natureza e suas reflexões sobre a vida e a espiritualidade, o Romantismo alemão e temas como o amor, a morte e a busca pela transcendência.

²⁵ Sofia von Kuhn, a noiva virgem, morreu a 19 de março de 1757. Após sua morte, Novalis se dedicou a compor poemas dedicados à constelação humana e seu céu noturno, pois ele sobrenaturalizou, ao desenlace, sua paixão terrestre (Novalis, 1978, p. 28).

detalhes, nos fragmentos, se reconheça o seu trabalho de criadora que é dado a todos os amigos do Círculo de Jena, tal como Novalis.

Nessa passagem, Caroline rende um tributo em vida a todos os pensadores e escritores do grupo de Jena, reconhecendo seu valor de alquimistas – *Was ihr zusammen da schaffet, ist mir auch ein rechter Zauberkessel*. Caroline Schlegel-Schelling metaforiza o grande caldeirão de pesquisa científica que Novalis realiza com os minérios em seu laboratório, tanto quanto o faz com outros amigos, como Goethe e Alexander von Humboldt, por exemplo, em seus laboratórios de botânica.

Nesse trecho em particular, ela enaltece o trabalho dos irmãos Schlegel, que romperam com Schiller e com as imposições das autoridades prussianas impondo a censura, para publicar a nova revista. Afinal, seus pensamentos mais elaborados sobre a Natureza, a Arte e o poder da criação artística eram livres de modelos ou receituário clássicos, assim como na República, onde todos eram livres para ser artistas. A liberdade maior se encontra no poder da escolha em como escrever seus pensamentos – *Sehen Sie, man weiss sich das nicht ausdrücklich zu erklären Ihren Reden, wenn Sie ein Werk unternehmen, ob es soll ein Buch werden, und wenn Sie lieben, ob es die Harmonie der welten oder eine Harmonika ist* – A palavra *Harmonie*,²⁶ substantivo grego para o todo musical, faz um jogo de som e linguagem metonímica com *Harmonika*,²⁷ também do grego, que é um instrumento individual para tocar a sinfonia.

Ao usar a linguagem musical para confrontar a harmonia (ritmo da composição) com a harmônica (a gaita), Caroline Schlegel-Schelling brinca poeticamente sobre o papel desempenhado pelo grupo de amigos pré-românticos. Isso reflete como a ideia de um instrumento-indivíduo único e singular corresponde à gaita ou *Harmonika*, com a qual se produz o todo de vozes distintas que compõem a sinfonia da constelação, representada pela harmonia-*Harmonie*, em que eles, como participantes, queriam criar e recriar. Diferentemente da vontade por eternidade, dos clássicos absolutistas, Caroline Schlegel-Schelling desfruta o

²⁶ **Harmonie** f. “harmonia, acordo, unidade interna, equilíbrio”. Lat. *harmonia*, do grego *harmonia*(ἀρμονία) “conexão, aliança, relação adequada, acordo, harmonia, melodia”, foi emprestado para o alemão no século XVI, após o uso ocasional de mhd. *armonie* (após mlat. *armonia*). O termo inicialmente musical é transferido para arranjos e constelações que também são percebidos como agradáveis em outras áreas de percepção, de modo que, no século XVIII, ele alcança uma ampla gama de usos na arte, ciência e psicologia. Disponível em: <https://www.dwds.de/>.

²⁷ **Harmônica**, termo cunhado por B. Franklin (*armonica* inglesa, 1762) a partir do latim *harmonicus*, grego *harmonikós*(ἀρμονικός) (ver *harmonia*) para um instrumento musical que ele construiu, no qual o som é produzido por batidas em sinos de vidro (daí também *harmônica de vidro*). O termo (em alemão desde o final do século XVIII) foi então transferido para outros instrumentos de vários modelos que produziam acordes harmônicos, sendo que sua função era geralmente definida com mais detalhes por meio de acréscimos esclarecedores, por exemplo, *acordeão de boca, concertina* (século XIX). Disponível em: <https://www.dwds.de/>.

exato momento da música criada por ela e por seus amigos. O depois não é tão importante como o agora da comunhão do diálogo entre amigos.

Nesta parte da carta, Caroline usa o apelido afetuoso *Ritter*, que quer dizer cavalheiro, em alemão, para se referir a Georg Hegel, o filósofo do idealismo alemão e contemporâneo ao grupo de Jena. Esse apelido fazia parte dos gestos de afeto e cortesia que reúnem pessoas socialmente próximas na etiqueta da época romântica. A ironia afinada de Caroline traduz em uma frase a perspectiva de pluralidade que ela tinha das pessoas, da língua e da vida. *Er hat nur einen Sinn, so viel ich merke. Der soll eminent seyn, aber der höchste, den man für sein Wissenschaft haben kann, ist es doch wohl nicht-der höchste besteht aus vielen.*

Nesse trecho, Caroline Schlegel faz o jogo linguístico da metonímia entre o que está mais elevado – *höchste* – por muitos – *vielen* em que apresenta a inferência de que a posição vertical de acima somente faz sentido na posição horizontal em que existe a multiplicidade. Talvez se tratasse de uma provocação ao conceito absolutista da existência de lugar privilegiado que o idealismo alemão coloca para determinada classe de indivíduos, alguns necessariamente melhores que os outros.

E mesmo deixando a ambivalência de saber que alguns poderiam ser mesmo melhores que outros, inclusive o próprio Hegel, ela entende que o conceito de excelência “consiste em muitos”, ou seja, o ideal e o absoluto não são reais em sua visão de mundo. É, talvez, oportuno comentar o fato de que Hegel tenha sido amigo próximo de F. Schelling e Hölderlin. Os três filósofos dividiram um quarto no ano de 1799 em uma habitação estudantil em Turbigen. Além de amigos próximos, todos participavam de debates e influenciavam criticamente a obra um do outro.

No ano de 1799, Hegel escreveu *O Espírito do Cristianismo e seu Destino*, obra na qual discute a natureza da religião e do próprio Cristianismo. Nesta parte da carta, Caroline Schlegel-Schelling faz uma colocação belicosa em relação a sua aparente falta de entendimento sobre o que exatamente escreve o “cavalheiro” que mora em um lugar pantanoso chamado de Belvedere e de onde ele manda as “rãs”. Uma metáfora ambígua para a ideia de que a compreensão das ideias de Hegel poderia ser indigesta ou também uma referência à fábula alemã folclórica *O flautista de Hamelin*, que conta a perícia de um músico que, ao tocar sua flauta, conseguiu livrar a aldeia de animais indesejáveis, pois a melodia fazia com que ratos e toda sorte de “pestes” o

seguissem até lugares distantes da convivência com os humanos. Uma outra associação seria com a doença da peste bubônica²⁸ que se alastrava por toda a Europa na época.

Neste trecho mais longo, Caroline descreve suas primeiras impressões sobre o futuro e último amor, Friedrich Schelling. Ao descrever sua impetuosidade em relação às coisas, ela também comenta sobre a importância do saber da ciência que, na percepção dela, Schelling ainda parece ignorar. Esse fato deixa claro como os primeiros românticos, ao contrário do que lhes foi associado – visionários sem base na realidade –, concebem claramente que a ciência e seus conhecimentos são imprescindíveis na formação humana individual. Nesta parte também fica claro o interesse por conhecer Schelling mais intimamente e isso é explicitado ao amigo Novalis sem perturbação ou qualquer vestígio de julgamento prévio. Essa atitude demonstra a liberdade que Caroline dispunha no seu casamento com August Schlegel e, principalmente, a segurança como mulher autônoma nas suas escolhas amorosas.

Ao descrever sua impetuosidade em relação às coisas, a carta faz referência aos vizinhos conhecidos por Novalis em Jena. As largas caminhadas que os amigos faziam quando estavam juntos tinham um caráter de observação detalhada da Natureza e dos seres humanos. As imagens que produziam se transformavam em diálogos corriqueiros e também ensaios sobre temas filosóficos profundos, com reflexões sutis entre o conflito permanente entre o “Eu que me habita” e o “outro que também hospedo em mim”. A passagem sobre o filósofo do “Eu” J. Fichte mostra como Caroline era atenta às obras de todos os amigos e pensadores de seu círculo. Ela critica o ensaio enviado para publicação na *Athenäum* de Fichte, enfatizando o exagero do filósofo na subjetividade que se transforma em divindade. Sobre o ensaio do amigo Novalis, que manda sua poesia *Hino à Noite* para publicar na revista dos Schlegel, há uma admiração sincera em seu enlevo pelo sentimento de transcendência, outro aspecto importante para os românticos que acreditavam na emoção imediata diante do que é artístico e criado para um momento singular.

O trecho acima traz a tendência de mesclar temas pessoais, sociais e filosóficos, típica no romantismo inicial, que demonstra a importância da impressão de cada indivíduo sobre os temas da sua contemporaneidade. O jogo do ambivalente entre “excelente e deficiente” mostra o senso crítico de uma intelectual que sabe apreciar ironicamente o grande amigo de Goethe e um dos maiores filósofos da língua alemã: Friedrich Schiller, que compôs a peça teatral sobre um famoso general, Wallenstein. O adjetivo “mini” repetindo o sentido de “Piccolo”, que é um

²⁸ Peste bubônica, ou peste negra, doença transmitida por ratos e que matou milhões de pessoas na Europa entre os séculos XV e XVIII.

dos nomes da peça sobre o general, reforça o tom satírico de Caroline tanto em relação ao autor da peça, Schiller, quanto ao personagem principal escolhido para ser o herói desse dramaturgo famoso. Vale lembrar que Schiller e Caroline não se toleravam. Schiller apelidou Caroline de “Madame Lúcifer” e Caroline retribuía chamando-o de “Senhor da Senilidade” (Dischner, 2011).

A pilhária ou sátira continuam com o duplo sentido, e essa característica, somada ao conhecimento profundo do grego e do latim, que aparecem com frequência em sua obra, confirma uma formação muito avançada para uma mulher de sua geração. Ela lia, escrevia e traduzia não apenas do inglês e do francês, mas também do latim e do grego. Sua proficiência nesses idiomas, inclusive, lhe permitia criar sua própria língua privada, um código singular que poderia compartilhar com seu amigo Novalis, alguém que a compreenderia. No final da passagem, revela-se sua inclusão participativa como interlocutora crítica tanto de Goethe, que terminava sua obra *Elegia* naquele ano, quanto no andamento da publicação da revista dos irmãos Schlegel, *Athenäum*.

A passagem diz respeito ao cunhado Friederich Schlegel, que estava se mudando para casa de Caroline e August Schlegel junto com a amante, Dorothea Veit, filha do filósofo judeu Moses Mendelssohn, ainda casada com primeiro marido Simon Veit. Já *Lucinde* é o romance de Friederich Schlegel que narra sua relação sexual íntima com a então amante, Dorothea. O tom de diz-que-me-diz de Caroline mostra a confiança que ela tem na afeição do seu amigo Novalis, um dos melhores amigos de Friederich Schlegel.

A tradução das obras de Shakespeare teve em 1799 seu ano mais intenso. A linguagem poética se faz presente neste trecho: o verso jâmbico, um tipo de verso livre, também chamado de iâmbico, tem origem na Grécia Antiga e servia para fazer ecos na poesia satírica. Vale ressaltar que no original em alemão desta passagem existe esse jogo rítmico das vogais anterior breve e da posterior longa. *Ich übersetze das zweite Stück von Shakespear, Jamben, Prosa, mitunter Reime sogar.*

A forma “*Adieu*” em francês acrescenta um traço de faceirice de Caroline, além da pressa quase infantil de receber a resposta de Novalis para sua carta.

3.5 Características e comentários da Carta 2

A segunda carta enviada por Caroline a Novalis dezesseis dias após a primeira possui uma dialogia ainda mais rápida em trocas de temas e personagens do que a anterior. Seu tom é

mais leve e alegre. Pressupõe-se que Novalis respondeu à carta de Caroline de 4 de fevereiro, pois o nome da nova amada de Novalis, Charlotte Charpentier, é mencionado nesta segunda carta e a questão de saúde de Novalis já não aparece como temática na segunda carta.

Um dos aspectos gramaticais relevantes é em palavras com dígrafos como “Daß”, “gewiß”, “Maßen”. São traços que o idioma vai absorver e mudar ao longo do tempo. A origem do ß remonta às ligaduras tipográficas, notadamente às combinações “sz” (s longo seguido de z) e “s ss” (longo seguido de s curto), elementos gráficos já presentes na escrita gótica (*Fraktur*) muito antes de 1799. A *Fraktur*, caracterizada por seus traços ornamentados e angulares, constituía o sistema de escrita hegemonic nos territórios de língua alemã naquela época. Nesse contexto, as formas precursoras do ß, ou seja, as próprias ligaduras, integravam o repertório gráfico da *Fraktur*, sendo, portanto, inerentes à produção textual daquele período.

O movimento romântico alemão, marcado pela valorização da língua vernácula e das tradições culturais germânicas, encontrou na *Fraktur* um veículo expressivo consonante com seus ideais. Autores como Novalis e os irmãos Schlegel, expoentes desse período, empregavam frequentemente a escrita *Fraktur* em suas obras, o que implica a presença das formas ancestrais do ß nelas. Contudo, é crucial destacar que a consolidação do ß como caractere único e a fixação de suas regras de emprego ortográfico ocorreram de forma gradual, ao longo dos séculos XIX e XX. Em 1799, portanto, o uso das ligaduras que dariam origem ao ß ainda apresentava variações e inconsistências.

A *Fraktur*, por sua vez, não é atribuível a um único inventor, mas a um processo evolutivo que envolveu diversas figuras. Leonhard Wagner, mestre calígrafo, contribuiu significativamente para o desenvolvimento da *Fraktur* manuscrita. O Imperador Maximiliano I, por meio de seu patrocínio, impulsionou a disseminação e o prestígio desse tipo de escrita. Hieronymus Andreeae, impressor e gravador, criou tipos *Fraktur* para impressão, consolidando suas características formais.

A trajetória da *Fraktur* (Moura *et al.*, 2022) estendeu-se até meados do século XX, quando foi progressivamente suplantada por outros tipos de letra, como a *Antiqua*. No entanto, a *Fraktur* persiste em certas circunstâncias contemporâneas, como em títulos de livros, logotipos e outras aplicações que visam evocar valores estilísticos ou históricos. Em síntese, o ß integrava o sistema gráfico da *Fraktur* desde antes de 1799, sendo utilizado pelos autores românticos. No entanto, sua padronização como caractere único e a definição de suas regras ortográficas ocorreram posteriormente. A *Fraktur*, por sua vez, constitui um produto histórico

complexo, resultante da contribuição de diversos atores e influências, e cuja trajetória se estende por séculos, marcando a cultura escrita alemã.

Outra característica relevante na segunda carta é o uso do verbo “seyn”-“sein” escrito com “y” nas duas cartas. A grafia do verbo “sein” (ser/estar) em alemão, com “y” em vez de “i” na forma antiga “seyn”, tem uma explicação histórica ligada à evolução da escrita e da pronúncia na língua alemã. Esse fenômeno não é isolado e compreendê-lo ajuda a entender melhor sua história.

A letra “Y” foi introduzida no alemão a partir da língua grega, que a usava para representar o som /i/. Assim as palavras de origem grega, especialmente as religiosas e acadêmicas, frequentemente mantinham o “Y” (Tsigkana, 2018).

Depois de ter o uso difundido ao longo da Renascença, as reformas ortográficas alemãs, especialmente a do início do século XX e a de 1996, buscaram simplificar a escrita e torná-la mais consistente com a pronúncia, o que resultou na forma atual do verbo “sein”.

Portanto, a grafia “seyn” não era arbitrária, mas sim um reflexo de um estágio anterior da língua alemã. A forma atual, “sein”, é o resultado de um processo de evolução linguística e de reformas ortográficas que visavam simplificar e padronizar a escrita.

Além dessas duas características gramaticais formais, coexistem nas cartas as marcas de oralidade, ou seja, a presença da fala na escrita das epístolas. Isso consiste em uma prova de familiaridade e a certeza de que há uma aliança mútua de compreensão. As perguntas que fazem a interlocução ser constante em todos os parágrafos da segunda carta demonstram a familiaridade e a proximidade de Novalis e Caroline, bem como a importância das opiniões mútuas que são trocadas sobre assuntos diferentes nos diálogos. Tal como na primeira carta, além de reunir a conversa miúda, a “fofoca” tecida sobre outros amigos ligados ao grupo de Jena, aparecem reflexões maduras sobre filosofia e arte.

3.6 Aspectos intertextuais das cartas de Caroline Schlegel a Novalis

As cartas de Caroline Schlegel para Novalis estão repletas de simbolismos românticos, refletindo a profunda conexão emocional e a admiração intelectual mútua. O afeto e a atenção com o outro são detalhados em tratamentos carinhosos, apesar de formais. A seguir, alguns dos sinais mais evidentes:

1. A temática do amor como força vital

As cartas apresentam uma linguagem apaixonada que expressa o desejo de união, tanto física quanto espiritual, como uma realização merecida. Cada um deseja ao outro um encontro amoroso que justifique a própria existência. Caroline geralmente escreve sobre esse tipo de amor em suas cartas para Novalis. Tanto ela quanto Novalis idealizavam o amor como uma força transformadora capaz de elevar a alma.

Exemplo da carta 1:

A palavra de consolação que você menciona é muito mais do meu agrado: amor. Qual deles? No céu ou na terra? E que coisas bonitas e novas você tem para me dizer? Você sempre fala da mesma maneira. Se não for nada muito profundo, o que importa é a origem e a quem pertence. Não se trata de amor.

2. Encontro da emoção com a razão no vocabulário semântico

As palavras “Himmel und Erde”, que em alemão significam “Céu e Terra”, aparecem como substantivos e adjetivos nas duas cartas analisadas. Caroline e Novalis expressavam um desejo pelo infinito, por algo além das limitações de sua existência terrena. Eles o viam como uma forma de se libertar das injustiças sociais e experimentar a eternidade nesse reino infinito. A temática recorrente nas cartas de Caroline para Novalis são as marcas linguísticas da espiritualidade conectadas às ciências naturais. (Carta 1 é distinta da carta 2)

Em suas cartas, discutem frequentemente a crença compartilhada no poder da natureza e suas transformações, que os conecta a uma realidade superior. Essa sensação do infinito terrestre permite transcender as limitações do mundo físico e alcançar a união espiritual, ou seja, a possibilidade de se alcançar a liberdade de escolha dos sentimentos no tempo presente.

3. O tom satírico e a ironia como recursos críticos

As cartas de Caroline Schlegel a Novalis constituem uma marca da correspondência romântica alemã. Nelas, a sátira e a ironia, em particular, emergem como recursos poderosos da escrita singular de Caroline, moldando tanto o conteúdo quanto o tom de suas mensagens.

Caroline utiliza a sátira com seu olhar perspicaz para expor as convenções sociais e a hipocrisia da época. Ela utiliza a sátira para mostrar o que considera absurdo ou falso, seja nas relações interpessoais, nas instituições sociais ou nas ideias dominantes.

Como ambos compartilham a literatura como paixão comum, ela também é alvo de suas críticas satíricas. Caroline não poupa os autores que considera superficiais ou pretensiosos, desconstruindo suas obras e revelando suas limitações por meio da ironia.

Em suas cartas, a autora também emprega a sátira para tecer críticas mais pessoais, direcionadas a amigos e conhecidos de ambos, provocando um ruído de fofoca e oralidade amistosa. Essa forma de crítica, muitas vezes sutil e disfarçada de humor, tem o objetivo de expressar sua insatisfação e estimular a reflexão nos destinatários.

A ironia, como máscara da verdade, é também um disfarce que Caroline usa para mascarar suas verdadeiras opiniões. Ao dizer o oposto do que pensa, cria um espaço de ambiguidade que desafia o leitor a decifrar suas intenções. A ironia também desafia o leitor, convidando-o a participar ativamente da construção do significado. Ao utilizar a ironia, Caroline força o leitor a pensar criticamente sobre o que está sendo dito e a buscar as camadas mais profundas de seu pensamento.

Essa figuração quase feminina demais, em um cenário social no qual as mulheres tinham pouca voz, permitia a Caroline expressar suas opiniões de forma mais segura, sem se expor a críticas e julgamentos. A sátira e a ironia da autora revelam a complexidade de sua personalidade, que era, ao mesmo tempo, crítica e engajada, perspicaz e irônica.

As cartas, como forma de comunicação íntima, permitem um grau de franqueza e sinceridade que outras formas de expressão não permitem. Desse modo, a sátira e a ironia se tornam ferramentas poderosas para expressar nuances e contradições.

A sátira e a ironia permitiam que Caroline navegassem nesse contexto turbulento, expressando suas opiniões de maneira crítica e original. Elas refletem o tempo histórico em que viveram, uma época marcada por guerras, invasões e grandes transformações sociais e intelectuais.

Caroline compartilhava com Novalis suas preocupações, inseguranças e ansiedades, criando assim um espaço de confiança e empatia mútuas. A empatia e espontaneidade revelam uma intimidade que está acima da divisão de gêneros, principalmente na época em que ambos viveram.

Além da dimensão emocional, as cartas entre Caroline e Novalis também refletiam um intenso diálogo intelectual e literário entre os dois escritores. Eles compartilharam ideias, debateram questões filosóficas e literárias e influenciaram o pensamento e a escrita um do outro.

A correspondência entre Caroline Schlegel-Schelling e Novalis também mostrava uma relação de inspiração e influência mútuas. Eles se admiravam artisticamente, trocavam obras e projetos literários e se incentivavam mutuamente em seus respectivos esforços criativos.

Em suas cartas, Caroline sempre oferecia apoio e incentivo a Novalis, especialmente em momentos de desafio ou dificuldade. Sua capacidade de compreender e abraçar as ansiedades e aspirações de Novalis ajudou a fortalecer o relacionamento entre os dois escritores.

Esses aspectos das cartas de Caroline Schlegel-Schelling a Novalis demonstram a profundidade e a riqueza do relacionamento entre esses dois importantes escritores românticos do século XIX, revelando não apenas sua conexão emocional, mas também a interseção de suas ideias e projetos artísticos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O estilo de escrita de Caroline Schlegel-Schelling tem várias características distintas, que fazem dela uma figura importante no cenário literário do romantismo alemão. Dentre as principais características de seu estilo, destacam-se a sensibilidade e a subjetividade. Caroline valorizava a expressão emocional e a subjetividade na arte e na literatura, e sua escrita reflete uma sensibilidade aguçada e uma profunda introspecção.

Outro traço de sua formação era a capacidade de falar sobre todos os temas de sua época. Com o exercício de sua intelectualidade e profundidade, suas obras demonstram um pensamento profundo e uma abordagem intelectual refinada, explorando temas complexos como filosofia, religião e estética com grande versatilidade.

O diálogo e a intertextualidade estão sempre presentes em suas cartas. Ela frequentemente usava o diálogo para expressar suas ideias, criando interações com diferentes personagens ou vozes em suas obras. Ela também fazia conexões intertextuais com as obras de outros escritores e filósofos em seus escritos, provavelmente vindas da apropriação da linguagem teatral, amplamente utilizada em suas traduções.

A linguagem poética de Caroline é sua marca mais consistente como representante do movimento romântico alemão do início. Além de rica em metáforas, imagens e alusões, dando às suas obras uma qualidade poética que ressoa com as ideias românticas de beleza e expressão artística, ela incorpora expressões estrangeiras para “brincar” com as situações mais dramáticas nos diálogos com seus entes mais queridos.

Essas características do estilo de escrita de Caroline Schlegel-Schelling ajudaram a estabelecer sua posição como uma das vozes mais proeminentes do Romantismo Alemão, não apenas por suas ideias e contribuições intelectuais, mas também por sua habilidade artística e estilística como escritora. Além disso, as experiências emocionais e pessoais de Caroline, como suas lutas, alegrias e paixões, também se refletem em cada uma de suas correspondências.

Sua sensibilidade aguda e sua profunda introspecção podem ser identificadas em seus escritos, assim como suas reflexões sobre amor, beleza, arte e vida, temas recorrentes em seus ensaios e cartas. Dessa forma, a vida e as experiências pessoais de Caroline se tornaram intimamente entrelaçadas com seus escritos, moldando suas ideias, sua voz e seu estilo literário, ajudando a torná-la uma figura influente no cenário intelectual e artístico do pré-romantismo alemão.

Contribuição de Caroline Schlegel-Schelling para o romantismo alemão e algumas palavras sobre a trajetória pessoal

As ideias de Caroline Schlegel-Schelling influenciaram o romantismo alemão de várias maneiras. Ela foi uma das primeiras vozes femininas a ocupar um lugar central no cenário intelectual da época, defendendo a participação das mulheres na vida intelectual e artística. Seu pensamento destacava a importância da sensibilidade, da emoção e da subjetividade na arte e na vida, contribuindo para que o movimento romântico valorizasse o indivíduo e suas próprias experiências. Caroline também foi fundamental na divulgação e promoção das obras de vários escritores românticos, como Goethe e Schiller, por meio de ensaios, traduções e atividades relacionadas à literatura. Em um período de quatro anos, Caroline e August Schlegel traduziram dez obras de Shakespeare: *Romeu e Julieta, Hamlet, Como Gostais, Tempestade, Ricardo II, Rei João, Henrique IV*, entre as mais publicadas em alemão.

Sua associação intelectual com seu último marido, Friedrich Schelling, também teve um impacto significativo no desenvolvimento do romantismo alemão, pois ela participou das discussões filosóficas e estéticas da época.

Caroline queria ver as novidades de perto para poder discuti-las. Para ela, o debate sobre ideias, partidos e programas estava sempre ligado às pessoas que os expressavam. Portanto, é mais provável que ela fosse convencida pelas pessoas – mesmo que encarnassem ideias – do que pelas próprias ideias.

Caroline Schlegel-Schelling também defendeu os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade, valores caros aos românticos. Seu papel como intelectual feminina ativa e influente desafiou as convenções de gênero da época e ajudou a abrir espaço para mais mulheres na vida intelectual e artística. Assim, suas ideias e ações tiveram um impacto profundo no Romantismo Alemão, ajudando a moldar as suas características e os seus ideais.

O *corpus epistolar* de Caroline Schlegel-Schelling é um documento de valor inestimável para a compreensão do pré-romantismo alemão e da transição para o Romantismo. Apesar de ser restrito ao conhecimento das academias, seu legado epistolar abrange não apenas registros pessoais, mas também sua correspondência, que configura um espaço privilegiado de intensa atividade intelectual, no qual ideias eram debatidas, conceitos elaborados e o próprio movimento romântico ganhava forma. A importância dessas cartas reside em diversos aspectos inter-relacionados.

Primeiramente, elas evidenciam a participação ativa de Caroline no cenário intelectual da época. Ela não se limitava a observar os debates; suas cartas revelam um profundo engajamento com as questões filosóficas, literárias e estéticas que mobilizavam o círculo de Jena. Ao dialogar com figuras como Goethe, Schiller, os irmãos Schlegel e Schelling, Caroline contribuiuativamente para a formação do pensamento romântico, demonstrando uma mente perspicaz e original em suas reflexões sobre temas como natureza, arte, amor e liberdade.

Em segundo lugar, as cartas de Caroline desempenharam um papel crucial na sociabilidade e na formação do próprio Círculo de Jena. Funcionando como um elo entre os intelectuais do período, sua correspondência criou uma rede de intercâmbio intelectual fundamental para a consolidação desse importante movimento cultural. Por meio delas, ideias circulavam, encontros eram marcados e projetos conjuntos delineados, documentando, assim, a gênese e o desenvolvimento do Romantismo.

Outro ponto crucial é a perspectiva feminina oferecida pelas cartas em um momento intelectual dominado por homens. A voz de Caroline Schlegel-Schelling, expressa com clareza e convicção, desafiou as convenções sociais da época, reivindicando um espaço de participação ativa no debate público. Suas cartas revelam as dificuldades enfrentadas pelas mulheres para se inserir no mundo intelectual, mas também demonstram sua capacidade de superá-las, oferecendo um olhar singular sobre as questões da época.

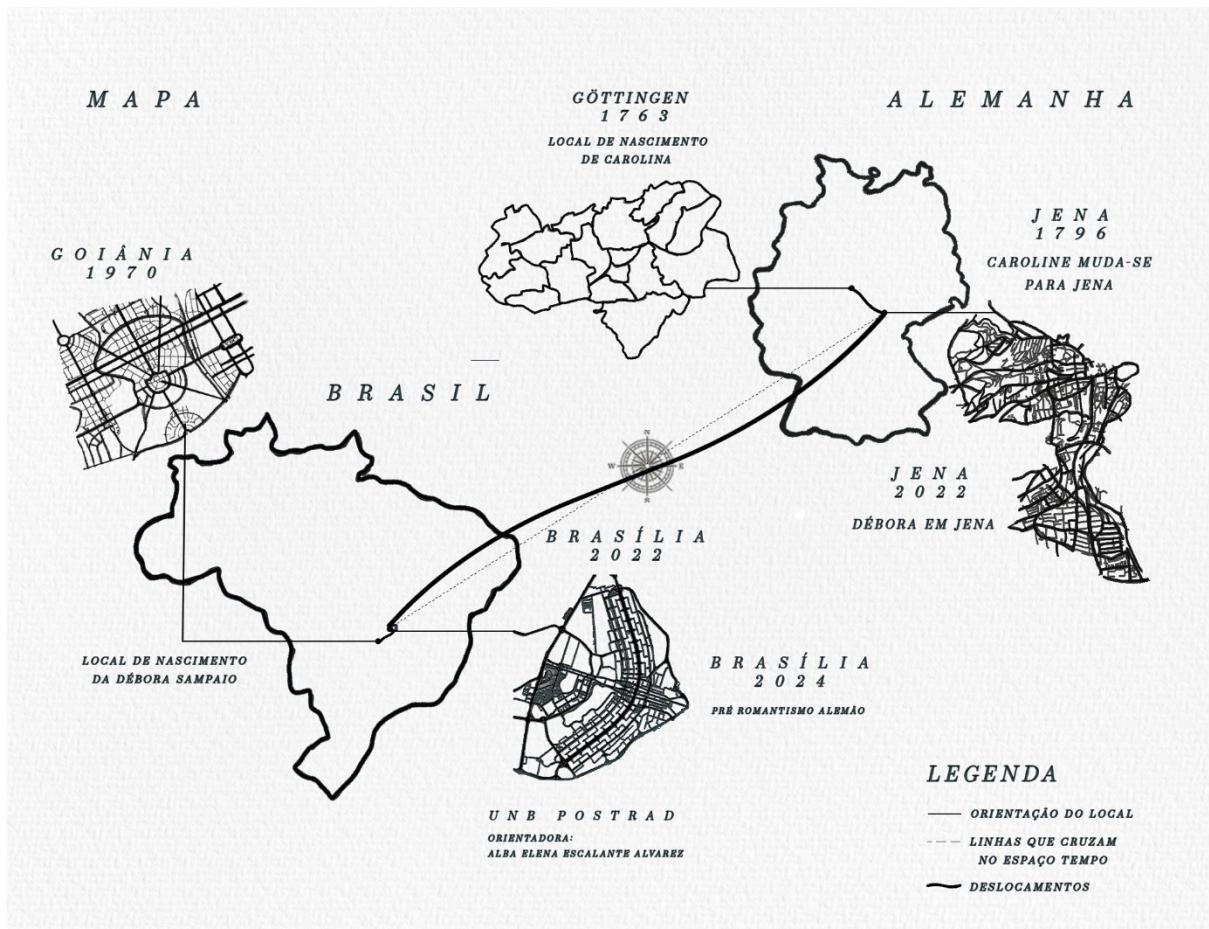
Além disso, a correspondência da autora pesquisada abrange um período crucial de transição entre o *Sturm und Drang* e o Romantismo. Suas cartas registram as mudanças de pensamento e as novas ideias que emergiam nesse momento, documentando a transição de uma estética centrada na emoção e na natureza para uma estética mais voltada para a subjetividade, a imaginação e o ideal. Elas oferecem, portanto, um panorama privilegiado dessa transformação.

Por fim, as cartas de Caroline Schlegel Schelling contribuem significativamente para a teoria romântica ao abordar temas como ironia, fragmento, universalidade poética e relação entre arte e natureza. Suas ideias influenciaram o pensamento de outros românticos, como Friedrich Schlegel e Novalis, contribuindo para a formulação dos princípios estéticos do movimento (Pfankuch, 1957).

Em suma, suas cartas transcendem o caráter de documentos pessoais, constituindo um testemunho fundamental para a compreensão do pré-romantismo e do Romantismo alemão. Elas revelam a participação ativa de uma mulher intelectualmente engajada na formação de um dos mais importantes movimentos culturais da história. Sua correspondência oferece um olhar

privilegiado sobre os debates, as ideias e as relações que marcaram essa época, enriquecendo nossa compreensão do contexto intelectual e cultural do período.

Figura 7 – Encontro cartográfico com Caroline Schlegel-Schelling



Fonte: Elaboração própria.

A presente dissertação, desenvolvida em duas etapas distintas, foi marcada por interrupções e retomadas motivadas por questões de saúde e pelas complexidades inerentes ao trabalho com idiomas. O resultado foi a tradução e análise de cartas de Caroline Schlegel-Schelling. Percebi, ao longo desse processo, que a trajetória da autora dialoga intensamente com minhas próprias experiências de tradução, exílio e deslocamento, lançando luz sobre as complexas relações entre língua, identidade e cultura no contexto do pré-romantismo alemão.

O mapa que acompanha este trabalho vai além da função de mera ilustração cartográfica, configurando-se como uma ferramenta de análise que materializa as conexões entre minha biografia e a história de Caroline, à luz da teoria das linhas de Deleuze e Guattari (2002). Meu percurso se inicia em Goiânia, em 1970, seguido pelo exílio durante a ditadura militar, que me

levou à União Soviética. Nesse novo território, mergulhei na língua e na cultura russas, ao mesmo tempo em que convivi com outras famílias imigrantes, o que conferiu à tradução um caráter essencialmente prático e cotidiano. Essa experiência é simbolizada no mapa pela linha que une Goiânia ao espaço soviético, representando o afastamento do meu país de origem e a imersão em um universo linguístico e cultural distinto.

O retorno ao Brasil, em 1980, marcou o início de um novo tipo de exílio: o silenciamento da língua russa, que havia sido uma ferramenta de comunicação e interação social por anos. Esse processo de perda e recuperação linguística intensificou minha compreensão da intrincada relação entre língua, identidade e poder.

Anos mais tarde, em 2007, a migração para a Alemanha e a necessidade de aprender o alemão como forma de integração social e profissional reacenderam questões relacionadas à adaptação linguística e cultural. Jena, cidade que abriga a Universidade Friedrich Schiller e que foi um importante centro do Romantismo alemão, conecta no mapa dois momentos significativos: o ano de 1796, quando Caroline Schlegel se mudou para lá, e 2022, ano em que visitei a cidade durante o desenvolvimento desta pesquisa. Essa conexão simboliza um diálogo trans temporal e trans espacial entre nossas trajetórias, evidenciando os paralelos entre nossas experiências de vida e a relevância de Caroline para a história da tradução.

Brasília, onde concluo agora meu mestrado na UnB (2022-2025), sob a orientação da professora dra. Alba Elena Escalante Alvarez, representa o espaço acadêmico que me permitiu aprofundar meus estudos sobre Caroline e o pré-romantismo alemão. A partir da análise das cartas de Caroline, busquei compreender as complexas dinâmicas de voz, silenciamento e expressão que permearam sua trajetória e que se entrelaçam com minhas próprias experiências de migração, exílio e adaptação linguística. O “apagamento” temporário da minha língua materna, seguido pela tentativa de recuperação e reapropriação, ecoa, em certa medida, o silenciamento histórico da voz de Caroline e os esforços contemporâneos para resgatá-la e reconhecer sua importância no cenário intelectual de sua época.

Os “itinerários flexíveis” representados no mapa simbolizam as interconexões entre minha biografia, a história de Caroline e o campo dos estudos da tradução. As experiências de deslocamento, adaptação e negociação cultural que marcaram minha vida se assemelham às vivências de Caroline, cuja trajetória foi marcada por mudanças, desafios e recomeços. Nessa conjuntura, a tradução se revela um ato de resistência, recriação e reafirmação da identidade frente às adversidades e aos processos de silenciamento.

A “ambivalência de vidas tecidas com tantos nós”, mencionada anteriormente, orientou minha investigação, evidenciando o papel da tradução como instrumento de superação e transformação. A interseção entre minha história e a de Caroline Schlegel-Schelling não apenas enriqueceu minha compreensão do pré-romantismo alemão, mas também revelou o potencial da tradução como espaço de diálogo intercultural, de reconstrução da memória e de afirmação da identidade. Em última instância, a tradução, assim como a vida, se configura como um rizoma de experiências, saberes e afetos que se entrelaçam, se reconfiguram e se expandem em direções inesperadas.

REFERÊNCIAS

- ALBRECHT, A.; BENNE, C; WITTERS, K (ed.). **Athenäum: Jahrbuch der Friedrich Schlegel Gesellschaft**. Mainz: Friedrich Schlegel-Gesellschaft, 2021.
- ARISTÓTELES. **Poética**. Trad. E. Souza. São Paulo: Ed. Victor Civitta, 1973. (Coleção Pensadores, v. 1 e 2)
- BABEUF, G. Manifesto dos Iguais. In: MARECHAL, S. **Textos Escolhidos da Revolução Francesa**. São Paulo: Editora 34, 2002.
- BASSNETT, S. **Translation studies**. London: Routledge, 2002.
- BEDIN, L.; AMORIM, A. S. L. Uma introdução à teoria das linhas para a cartografia. **Atos de Pesquisa em Educação**. Blumenau, v. 14, n. 3, p. 912-933, set./dez. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.7867/1809-0354.2019v14n3p912-933/>. Acesso em: 7 mar. 2025.
- BENJAMIN, W. A tarefa do tradutor. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Tradução de João Barrento. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- BENJAMIN, W. **O conceito de crítica de arte no Romantismo alemão**. Trad. Márcio Seligmann-Silva. São Paulo: Iluminuras/Edusp, 1993.
- BERMAN, A. **A prova do estrangeiro**: cultura e tradução na Alemanha romântica. Trad. Márcio Seligmann-Silva. Bauru: Edusc, 2002.
- BERMAN, A. **La traduction et la lettre ou l'auberge du lointain**. Paris: Seuil, 1999.
- BERMAN, A. **Tradução e a letra, ou o albergue do longínquo**. Tradutores: Marie-Hélène Catherine Torres, Mauri Furlan e Andreia Guerini. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 1998.
- BLOCH, E. **O princípio esperança**. Rio de Janeiro: Contraponto/EdUERJ, 1995.
- BRODERSEN, M. **Walter Benjamin**: a biography. Tradutores: Malcom Green e Ingrida Ligers. Londres: Verso, 1998.
- CAJA, R. **Filosofía Romántica**: arte, religion y critica. Tradução: Juán Escribano. [S.l.]: Editora Titivillus, 2016.
- CAMARGO, S. A.; FERREIRA, N. P. O estranho na obra de Sigmund Freud e no ensino de Jacques Lacan. **Trivium: Estudos Interdisciplinares**, v. 12, n. 1. p. 81-94, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.18379/2176-4891.2020v1p.81>. Acesso em: 7 mar. 2025.
- CASSIN, B. **Efeito Google**: a segunda transformação do mundo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2018.
- CASSIN, B. **Efeito sofístico**. São Paulo: Editora 34, 2016b.
- CASSIN, B. **Elogio à tradução**: complicar o universal. Tradução: Daniel Falembeck e Simone Petry. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

CASSIN, B. **Vocabulário europeu de filosofias**: dicionário dos intraduzíveis. Organização de Barbara Cassin. Coordenação da edição brasileira: Adriana Moura e Marcelo Jasmin. Tradução: Ana Lúcia dos Santos *et al.* São Paulo: Autêntica Editora, 2016a.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. São Paulo. Ed. Ática, 2000.

DAMM, S. **Caroline Schlegel-Schelling**: Ein Lebensbild in Briefen. Frankfurt: Verlag, 2022. (Insel taschenbuch).

DAMM, S. **Caroline Schlegel-Schelling**: Uma Vida. Frankfurt am Main: Insel Verlag, 2009.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. V. 3. São Paulo: Editora 34, 2002.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**. V. 5. São Paulo: Editora 34, 2002.

DERRIDA, J. **The ear of the other**. Tradução: P. Kamuff. Lincoln: University of Nebraska, 1982.

DISCHNER, G. **Madame Luzifer**. Nordhausen: Verlag Traugott Bautz, 2011.

EAGLETON, T. **The ideology of the aesthetic**. Oxford: Blackwell, 1990.

ECKERMANN, J. P. **Conversations with Goethe in the Last Years of His Life**. Withefish: Kessinger Publishing, 1835.

ENGELS, F. **A situação da classe trabalhadora na Inglaterra segundo as observações do autor e fontes autênticas**. Tradução: Beatriz Schuman. São Paulo: Boitempo, 2007.

ENGELS, F. **Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã**. Trad. Vinícius Matteucci Andrade Lopes. São Paulo: Hedra, 2020.

FICHTE, J. G. **Doutrina da ciência**. São Paulo: Abril Cultural, 1989.

FICHTE, J. G. **Fundamentos da Ciência do Saber**. Tradução: Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1992.

FRANK, M. **The philosophical foundations of early german romanticism**. New York: State University of New York Press, 2003.

FRANK, M. **Unendliche Annäherung**. *Die Anfänge der philosophischen Frühromantik*. Suhrkamp taschenbuch wissenschaft. Berlin: Suhrkamp Verlag, 1997.

FREUD, S. **O incômodo (Das Unheimliche, 1919)**: precedido por “Psicologia do incômodo” de Ernst Jentsch. Tradução: Paulo Sérgio de Souza. São Paulo: Editora Edgard Blücher, 2021.

FREUD, S. O infamiliar. In: FREUD, S. **Obras completas**. Rio de Janeiro: Imago, 2010. (v. XVII: Um caso de histeria, três ensaios e outros trabalhos – 1911-1913).

FREUD, S. **O Inquietante (Das Unheimliche)**. V. XII. Publicação na edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1940.

FURST, L. R. **Romanticism**. London: Methuen, 1979. 128p.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 7. Ed. Barueri: Atlas, 2023.

GODDARD, B. A ética do traduzir: Antoine Berman e a “virada ética” na tradução. **TTR**, v. 14, n. 2, p. 49-82, 2001. Disponível em: <https://www.erudit.org/en/journals/ttr/2001-v14-n2-ttr409/000569ar/>. Acesso em: 7 mar. 2025.

GOETHE, J. **Die Leiden des jungen Werthers**. Stuttgart: GmbH & Co. KG, 2017.

GOETHE, J. W. von. **Fausto**. São Paulo: Editora 34, 2021.

GOETHE, J. W. von. **Propyläen**, Weimar, 1798-1800.

GRIMM, J.; GRIMM, W. Romantik. In: GRIMM, J.; GRIMM, W. **Deutsches Wörterbuch**. 16. v. 14, col. 895-902. Aufl. Leipzig: Hirzel, 1900..

HÄDECKE, W. **Novalis**: biographie Hanser. München: Carl Hanser Verlag GmbH & Co., 2011.

HARDENBERG, F. von (Novalis). **Pólen**: fragmentos, diálogos, monólogo. Tradução, apresentação e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Iluminuras, 2009.

HEIDERMAN, W. (org). **Sobre os diferentes métodos de tradução**. Trad. Celso Braida. Florianópolis: Ed.UFSC, 2010. (Antologia Bilíngue da Tradução. v.1).

HERDER, J. G. **Ideias para a filosofia da história da humanidade**. Petrópolis: Vozes, 2004.

HUMBOLDT, W. V. **Humboldt**: linguagem, literatura, bildung. São Paulo: Edusp, 2018.

IMPÉRIO de Napoleão. **Educabras**, [s.d.]. Disponível em: <https://www.educabras.com/aula/imperio-de-napoleao>. Acesso em: 11 set. 2024.

JOHNSON, L. Schelling und das Unheimliche. **Jahrbuch Der Schelling-Gesellschaft**, n. 1, p. 69-82, 2012.

KANT, I. **Crítica da faculdade de julgar**. Trad. Valério Rohden e António Marques. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

KANT, I. **Crítica da faculdade do juízo**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2016.

KLAUS, P. **Friederich Schlegel**. Stuttgart: Metzller, 1978.

LEWITSCHAROFF, S. **Blumen für Otello**. Berlin: Suhrkamp, 2011.

LIMA, G. N.; FILICE, R. C. G.; HARDEN, A. R. O. Raça e interseccionalidade na tradução: algumas considerações para uma ética no fazer tradutório. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 61, n. 1, 2022. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tla/a/Cgyj6xPkWrTLWkDqdDxQsJL/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 7 mar. 2025.

LÜHR, R.; LLOYD, A. L.; **Etymologisches Wörterbuch des Althochdeutschen**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 2014. (Band 5: Iba – Luzzilo; Kindle Edition).

LUNN, E. **Prophets of revolt**: Ferdinand Lassalle, the Friedrich Engels, and the origins of democratic socialism. Berkeley: University of California Press, 2005.

MEDEIROS, L. C. Tradução, apresentação e notas. In: SCHLEGEL, F.; SCHLEGEL, A. W. **Conversa sobre Poesia. Fragmentos da Athenaeum**. Belo Horizonte: Relicário Edições, 2020.

MOSSE, G. L. **The Nationalization of the Masses**: political symbolism and mass movements in germany from the Napoleonic Wars Through the Third Reich. New York: Howard Fertig, 1975.

MOURA, H. X. *et al.* **Blackletter**: Fraktur. [s.l.]: Itemzero, 2022

NEUMANN, P. **Jena 1800**: Die Republik der freien Geister. München: Siedler Verlag, 2018.

NOVALIS. **Hinos a noite e outros fragmentos**. São Paulo: Estação Liberdade, 2003.

NOVALIS. **Schriften Werke, Tagebucher und Briefe Friedrich von Hardenbergs**. Edição de Hans-Joachim Maehl e R. Samuel. Munique; Viena: Carl Hanser Verlag, 1978. v. II.

NOVALIS. **Schriften**: Kritische Neuausgabe Auf Grund Des Handschriftlichen. Berlim: De Gruyter 1901. v. II.

NOVALIS. **Werke, Tagebücher und Briefe Friedrich von Hardenbergs**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1978. v. I.

PETERSDORFF, D. von; BREUER, U. (org.). **Das Jenaer Romantikertreffen im November 1799**: Ein romantischer Streitfall. Paderborn: Ed. Ferdinand Schöningh, 2015.

PFANKUCH, P. Caroline Schelling. **Neue Deutsche Biographie**, v. 3, S. 156-159, 1957. Disponível em: <https://www.deutsche-biographie.de/pnd118607142.html>.

PIGENOT, L. V. **Hölderlin**: Sämtliche Werke. Dritter Rand Besorgt Durch Gedichte / Empedokles Philosophische Fragmente. Berlin: Propyläen-Verlag, 1943.

PILZ, E. Beteutende Frauen des 18. Jahrhunderts: Elf biographische essays. In: KAMINSKI, K. **Caroline Schlegell-Schelling**: ein Leben zwischen Aufklärung und Romantik. Leistenstraße: Königshausen & Neumann, 2007.

RADEMACHER, C. Allein Gegen den Kaiser. **Geo Epoche: Deutschland um 1800**, n. 79, p. 2016.

ROCKS, P.; SCHMIDT, P. **Literarische und Politische Zeitschriften 1789-1805**. Stuttgart: Metzler, 1975. v. 121.

ROMÃO, Tito Lívio Cruz. **O método de tradução de Friedrich Schleiermacher sob o olhar crítico de Johann Albrecht Karl Schäfer**. 2013. 218f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Curso de Pós-graduação em Estudos da Tradução, Santa Catarina, 2013.

ROSSEAU, J. **Emílio ou da Educação**. Trad. Thomaz Kawuache. São Paulo: Unesp, 2022.

SCHLEGEL, A. W. *Literarischer Reichsanzeiger oder Archiv der Zeit und ihres Geschmaks. Athenaeum*, 2, Stuck 2, S. 328-340, 1799.

SCHLEGEL, F. **Fragmentos sobre poesia e literatura (1797-1803)**. São Paulo: Unesp, 2016.

SCHLEGEL, F. **Lucinde and the fragments**. Tradução: P. Firchow. Minneapolis: University of Minnesota Press, 1971.

SCHLEGEL, F. **Lucinde**. Stuttgart: EGmbH & Co. KG, 2020.

SEIDENBECHER, W. **Das Leben der Caroline Schlegel-Schelling**: Biographie. München: C.H. Beck, 2013.

SELIGMANN-SILVA, M. **Derrida**: tradução testemunho e “otobiografia”. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2020.

SELIGMANN-SILVA, M. **Ler o livro do mundo**: Walter Benjamin: Romantismo e crítica poética. 2. ed. São Paulo: Iluminuras/Fapesp, 1999.

SELIGMANN-SILVA, M. **O local da diferença**: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução. São Paulo: Editora 34, 2005.

SELIGMANN-SILVA, M. **Passagem para o outro como tarefa**: tradução, testemunho e pós-colonialidade. Rio de Janeiro: UFRJ, 2022.

THOMAS R. H.; BULLIVANT, K. **A Critical History of German Film**. New York: Berghahn Books, 2018.

TSIGKANA, E. *et al.* **Grammatik des Neugriechischen**: eine einführung. Wien: Verlag der Österreichischen Akademie der Wissenschaften, 2018.

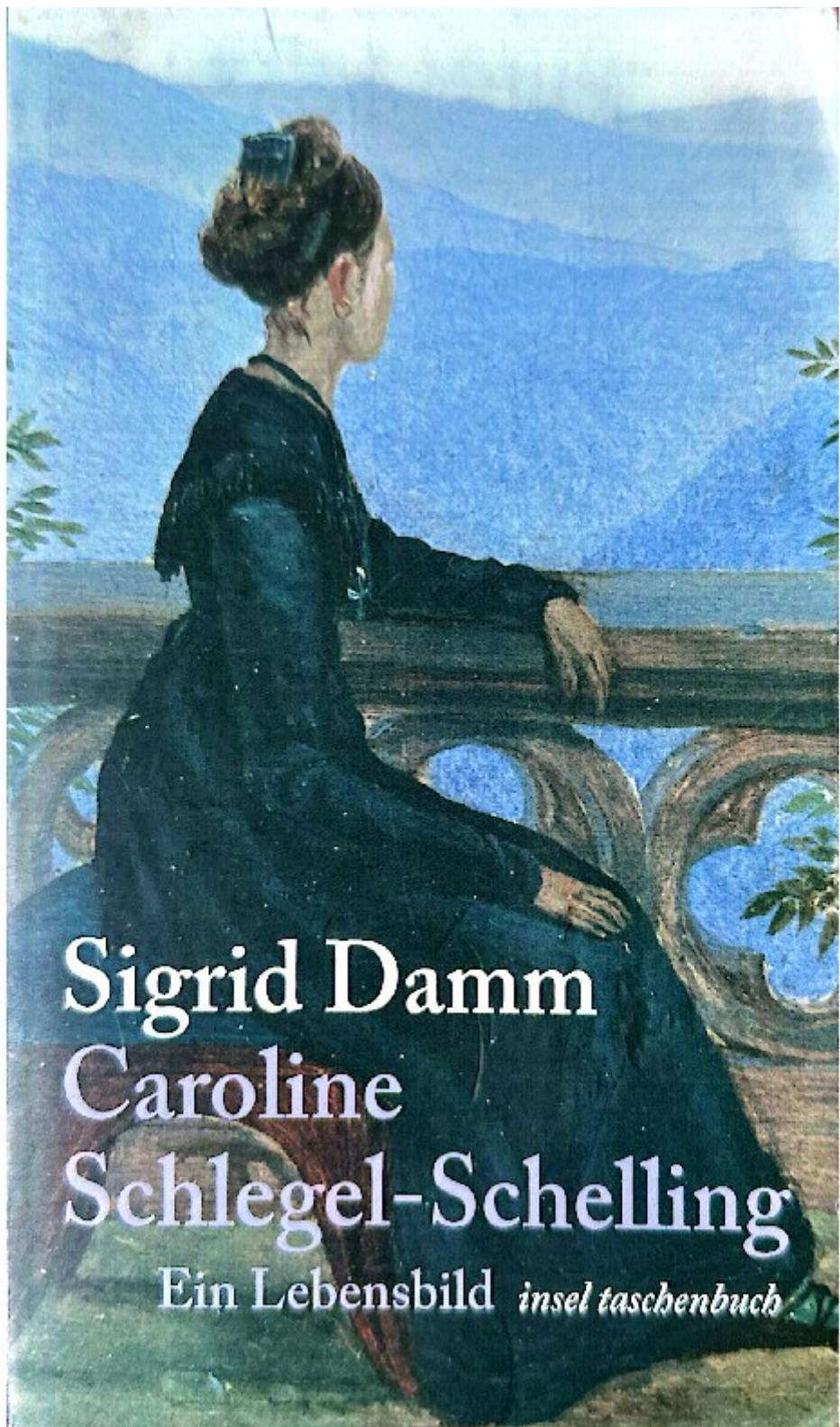
TYNIÁNOV, Y. *Die Literarische Kunstmittel und die Evolution in der Literatur (1894-1943)*. In: DISCHNER, G. **Caroline und der Jenaer Kreis**: Ein Leben zwischen buergerlicher Vereinzelung und romantischer Geselligkeit. Berlin: Verlag Klaus Wagenbach, 1979.

WETTERS, K. *et al.* (ed.). **Athenäum Jahrbuch der Friedrich Schlegel-Gesellschaft**. 19. ed Missouri: Ferdinand Schoening, 2009.

WULF, A. **Magnificent rebels: the first romantics and the invention of the self**. Rio de Janeiro: John Murray, 2022.

WULF, A. **Magníficos Rebeldes:los primeros románticos y la invención del yo**. Tradutor: Abraham Gragera. Madrid: TAURUS, 2022.

ANEXO 1 – CARTAS CAROLINE E NOVALIS





4. Auflage 2022

Erste Auflage 2009
insel taschenbuch 3420

© Insel Verlag Frankfurt am Main und Leipzig 2009
Alle Rechte vorbehalten, insbesondere das der Übersetzung,
des öffentlichen Vortrags sowie der Übertragung
durch Rundfunk und Fernsehen, auch einzelner Teile.

Kein Teil des Werkes darf in irgendeiner Form
(durch Fotografie, Mikrofilm oder andere Verfahren)
ohne schriftliche Genehmigung des Verlages reproduziert
oder unter Verwendung elektronischer Systeme
verarbeitet, vervielfältigt oder verbreitet werden.

Hinweise zu dieser Ausgabe am Schluß des Bandes
Vertrieb durch den Suhrkamp Taschenbuch Verlag

Satz: Memminger MedienCentrum AG

Umschlagabbildung: Carl Gustav Carus,
Frau auf dem Balkon, 1824 akg-images

Druck: CPI books GmbH, Leck

Printed in Germany

ISBN 978-3-458-35120-7

www.insel-verlag.de

Inhalt

Sigrid Damm	
Begegnung mit Caroline	9

Caroline Schlegel-Schelling	
Briefe 1781-1809	85
Dokumente	243

Anhang

Anmerkungen	257
Verzeichnis der Personen	295
Lebensdaten	310
Zu dieser Ausgabe	313
Literatur (in Auswahl)	314

Der Verse sind nun fast zu viel, und fahren so lose in und ~~aus~~ einander, wie die angeknüpften Geschichten und Begebenheiten, in denen gar viel leise Spuren von mancherley Nachbildungungen sind. Solt ich zu streng seyn, oder vielmehr Unrecht haben? Wilhelm will es mir jetzt vorlesen, ich will sehn, wie wir gemeinschaftlich urtheilen.

d. 15 Oct.

Fast habe ich so wenig Kunstsinn wie Tieks liebe Amalie, denn ich bin gestern bey der Lektür eingeschlafen. Doch das will nichts sagen. Aber freylich wir kommen wachend in Obigen überein. Es reißt nicht fort, es hält nicht fest, so wohl manches Einzelne gefällt, wie die Art des Florestan bei dem Wettgesang dem Wilhelm gefallen hat. Bey den muntern Szenen hält man sich am liebsten auf, aber wer kann sich eben dabey enthalten zu denken, da ist der Wilhelm Meister und zu viel W. M. Sonst guckt der alte Trübsinn hervor. Eine Fantasie, die immer mit den Flügeln schlägt und flattert und keinen rechten Schwung nimt. Mir thut es recht leid, daß es mir nicht anders erscheinen will. Was Göthe geurtheilt hat, theilen Sie ihm doch unverhohlen mit.

[...]

37 An Novalis

[Jena] 4. Febr. 1799

Ob Sie mich gleich mit Ihren Dithyramben über das mercantilische Genie, das uns fehlt und Sie auch nicht haben, einmal recht böse gemacht, so sind Sie doch besser wie ich gewesen. Sie geben wenigstens Nachricht von sich. Ich aber habe mich in Absicht der nöthigen Mittheilungen ganz auf Ihre Weihnachtsunterhaltung mit der Ernst verlassen und mehr an Sie gedacht als geschrieben. Endlich kommt beides zusammen. ✓

Was Sie von Ihrer Kränklichkeit erwähnen, darüber will

ich mich nicht ängstigen, weil immer viel guter Muth dadurch hervorleuchtet, und Sie bei Ihrer Reizbarkeit immer Zeiten haben müssen, wo Sie nichts taugen. Das Wort des Trostes, was Sie nennen, geht mir weit mehr zu Herzen: Diebe. Welche? Wo? Im Himmel oder auf Erden? Und was haben Sie mir mündlich Schönes und Neues zu sagen? Thun Sie es immer nur gleich, wenn es nichts sehr Weitläufiges und etwas Bestimmtes ist. Es giebt keine Liebe, von der Sie da nicht sprechen könnten, wo, wie Sie wissen, lauter Liebe für Sie wohnt. In der That - darf ich alle Bedeutung in den Schluß Ihres Briefes legen, den er zu haben scheint? Ich will ruhig schweigen, bis Sie mirs sagen.

Ihre übrige innerliche Geschäftigkeit aber macht mir den Kopf über alle Maßen warm. Sie glauben nicht, wie wenig ich von eurem Wesen begreife, wie wenig ich eigentlich verstehe, was Sie treiben. Ich weiß im Grunde doch von nichts etwas als von der sittlichen Menschheit und der poetischen Kunst. Lesen thu ich alles gern, was Sie von Zeit zu Zeit melden, und ich verzweifle nicht daran, daß der Augenblick kommt, wo sich das Einzelne auch für mich wird zusammen reihen und mich Ihre Äußerungen nicht blos darum, weil es die Ihrigen sind, erfreuen. Was ihr alle zusammen da schaffet, ist mir auch ein rechter Zauberkessel. Vertrauen Sie mir vors Erste nur so viel an, ob es denn eigentlich auf ein gedrucktes Werk bey Ihnen herauskommen wird, oder ob die Natur, die Sie so herrlich und künstlich und einfach auch construiren, mit Ihrer eignen herrlichen und kunstvollen Natur für diese Erde soll zu Grunde gehn. Sehn Sie, man weiß sich das nicht ausdrücklich zu erklären aus Ihren Reden, wenn Sie ein Werk unternehmen, ob es soll ein Buch werden, und wenn Sie lieben, ob es die Harmonie der Welten oder eine Harmonika ist.

Was kann ich Ihnen von Ritter melden? Er wohnt in Belvedere und schickt viel Frösche herüber, von welchen dort Überfluß und hier Mangel ist. Zuweilen begleitet er sie selbst, allein ich sah ihn noch nie, und die Andern versichern mir, er

würde auch nicht drei Worte mit mir reden können und mögen. Er hat nur *einen* Sinn, so viel ich merke. Der soll eminent seyn, aber der höchste, den man für seine Wissenschaft haben kann, ist es doch wohl nicht – der höchste besteht aus vielen. Schelling sagt, Sie sollen Rittern nur schreiben, wenn Sie ihm etwas zu sagen haben. Es thäte nichts, daß Ritter selbst gar nicht schreiben könnte. Aufs Frühjahr werden Sie ihn ja sehn.

Was Schelling betrifft, so hat es nie eine sprödere Hülle gegeben. Aber ungeachtet ich nicht sechs Minuten mit ihm zusammen bin ohne Zank, ist er doch weit und breit das Interessanteste was ich kenne, und ich wollte, wir sähen ihn öfter und vertraulicher. Dann würde sich auch der Zank geben. Er ist beständig auf der Wache gegen mich und die Ironie in der Schlegelschen Familie; weil es ihm an der Fröhlichkeit mangelt, gewinnt er ihr auch so leicht die fröhliche Seite nicht ab. Sein angestrengetes Arbeiten verhindert ihn oft auszugehn; dazu wohnt er bei Niethammers und ist von Schwaben besetzt, mit denen er sich wenigstens behaglich fühlt. Kann er nicht nur so unbedeutend schwatzen oder sich wissenschaftlich mittheilen, so ist er in einer Art von Spannung, die ich noch nicht das Geheimnis gefunden habe zu lösen. Neulich haben wir seinen vierundzwanzigsten Geburtstag gefeiert. Er hat noch Zeit milder zu werden. Dann wird er auch die ungemessne Wuth gegen solche, die er für seine Feinde hält, ablegen. Gegen alles, was Hufeland heißt, ist er sehr aufgebracht. Einmal erklärte er mir, daß er in Hufelands Gesellschaft nicht bei uns seyn könnte. Da ihn Hufeland selbst bat, ging er aber doch hin. Ich habe ihm mit Willen diese Inconsequenz nicht vorgerückt. Er hat so unbändig viel Charakter, daß man ihn nicht an seinen Charakter zu mahnen braucht. Der Norwege Steffens, den ich Ihnen schon angekündigt habe, hat hier in der Gesellschaft weit mehr Glück gemacht. Das scheint ihn auch so zu fesseln, daß es die Frage ist, ob er noch nach Freiberg kommt. Er würde Ihnen angenehm gewesen

seyn. Er ist es uns auch, aber ganz kann ich ihn nicht beurtheilen, denn ich weiß nicht, wie weit er da hinausreicht, wo ich nicht hinreiche, und die Philosophie ist es doch, die ihn erst ergänzen muß.

In Fichten ist mir alles klar, auch alles was von ihm kommt. Ich habe Charlotten aufgetragen, Ihnen seine Appellation zu schicken; er läßt Sie daneben grüßen. Schreiben Sie mir etwas darüber, das ich ihm wieder bestellen kann. Was sagen Sie zu diesem Handel? was zu Reinharden? und wie ihn Fichte zwischen Spalding und Jacobi stellt. – Ein wenig zu viel Accent hat Fichte auf das Märtyrerthum gelegt. Das Übrige ist alles hell und hinreißend. Ich bin andächtig gewesen, da ich es las, und überirdisch. In Dresden wird die Schrift noch nicht zu haben seyn. Ich bereedete Fichte, sie Ihrem Vater zu schicken, und glaube, daß ers gethan hat.

Nach dem Atheismus ist hier das neuste Evenement die Aufführung des ersten Theils von Wallenstein, die Piccolomini, in Weimar. Wir haben sie gesehn, und es ist alles so vortrefflich und so mangelhaft, wie ich mir vorstellte. Die Wirkung des Ganzen leidet sehr durch die Ausdehnung des Stoffes in zwei Schauspiele. Aber das Dramatische interreßirt Sie nicht – ich will mir die paar Augenblicke, die uns bleiben, hiermit nicht rauben. Göthe bringt den Februar hier zu. Die Elegie ist noch nicht vollendet, das Athenäum erst zur Hälfte gedruckt.

Von Friedrich nichts, bis ich die Veit und Lucinde gesehn. Wir gehen in der Woche vor Ostern nach Berlin, wo jene den Sommer über bleiben werden. Lieber Hardenberg, gehn Sie mit uns! Wir können Sie ja in Naumburg treffen. Es wäre gar zu hübsch. Denken Sie mit Ernst daran.

Wir sind fleißig und sehr glücklich. Seit Anfang des Jahrs komme ich wenig von Wilhelms Zimmer. Ich übersetze das zweite Stück Shakespear, Jamben, Prosa, mitunter Reime sogar. Adieu, ich muß dies wegschicken.

[Jena] 20. Febr. 1799

So ist es denn wahr, mein liebster Freund? Sie haben uns recht glücklich und froh gemacht! Ihren Freunden blieb bisher kein ander Mittel übrig, als nur an Sie allein, nicht an Ihre Zukunft zu denken, und Sie hatten uns auch oft alle Sorge verboten. Ich nahm das selbst so an – gegen die, die uns lieb sind, wird man so leicht gelehrt und gehorsam. Nie habe ich Sie gefragt, wie wird sich der Knoten lösen? kann das so bleiben? Kaum habe ich mich selbst gefragt. Ich war ruhig im Glauben – denn ich habe doch am Ende mehr Glauben als ihr alle – nicht daß es grade so kommen würde, aber daß sich an irgend einer Brust die Spannung brechen müßte, und das Himmlische mit dem Irdischen vermählen. Was Sie Scheidung zwischen beiden nennen, ist doch Verschmelzung. Warum soll es nicht? Ist das Irdische nicht auch wahrhaft himmlisch? Nennen Sie es aber wie Sie wollen, genug Sie sind glücklich. Ihr Brief ist eigentlich voll Wonne und wie auf Flügeln zu mir gekommen.

Ich freue mich jetzt – wie Sie sich freuen werden – daran zu denken, wie dies so sich machen mußte. Nur in dieser fast öden Einsamkeit, durch das Band der süßen Gewohnheit konnten Sie allmälig gewonnen werden. Wie weise und artig setzten Sie uns einmal auseinander, daß dies alles keine Gefahr habe, Gefahr nicht, aber Folgen doch. Soll das Liebenswürdige umsonst seyn? Wie doppelt leid thut es mir, Julien nicht gesehn zu haben. Es war meine Schuld nicht, die Ihrige auch wohl nicht. – Sehn Sie, liebster Hardenberg, das könnte mich doch traurig machen, wenn Sie nicht unser blieben, wenn Ihre Frau nicht unsre Freundin durch sich selber würde, aus eigner Neigung. Kommen Sie nur, wir schwatzen mehr darüber. Es ist fast wahrscheinlich, daß Sie um Ostern uns hier finden und wir erst um Pfingsten reisen.

Charlotten haben Sie gewiß aufs Leben verboten uns

nichts zu sagen, denn ich errathe nun, sie hat es um Weihnachten erfahren, aber geschwiegen über alle Maßen. Sie schreibt mir eben, daß sie Charpentier und Sie zusammen hofft bei sich zu sehn. Ein Glück, das sie nicht gern schreibt; gesagt hätte sie mirs doch. Friedrich verräth auch eine Ahnung – ich habe ihm Gewißheit gegeben. Sehr möglich, daß *ein* Dach uns alle noch in diesem Jahr versammelt. Friedrich bleibt den Sommer in Berlin, was mir lieb ist. Im Winter wünscht er herzukommen. Sie leben in Weißfels. Sie könnten auch wohl einmal eine Zeitlang hier leben. – Mit Ihrem Vater ist wohl alles überlegt und es stehn Ihnen keine Schwierigkeiten im Wege? Er wird nur froh seyn, Sie froh zu wissen. Muß sich Thielemann nicht unendlich freuen! Ihren andern Schwager abandonniren wir Fichten.

Es ist kein Zweifel, wenn Fichte sich ganz von Reinhards Mitwirkung überzeugen könnte, so würde er ihn zum zweiten Göze machen. Er willt noch nicht glauben, oder vielmehr er wünscht Thatsachen, um den Glauben in der Hand zu haben. Mit der letzten Post hat er Reinhart selbst geschrieben, ihm seine Schrift geschickt und ihn zum Wehe über das Pfaffenthum aufgefordert. Er will abwarten, was er darauf erwiedert. Schreiben Sie es *mir* nur, ob Sie es gewiß wissen. Ich zweifle nicht einen Augenblick daran, aber schwerlich hat er doch offen genug gehandelt, daß man Thatsachen von ihm anführen könnte. Fichten ist sehr daran gelegen übrigens. Ich habe ihm den größten Theil Ihres Briefs mitgetheilt – ja, weil er Sie so liebt, auch das, was Sie angeht, und worüber er sich innig gefreut hat. Daß man in Preußen honnet verfahren ist, werden Sie nun wissen.

Bald, bald kommt das dritte Stück Athenäum. Hier ist indessen etwas andres. Was werden Sie zu dieser Lucinde sagen? Uns ist das Fragment im Lyceum eingefallen, das sich so anfängt: Saphische Gedichte müssen wachsen oder gefunden werden etc. Lesen Sie es nach. – Ich halte noch zur Zeit diesen Roman nicht mehr für einen Roman als Jean Pauls Sachen –

mit denen ich es übrigens nicht vergleiche. Es ist weit phantastischer, als wir uns eingebildet haben. Sagen Sie mir nun, wie es Ihnen zusagt. Rein ist der Eindruck freilich nicht, wenn man einem Verfasser so nahe steht. Ich halte immer seine verschlossene Persönlichkeit mit dieser Unbändigkeit zusammen und sehe, wie die harte Schale aufbricht – mir kann ganz bange dabey werden, und wenn ich seine Geliebte wäre, so hätte es nicht gedruckt werden dürfen. Dies alles ist indeß keine Verdammniß. Es giebt Dinge, die nicht zu verdammen, nicht zu tadeln, nicht wegzuwünschen, nicht zu ändern sind, und was Friedrich thut gehört gemeinlich dahin.

Wilhelm hat die Elegie geendigt. Eine Abschrift hat Göthe, der hier ist, die andere Friedrich. Sie müssen also warten. Der eigentliche Körper des Gedichts ist didaktisch zu nennen und sollte es auch seyn nach Wilhelms Meinung. Die Ausmalung des Einzelnen ist vortrefflich – das Ganze vielleicht zu umfassend, um als Eins in der Seele aufgenommen zu werden, wenigstens erfordert dies eine gesammelte Stimmung. Sie sollen es hier lesen. Es kommt in das vierte Stück.

Wenn Sie herkommen, so treten Sie doch gleich bey uns ab, wenn Sie keine Ursach weiter haben es nicht zu thun. An Ihrem Verkehr mit Schiller hindert es Sie gar nicht. In der Mitte des April kommt der vollständige Wallenstein auf das Theater. Wollen Sie ihn nicht sehn?

Göthe ist sehr mit Optik für die Propyläen beschäftigt und an keinem öffentlichen Orte sichtbar. Leben Sie wohl, Bester, ich muß noch an Charlotten schreiben. Julie ist uns gegrüßt! Theilen Sie Charlotten die Lucinde mit.

»Sie wagte zu leben. Das ist ihre unerhörte
Kühnheit.« Sigrid Damm

Caroline Schlegel-Schelling war unter den Frauen der Romantik die faszinierendste Persönlichkeit. Sie wußte ihr Leben in historisch aufgezwungenen engen Grenzen bewußt zu gestalten – ausgehend von der frühen Weigerung, im »Hauptzweck des Weibes« ihren eigenen Hauptzweck zu sehen.



ISBN 978-3-458-35120-7



9 783458 351207

€ 10,00 [D] • € 10,30 [A]

www.insel-verlag.de

ANEXO 2 – PÔSTER

Pôster que abre o *Romantik Haus* de Jena, celebrando o momento em que os participantes do Círculo de Jena reuniam-se para a celebração independente do “Eu” ou “Ich”.

Figura SEQ Figura * ARABIC 7 – Arquivo *Romantik Haus* Jena

